ANNO XXXII N. 254

Por 3 mezes adiantados 4$000.
Por 3 mezes vencidos 4$500.

TERÇA FEIRA 28 DE OUTUBRO DE 1856.

Por anno adiantado 15$000.
Porte franco para o subscriptor.

DIARIO DE PERNAMBUCO.

ENCARREGADOS DA SUBSCRIPCAO' NO NORTE

Parahiba, o Sr. Gervazio V. da Natividade; Natal, o Sr. Joaquim I. Pereira Junior; Aracaty, o Sr. A. de Lemos Braga; Ceará, o Sr. J. José de Oliveira; Maranhão, o Sr. Joaquim Marques Rodrigues; Piauhy, o Sr. Domingos Herculano A. Pessoa Cearense; Pará, o Sr. Justiniano J. Ramos; Amazonas, o Sr. Jeronymo da Costa.

PARTIDA DOS CORREIOS.

Olinda: todos os dias, às 9 e meia horas do dia.
Iguarassu, Goianna e Parahiba: nas segundas e sextas-feiras.
S. Antão, Bezerros, Bonito, Caruaru, Altinho e Garanhuns: na terça-feira.
S. Lourenço, Pau-d'Alho, Nazareth, Limoeiro, Brejo, Pesqueira, Ingazeira, Flores, Villa-Bella, Boa-Vista, Ouricury e Exú: nas quartas-feiras.
Cabo, Ipojuca, Serinhãem, Rio-Formoso, Una, Barreiros, Agua-Preta, Pimenteiras e Natal: quintas-feiras.
(Todos os correios partem as 10 horas da manhãa.)

AUDIENCIAS DOS TRIBUNAES DA CAPITAL.

Tribunal do commercio: segundas e quintas.
Relação: terças-feiras e sabbados.
Fazenda: quartas e sabbados as 10 horas.
Juizo do commercio: segundas as 10 horas e quintas ao meio-dia.
Juizo de orphãos: segundas e quintas as 10 horas.
Primeira vara do civel: segundas e sextas ao meio-dia.
Segunda vara do civel: quartas e sabbados ao meio-dia.

EPHEMERIDES DO MEZ DE OUTUBRO

7 Quarto crescente as 3 horas 19 minuto e 48 segundos da m.
13 Lua cheia as 9 minutos e 20 segundos da tarde.
20 Quarto minguante as 3 horas, 47 minutos e 48 segundos da t.
28 Lua nova as 8 horas, 24 minutos, 48 segundos da tarde.

PREAMAR DE HOJE.

Primeira as 4 horas e 30 minutos da tarde.
Segunda as 4 horas e 54 minutos da manhãa.

DIAS DA SEMANA.

27 Segunda. Vigilia sem jejum pelo indulto S. Elesbão.
28 Terça. (sem dia santo por indulto) Ss. Simão e Judas.
29 Quarta. Trasladação de S. Isabel viuv. rainha f.
30 Quinta S. Euno m.: S. Macario m.
31 Sexta. Vigilia) Jejum. S. Quintino m.
1 Sabbado. ✠ Festa de todos os Santos. S. Cezario.
2 Domingo. 24 S. Victorino m.: Ss. Thobias e Eudocio Mm.

ENCARREGADOS DA SUBSCRIPCAO NO SUL

Alagoas, o Sr. Claudino Falcão Dias; Bahia o Sr. D. Duprat; Rio de Janeiro, o Sr. João Pereira Martins.

EM PERNAMBUCO.

O proprietario do DIARIO Manoel Figueiroa de Faria, na sua livraria, praça da Independencia ns. 6 e 8.

PARTE OFFICIAL.

GOVERNO DA PROVINCIA.

Expediente do dia 21 de outubro.

Officio— Ao inspector da thesouraria de fazenda, communicando que por decreto do 1. do corrente, segundo consta do aviso do ministerio da fazenda de 4 deste mez, fora nomeado o praticante dessa thesouraria Jucundiano Rodrigues de Oliveira, para segundo escripturario da da Parahyba, ao qual se deverá abonar 150$ rs. como ajuda de custo.

Dito— Ao mesmo, inteirando-o de haver o promotor publico da comarca do Bonito o bacharel Luiz de Albuquerque Martins Pereira, participado que no dia 17 do corrente entrara no gôzo da licença que lhe foi concedida.— Fizeram-se as outras communicações.

Dito— Ao mesmo, declarando que por decreto de 8 do corrente, o conselheiro João Mauricio Wanderley, fora nomeado para o cargo de ministro e secretario de estado dos negocios da fazenda.

Dito— Ao mesmo, declarando que o juiz de direito da 2. vara crime, bacharel Alexandre Bernardino dos Reis e Silva, participara que por se achar doente passara hontem o exercicio da vara ao seu substituto.— Igual communicação se fez ao conselheiro presidente da relação.

Dito— Ao commandante superior da guarda nacional de Nazareth, recommendando que não consinta que Jacintho Gomes Borges Uchoa seja chamado para o serviço como simples guarda nacional emquanto não se resolver acerca de um requerimento em que elle pedio ser reformado no posto que occupou de capitão da extincta guarda nacional daquelle municipio, praticando S. S. o mesmo acerca do de mais officiaes que estiverem em identicas circumstancias.

Dito— Ao capitão do porto, declarando que os vapores da companhia Pernambucana pelas condições annexas ao decreto numero 1478 de 22 de novembro de 1854, tem direito aos vapores outorgados ao da companhia de paquetes na 15. das condições a que se refere o decreto numero 767 de 10 de março de 1851.— Igual declaração se fez ao marechal commandante das armas.

Dito— Ao mesmo, recommendando que não obrigue a tripolação do vapor « Iguarassu' » a nova matricula em cada viagem, e somente quando occorrer alguma alteração observando acerca dos individuos em que ella se der, o mesmo que se pratica em virtude do aviso que remette por copia expedido a' capitania do porto do Rio de Janeiro em 22 de março do anno passado acerca das tripolações dos vapores da companhia de paquetes, ficando S. mc. certo de que vou dar sciencia de semelhante deliberação ao governo imperial, afim de que resolva o que entender mais acertado.

Dito— Ao inspecter do arsenal de marinha, communicando que por decreto de 8 do corrente, o conselheiro José Maria da Silva Paranhos, foi nomeado para exercer interinamente o cargo de ministro e secretario de estado dos negocios da marinha.— Fizeram-se as outras communicações.

Dito— Ao mesmo, remettendo por copia o aviso de 30 de setembro ultimo, no qual o Exm. Sr. ministro da justiça ordena que sejam entregues ao commandante do vapor Amazonas, da companhia Amazonas, vinte e cinco africanos dos apprehendidos em Serinhaem.

Dito— Ao tenente-coronel director das obras militares, para mandar fazer no quartel do Hospicio, os concertos de que trata o marechal commandante das armas no officio, que remette por copia.

Dito— Ao juiz municipal de villa Bella, communicando que segundo constou de participação da secretaria do ministerio da justiça de 23 de setembro ultimo, se concederam a S. mc. dous mezes de licença com ordenado, para tratar de sua saude.— Fizeram-se as outras communicações.

Dito— A Francisco Antonio Brayner de Souza Rangel, communicando que por decreto de 25 de setembro ultimo, se lhe fez mercê da serventia vitalicia dos officios de segundo tabellião de notas e escrivão do crime e civel do termo do Pao d'Alho.— Fizeram-se as nessarias communicações.

Circular— As camaras da provincia.— Recommendando a' Vmcs. a fiel execução, na parte que lhes toca, do disposto no avizo da repartição do imperio de 30 de setembro ultimo, constante do incluso exemplar, no qual esta' declarado que os collegios eleitoraes desta provincia devem reunir-se no dia 2 de dezembro proximo vindouro para celebrar a sessão preparatoria de que trata o artigo 69 da lei de 19 de agosto de 1846; e no immediato dia 3 para proceder a eleição de deputados geraes para a legislatura de 1857 a 1860.— Tambem officiou-se aos juizes de paz dos primeiros districtos.

COMMANDO DAS ARMAS.

Quartel general do commando das armas de Pernambuco, na cidade do Recife, em 27 de outubro de 1856.

ORDEM DO DIA N. 359.

Tendo chegado hontem da provincia das Alagoas, com o fim de servir nesta guarnição, uma força do 8. batalhão de infantaria do exercito, composta de cem praças, inclusive cinco officiaes subalternos, determina o marechal de campo commandante das armas que essa força fique addida ao 10. batalhão da mesma arma, devendo o respectivo Sr. tenente-coronel commandante distribui-la pelas companhias pela maneira que mais interessante for para o serviço.

O mesmo marechal de campo faz certo para os fins convenientes, que a pedido dos Srs. capitães do 2. batalhão da sobredita arma João de Souza Teixeira, e José Joaquim da Silva Costa, foram elles em sua presença inspeccionados de saude no dia 24 do corrente, sendo a junta de parecer, que ambos se acham incapazes de todo o serviço, por padecerem de molestias incuraveis; a saber o primeiro de presbytia e gastro-hepatite, chronicas, e o 2.º de gastrohepatite chronica.

José Joaquim Coelho.

TRIBUNAL DO COMMERCIO.

SESSÃO JUDICIARIA EM 27 DE OUTUBRO DE 1856.

Presidencia do Exm. Sr. desembargador Souza.

Estiveram presentes os membros do tribunal, a excepção do Sr. desembargador Villares.

Passagem.

Passou do Sr. desembargador Leão ao Sr. desembargador Gitirana a appellação em que são:

Appellantes, a viuva e herdeiros de José Gonçalves Ferreira e Silva;

Appellado, João Evangelista da Costa e Silva.

Embargante, João Pinto Regis de Souza;

Embargado, Vicente Licinio da Costa Campello.

Do mesmo ao mesmo.

Distribuição.

Foi distribuida ao Sr. desembargador Leão a appellação em que são:

Appellante, Antonio Gonçalves dos Santos.

Appellado, Firmiano José Rodrigues Ferreira.

EXTERIOR.

Um dos vigarios geraes de Paris, o Sr. abbade Darboy, publicou ultimamente um livro muito interessante sob o titulo de—Estatistica religiosa da diocese de Paris.

Pelo titulo modesto deste livro ninguem o deve tomar por um simples catalogo, uma especie de almanak, que so teria interesse para o clero: nelle encontra-se uma multidão de documentos, que seria difficil achar-se em outra parte, e que o autor reunio com tanta exactidão, como clareza, fazendo-os interessantes para todos.

Uma estatistica arrazoada da diocese de Paris dá uma idéa geral de toda a igreja de França; ora, depois da religião, não ha nada talvez que seja menos conhecido pela maioria dos fieis do que o estado da igreja.

O livro de Mr. Darboy contem sobre a composição do clero, sobre sua condição, e sobre o numero das congregações religiosas e das obras de caridade da diocese, os promenores mais instructivos e mais uteis. Acrescentemos que o autor quiz evitar com cuidado tudo quanto podesse assemelhar-se á polemica e a controversia, e he um exemplo que queremos seguir.

Na primeira parte de sua obra, Mr. Darboy trata do estado da diocese e das parochias, e faz a descripção das principaes igrejas. O desenvolvimento sempre crescente da população de Paris tem exigido ultimamente como sabe-se, um augmento do numero das freguezias e uma nova distribuição de seus limites.

Em Paris só havia 39 parochias, mas pelo novo decreto de 22 de janeiro deste anno, ha 48. Nos arrabaldes existem 85 e este numero deve ser levado em breve a 93.

A população da diocese, conforme o censo de 1851, he de 1,422,065 almas, das quaes 1,053,262 pertencem a cidade, e 368,803 aos arrabaldes. Segundo o relatorio apresentado ao conselho municipal, este numero pode ser classificado, para cidade de Paris, nas proporções seguintes:

Catholicos	1,025,169
Culto reformado . .	6,370
Confissão d'Augsburgo	6,996
Israelitas.	10,709
Diversos	4,008

Alem das igrejas parochiaes da cidade e dos arrabaldes ha na diocese de Paris 27 capellas publicas, 50 capellas particulares e 357 oratorios, onde se diz missa por autorisação especial.

Os outros cultos reconhecidos contam em Paris 7 edificios religiosos: o culto reformado o Oratorio, Panthemont e Santa Maria; a confissão d'Augsbourg, a Redempção e os Billettes. Os Israelitas tem a Synagoga da rua de Nazareth e o templo do rito portuguez, sito na rua Lamartine.

Percorrendo o mappa da população das parochias, vemos que a mais populosa he a de S. Eustaquio, a qual conta perto de 38,000 almas, he o quarteirão das praças e dos mercados principaes. Segue-se depois S. Roque, no quarteirão das Tulherias, do Palais-Royal e dos Italianos com perto de 35,000 almas; S. Lourenço, no arrabalde Saint-Martin, com o mesmo numero pouco mais ou menos; Saint-Nicolas des Champs e Saint-Merry no quarteirão Saint-Denis, com 32 a 33,000; S. Sulpicio, com mais de 31,000; Santa Margarida no arrabalde Santo Antonio com mais de 28,000. Naturalmente o numero não indica a riqueza; muitas vezes he o contrario, por exemplo, a Magdalena, que tem somente 25,000 almas, S. Thomaz de Aquino 13,000, Nossa Senhora de Loreto 29,000, S. Filippe du Roub 20,000, S. Luis d'Antin 17,000: estão a frente das parochias ricas. Nos arrabaldes algumas ha, que excedem em população, as maiores parochias da cidade, como Belleville, que conta mais de 34,000 almas, os Batignolles mais de 28,000, Mont-Martre mais de 25,000, a Villette mais de 18,000, Vangirard mais de 15,000.

Estas cifras sao as da ultima delimitação das freguezias, que antes disto haviam igrejas, que contavam até 40, 50 e 60,000 almas.

O decreto de janeiro de 1856 modificou, como lemos ja dito, as circumscripções; e de tal modo que seria util que a autoridade diocesana mandasse fazer a esse respeito uma carta colorida.

Os parochos somente recebem um ordenado do estado, e esse ordenado causa sorpreza, quando se sabe que os parochos de primeira classe recebem somente 1,500 fr.; os de segunda classe, 1,200 fr.; um economo 850 a' 1200 francos. Os vigarios nada recebem do estado; as fabricas lhes dão um ordenado que varia de 1,000 francos a 2,400 conforme a riqueza das parochias. Estes diversos ordenados seriam evidentemente insufficientes, se as oblações conhecidas debaixo do nome de « casuel » não vessem, sobre tudo para os parochos, supprir sua exiguidade.

He da mesma fonte que vem os rendimentos das fabricas, quero dizer das offerendas dos fieis, dos direitos sobre os casamentos e sobre os enterros. As fabricas recolhem tambem o preço da locação das cadeiras, as esmolas tiradas para as despezas do culto; e estes differentes productos augmentam e diminuem segundo o numero e a riqueza das parochias.

He com o auxilio destes recursos que as fabricas pagam o ordenado do clerigo parochial, o salario dos empregados da igreja, as despezas do culto, compra e a manutenção dos moveis e vasos sagrados, emfim os diversos trabalhos de reparação e decoração, que a lei deixa a' seu cargo.

O numero dos ecclesiasticos, que debaixo de diversos titulos, preenchem na diocese de Paris o ministerio sacerdotal, he de 882, este numero comprehende além do clero parochial, os vigarios geraes, os conegos, os directores e professores dos seminarios e os capellães. Ha 140 capellães de communidades, hospitaes e hospicios, lyceos, prisões e outros estabelecimentos. As communidades de homens não tem necessidade delles, salvo somente instituto das aulas christãs, que possue na diocese de Paris 18 estabelecimentos e contam 600 membros. As confrarias de mulheres são em numero de 48, contando perto de 3,400 membros. Em 252 escolas primarias do sexo masculino, 53 são sustentadas por irmãos que instruem nellas quasi 18,000 meninos. Em 324 escolas de meninas, 69 são sustentadas a' custa de religiosas e contam perto de 14,000 meninas.

Em 85 officinas, 47 são mantidas pelas religiosas, que vigiam ahi perto de 3,000 moças; em 35 hospitaes e hospicios constantemente occupados por 20,000 doentes de toda a especie, 12 são servido por seculares, e os outros 23 por 464 freiras.

As instituições onde se recauta e exerce-se o clero de Paris são: o « grande seminario, » que foi confiado a communidade dos padres de S. Sulpicio e contem cerca de 300 educandos; os dous « pequenos seminarios » da rua Notre-Daim-des-Champs e da rua Pontoise, tendo ambos quasi 330 educandos; a escola dos estudos superiores de Camelita, escola normil fundada por Mr. Affre, e a « Faculdade de Theologia da Sorbona.

Um dos capitulos mais interessante do livro de Mr. Darboy he o que contem o mappa das diversas communidades de homens e mulheres estabelecidas na diocese. De alguns annos para cá os parisienses tem visto reapparecer com uma certa sorpreza em suas ruas habitos, que nunca tinham visto, senão em paineis; ha com effeito em Paris dominicanos, franciscanos e outros ainda.

A cidade possue 12 conventos de homens: *os padres de S. Sulpicio* que, alem do seu capitulo de Paris e seu noviciado de Issy, tem ainda 19 estabelecimentos em França e 2 na America; *os frades pregadores*, ou dominicanos, que estão nos Carmes; *os frades menores*, capuchinhos da rua de S. Jacques; os padres de S. Vicente de Paulo, mais conhecidos pelo nome de *lazaristas*, os quaes se destinam sobre tudo as missões; os papas *Picpus*, que occupam-se de pratica e missão; os *padres da Misericordia*, da rua Varennes, destinados tambem as missões; os congregados do oratorio da rua do Regard, que querem restabeler esta ordem celebre na obra da educação; as *missões estrangeiras*, da rua do Bac, que seu nome designa sufficientemente; o *Espirito Santo*, da rua das Postes, destinado sobre tudo a catechisar os negros; o *seminario dos irlandezes*, onde sob a direcção de sete ou oito padres da Irlanda, educam-se pouco mais ou menos 80 mancebos do mesmo paiz; a *congregação de Santa Maria*, rua do Mont-Parnaso, que se dedica ao ensino; e emfim a *Companhia de Jesus*. Os jesuitas tem 4 casas na diocese de Paris; ó padre provincial reside na da rua de Seves. Na da rua das Postes, destinada especialmente aos estudos e as reformas, acolhem-se todos os homens, padres e seculares, que apresentam-se para fazer uma reforma debaixo da direcção dos padres. Os jesuitas tem tambem o collegio de Waugirard e a igreja de S. José para os allemãas, que habitam Paris.

A esta nomenclatura pode-se ajuntar a *enfermaria de Maria Thereza*, aberta aos padres velhos e doentes; os *frades de S. João de Deos*, rua Oudinot, que cuidam dos doentes nos hospitaes e lazaretos; finalmente os *frades das escolas christãs*.

Os frades tem em França e no estrangeiro, 730 communidades, compostas de 5,670 pessoas e instruindo cerca de 278,000 educandos. Na diocese de Paris, tem 18 estabelecimentos e cerca de 18,000 alumnos.

As communidades de mulheres são mais numerosas: a diocese de Paris conta 48 que podem ser divididas em tres classes: as que supplicam, as que ensinam, e as que curam. O mais consideravel e mais geralmente conhecido destes estabelecimentos he o das *filhas de S. Vicente de Paulo*. As irmãas da caridade tem em Paris o collegio principal e 68 estabelecimentos servidos por 597 irmãas. O numero dos pobres e dos doentes visitados, quer nos hospitaes, quer nos domicilios, pelas irmãas he de 150,000; dos meninos admittidos nos asylos he de 20,000. As irmãas estão derramadas por toda a terra; ha cerca de 10,000 destribuidas por 840 estabelecimentos. Todos os annos 165 vão em romaria até o fim do mundo.

Falta-nos espaço aqui para fallar das 18 communidades de mulheres estabelecidas na diocese de Paris, e remettemos ao livro de Mr. Darboy o leitor que sobre ellas quizer ter informações mais amplas. Devemos tambem recommendar especialmente o capitulo que trata das obras de caridade livre, dos estabelecimentos sustentados por donativos voluntarios. Causa verdadeira sorpreza o numero consideravel de estabelecimentos de caridade, que existem em Paris e de cuja existencia talvez poucas pessoas saibam.

He a honra ou antes a virtude e a essencia da caridade fazer o bem occultamente procurando somente a vista de Deos.

O estabelecimento da *Propagação da Fé*, que está organisado e com tão grandes porporções como as sociedades biblicas da Inglaterra, não tem sua séde em Paris; mas a diocese contribue para ella com cerca de 160,000 francos por anno. O da *Santa Infancia*, derramado em todo o universo, tem para recursos a colonisação dos associados, que he de cinco centimos por mez e sessenta por anno; e com esta singular subscripção ella realisou em 1853 perto de 600,000 francos. A *sociedade de caridade maternal* soccorre annualmente quasi 900 familias; a *Sociedades dos Crèches* recolhe perto de 2,500 crianças.

Entre os estabelecimentos mais uteis, deve-se citar os que dão a educação e aprendizagem mediante pequenas pensões; he um recurso inapreciavel para os filhos dos operarios ou dos domesticos, para as familias que recusariamos com razão a caridade e que todavia não poderiam chegar a uma esphera tao elevada e muitas vezes funesta.

Entre os estabelecimentos de caridade para os adultos, nota-se a *Sociedade de S. Francisco Regis*, fundada para facilitar o casamento civil e religioso dos pobres amancebados e para fazer legitimar seus filhos naturaes. A sociedade se encarrega de preparar todos os actos necessarios e ninguem pode crer até que ponto essa intervenção benevola e gratuita he necessaria em uma classe muito numerosa da população.

Ha trinta annos pouco mais ou menos, a sociedade tem feito celebrar 28,610 casamentos e legitimar mais de 18,000 crianças; deste modo tem regularisado o estado civil e religioso de cerca de 89,000 individuos.

A *Sociedade de S. Francisco Xavier* tem por fim dar instrucção religiosa aos operarios, e em caso de molestia soccorros espirituaes e temporaes. Os socios são numerosissimos e se reunem muitas vezes por mez em suas respectivas igrejas, onde se lhes da instrucções e leituras..

O mais consideravel dos estabelecimentos he a sociedade de S. Vicente de Paulo, fundada ha vinte annos e que ja' occupa o mundo inteiro. Compõe-se de mancebos leigos, que visitam os pobres, levam-lhes soccorros de pão, carne, lenha, vestidos, tomam cuidado e empregam seus filhos. Esta sociedade tem escolas, asylos de refugio, caixas de emprestimo, fornos economicos, bibliothecas e vestiaria. Divide-se em Paris e nos suburbios em 56 conferencias, compostas de 1,800 membros, que visitam regularmente 5,700 familias.

A sociedade de S. Vicente de Paulo existe em mais de tresentas cidades e aldeias de França, e se acha derramada em todos os paizes do mundo. Somente no anno de 1854, ella despendeu em obras pias a somma de 2 milhões 248,964 francos, aos quaes Paris deu 40,000. Debaixo de qualquer ponto de vista religioso ou politico que uma pessoa se colloque, verá' que esta sociedade representa uma força formidavel.

Temos dito bastante para fazer apparecer a importancia e o interesse da obra de Mr. Darboy. Temos fallado della porque o assumpto interessa á' sociedade leiga tanto como a igreja, e somos felizes de fazer ao mesmo tempo justiça a maneira simples, clara, benevola e inteiramente caridosa com que Mr. Darboy preencheu a sua tarefa.

PERNAMBUCO.

PAGINA AVULSA.

BOM DIA!

— Que paixão mais odiosa ha do que a ira, e mais indigna de um homem de educação, e de um homem christão? Os povos algum tanto civilisados, apezar de pagãos, tiveram-lhe horror, e mesmo os mais barbaros reprovaram-a, logo que abraçaram a fe. A ira he um frenesi, que pouco dura, mas que por essa mesma razão, não deixa de ser loucura; ella he sempre acompanhada de furor, e de uma especie de alienação do juizo.

Que exprimem estes movimentos repentinos da alma, que não lhes deixam o tempo de reflectir todos estes impetos tão semelhantes aos accessos da febre, no seu maior auge? Que significa aquelle rosto alterado, aquelle olhar furioso, aquellas palavras offensivas, aquelles excessos violentos sempre a ponto de desfazer-se em tormentos? Poder-se-ha chamar prudente o homem que tem estes signaes?

Todos julgam que se não pode esperar a razão de um homem colerico; os espiritos animaes, não são só os que se acham alterados; nem a agitação do sangue he o unico effeito da coiera; ella mostra mais do que as outras, a fraqueza de juizo.

He a brutalidade dos animaes, quem as faz seguir os impetos da sua colera. De que se originara o motivo que turna os homens tao poucoracionaes? A educação, o bello genio, a politica, o bello modo, o bom coração desapparecem, e se eclipsam, logo que se levantam estas convulsões; dir-se-hia que não he o mesmo homem, não reconhece nem superior, nem igual, nem amigos; esquece-se dos seus proprios interesses, e de si mesmo, e o que he mais para admirar-se he que a maior tranquillidade nelles he muitas vezes, a precursora das mais furiosas tempestades; e he cousa rara, quando ellas so param em trovoadas de palavras. Mas que de agitação de espirito, que de estragos, que de funestos effeitos se não seguem destes furores?

Se ao menos esta violenta paixão só tomasse armas para defender a razão, bem; mas ella he sempre o seu inimigo. Uma palavra fóra de proposito que escapa sem segunda tenção, a inadvertencia de um criado sem malicia, um nada qualquer he a faisca que accende este incendio.

A ira e o furor, diz a escriptura, são duas cousas abominaveis; e quem padera soffrer a violencia de um homem furioso?

He cousa admiravel, que os tristes effeitos desta desenfreada paixão sirvam somente para desacredita la, sem a enfraquecer. Quereis saber quaes os pessimos frutos da ira, buscai-os nas gravissimas contendas, que entre nós todos os dias se suscitam, na perda dos bens, nas inimizades immortaes, nos accidentes, nos successos funestos, nas infelicidades que nem com a morte se terminam.

A ira procede da extrema sensibilidade, que temos para tudo o que nos offende. A soberba he quem a excita, e quem a inflamma. Por mais que se accusa a colera, o temperamento, o homem humilde nunca foi colerico. As tempestades nunca vem sem ventos violentos, assim a ira não apparece sem seu cortejo de accessos furiosos.

A ira he incompativel com a innocencia, o seu contra-veneno he a mansidão, companheira inseparavel da humildade

Nenhuma paixão he mais miseravelmente condemnada, e nenhuma reina mais geralmente; porque nenhuma ha que nos domine tão cedo. Ella nasce com o homem; chamam-a innocencia nos meninos, toleram-a em uma idade mais avançada, e fica-se escravo della, quando nos tornamos homens.

Guardai-vos, diz o apostolo Santiago, de vos deixar levar da vossa ira; porque não he possivel cumprirem-se todas as obrigações da justiça, quando se conserva no coração alguma aversão contra o proximo. Se he preciso corrigir os deffeitos, faça-se com caridade e mansidão. He necessario misturar o oleo com o vinho para curar as chagas.

= Se he digna da animadversão publica uma mãi que consente que suas filhas façam o que lhes parece, como não o sera ainda mais aquella que, além de tornar-se esquiva ao que suas filhas praticam, até lhes permitte meios de se perderem! Uma mãi, nome tão doce de se pronunciar, phrase tão nobre e sublime, creação tão bella de Deos, não pode, nem deve ser a perdição de suas filhas. Em certa rua que fica ao lado de uma igreja, existe uma viuva com duas ou tres filhas, com as quaes ella concede conservarem até meia noite pessoas que não devem. Essa mãi, se he que comprehende o que seja mãi, deve prohibir semelhante reunião em sua casa, para que depois não tenha de chorar ver suas filhas no estado amaldiçoado por todas que nelle cahem. Ante a deshonra nada ha que se apresente!

— Começaram sabbado na Faculdade de Direito os actos dos diversos annos da mesma. Dezasseis estudantes foram examinados nesse dia, sendo, 4 do primeiro, 4 do segundo, 3 do terceiro, 3 do quarto e 2 do quinto anno; dos primeiros 2 sahiram simpliciter, bem como 1 dos segundos, e 1 dos terceiros; todos os mais obtiveram o seu plenamente.

—A caridade he o 1.º sentimento que brota no coração do christão, e o ultimo que o desampara.

Aquelle que pratica a caridade he digno de um titulo honroso na sociedade. Sexta feira passada indo ser recolhido a casa de Detenção um preso, acompanhado por um soldado de policia, aconteceu que ao approximar-se da mesma, pedisse licença ao seu conductor para, dizia elle, fazer uma necessidade.

Concedida ella, encosta-se o preso ao caes para realisa-la, e em vez d'isso praticar, atirou-se comsigo n'agua. O soldado conhecendo que, da evazão do preso, ninguem ficaria complicado senão elle lançou-se tambem a nado, sendo então seguido pelo chaveiro da repartição que correu ao lugar do facto pelos gritos do soldado.

Cansados de lutar com a maré, cuja correnteza era immensa, elles pereceriam todos, se uma alma caridosa, um coração bemfasejo se não lembrasse de, recorrer a um escaler do administrador, que se achava amarrado no caes, de salvar os infelizes que debatiam-se com a morte. Saltar ao bote, remar com força e robuar aos braços ferrenhos da morte os moribundos nadadores, foi obra de um momento, foi o fuzilar de um raio que, mal feudendo as nuvens, logo se abysma no seio da terra.

E quereis saber quem foi esse cavalheiro que esquecendo tudo, e so sentindo a caridade palpitar no coração buscou salva-los? Foi o ajudante do administrador.

—Não he a primeira vez que clamamos contra o abuso de andarem os carros cavallos a correr pelas ruas da cidade, não só durante o dia como durante a noite. A vida de um cidadão qualquer he preciosa, e como tal deve ser respeitada, e maior valor ainda temquando elle he um digno pai de familia.

No domingo as 8 horas um preto a cavallo que andava a trote largo atropellou, na praça da Independencia, ao Sr. Francisco Lucio de Castro, por forma tal, que fez-lhe uma grande contuzão na cabeça. Felizmente o preto foi incontinente preso pelo offendido e se acha recolhido á casa de Detenção. A policia, vigilante como he deve não permittir que, a postura que prohibe o andarem os carros e cavallos a correr dentro da cidade, seja assim olvidado e postergada.

— A barca a vapor «Beberibe» conduzio de Maceio igual numero de soldados aos que tinha levado; e os chegados se acham aggregados ao decimo de caçadores: estes passeios militares da tropa foram sempre de utilidade para a disciplina, e todo o exercito regular usa delle com frequencia.

Ate' amanhãa.

JURY DO RECIFE.

4.ª sessão.—Dia 22 de outubro de 1856.

Presidencia do Sr. Dr. José Quintino de Castro Leão, juiz municipal do termo de Olinda, e 3.º substituto da segunda vara de direito criminal.

Promotor publico o Sr. Dr. Antonio Luiz Cavalcanti de Albuquerque.

Escrivão interino o Sr. Manoel Correia Gomes de Almeida.

Advogado o Sr. Dr. Francisco de Paula Baptista.

Feita a chamada as 10 horas da manhãa, acharam-se presentes 36 senhores jurados.

Foram multados em mais 20$000 rs., os senhores jurados ja multados nos dias antecedentes.

Aberta a sessão pelo toque de campainha, foi conduzido a barra do tribunal do jury, para ser julgado o réo preso Bellarmino Alves de Carvalho Cezar, accusado por crime de roubo e incendio, perpetrado na casa de D. Joaquina Maria Pereira Vianna, na noite do dia 29 de janeiro do corrente, tendo o mesmo réo por seu defensor ao Sr. Dr. advogado acima mencionado.

O conselho foi composto dos senhores seguintes:

José Bernardo Ventura.
Antonio Serafim da Silva.
Joaquim Antonio de Castro Nunes.
José Jacome de Araujo.
Antonio Carneiro da Cunha.
Hemeterio Maciel da Silva.
Antonio Francisco Dias.
Dr. Manoel Mamede da Silva Costa.
José Joaquim de Lima.
José Lourenço Bastos.
João Chrysostomo Fernandes Vianna.
Alvaro Augusto de Almeida.

Os quaes prestaram o juramento em voz alta sobre o livro dos Santos Evangelhos, e tomaram assento separados do publico.

Tendo sido sorteado para o conselho o Sr. Manoel Florencio Alves de Moraes, este averbou-se de suspeito, fundado na presumpção de criminalidade do réo, que resultou do ditos dos senhores advogados, quando fizeram absolver o Dr. João Lins, e pelo que o seu voto era decididamente contra o réo.

O Sr. promotor pedindo a palavra disse, que o Sr. Moraes devia tomar assento, porque não era interessado na causa, visto não ser parente ou amigos do réo: o Sr. Dr. Baptista disse que o Sr. Moraes era interessado, e que nãodevia tomar assento. O Sr. juiz presidente do jury julgou que o Sr. Moraes não devia tomar assento, e logo o Sr. promotor pedindo a palavra disse, que recorria da decisão para o tribunal da relação, e o Sr. juiz mandou tomar por termo o recurso.

Tendo tambem sido sorteado para o conselho o Sr. Dr. Candido Autran da Matta Albuquerque, o Sr. Dr. Baptista o deu por suspeito, por ter funccionado no processo como promotor publico, o Sr. promotor pedindo a palavra disse que o Sr. Dr. Autran podia tomar assento, dizendo que so seria julgado suspeito se tivesse ja accusado o réo. O Sr. Dr. juiz presidente do jury, mandou que o Sr. Dr. Autran tomasse assento. O Sr. Dr. Baptista pedindo a palavra disse que requeria se tomar por termo á declaração, e recusa do Sr. Dr. Autran, e o Sr. juiz deferio o seu requerimento.

Depois que o Sr. juiz mandou tomar por termo o recurso, foi o réo interrogado, e no interrogatorio disse que no dia que se deu o incendio estanva elle réo em casa de seu primo o Dr. João Lins, que morava no primeiro andar da casa em que morava D. Joaquina Maria Pereira Vianna, que na tarde do incendio havia sahido para o matto, e que seu primo ficara em casa. Disse mais que viera a esta cidade vender uma porção de lãa e escravos.

Fez-se a leitura do processo, e depois da mesma o Sr. promotor pedindo a palavra, e sendo esta concedida, disse que estava provado ter sido o reo o autor do roubo e damno perpetrado na casa de D. Joaquina, e que estava incurso quanto ao incendio nas penas do art. 266 do cod. crim. e pedio a condemnação no grão maximo, por se darem as circumstancias aggravantes dos §§ 1, 2, e 4 do art. 15 do mesmo cod., do § 1, ter sido o crime commettido a noite; do § 2 incendio; do § 4 ter sido impellido por motivo frivolo e reprovado.

Quanto ao crime de roubo, o Sr. promotor disse estar o reo incurso no art. 269 do cod. crim. tambem no grão maximo por se darem as circumstancias aggravantes dos §§ 4, 8, 9, 10, 14, e 17. do dito art. 16; do § 4 motivo frivolo. do § premeditação: do § 9 ter procedido com fraude; do § 10 abuso de confiança nalle posta: do § ter havidoentrada na casa da offendida: e finalmente do § 17 ajuste entre o reo e outros. O Sr. promotor provou que se deram todas essas circumstancias.

Finda a accusação o Sr. Dr. advogado pedindo a palavra, e sendo esta concedida, e deduzindo e defeza, disse que não fora o reo o autor do incendio e roubo; que dos autos consta ter o reo sahido no dia do roubo e incendio, a tarde, e que o incendio se deu a noite, e pedio a absolvição do mesmo reo. Finda a defeza o Sr. promotor replicou, e depois da replica o Sr. Dr. advogado treplicou.

Findos os debates o Sr. juiz presidente do jury perguntou ao jury de sentença se estava satisfeito, e respondendo o mesmo affirmativamente, o Sr. juiz depois de resumir a materia da accusação e da defeza, propoz os quisitos, e entregando-os ao conselho foi este conduzido a sala secreta das conferencias as 8 horas da noite, d'onde voltou as 9 horas, com suas respostas que foram lidas em voz alta pelo presidente do conselho, em vista de cuja decisão o Sr. juiz presidente do jury, declarou que nos termos dos arts. 449, § 1.º, e 254 do regulamento n. 120 de 31 de janeiro de 1842, appellava para o tribunal da relação, e publicou sua sentença absolvendo o réo, e condemnando a municipalidade nas custas, e levantou a sessão adiando-a para o dia seguinte as 10 horas da manhãa.

—23—

Presidencia do Sr. Dr. Francisco d'Assis Oliveira Maciel.

Promotor publico, o Sr. Dr. Antonio Luiz Cavalcanti de Albuquerque.

Escrivão interino, o Sr. Manoel Correia Gomes de Almeida.

Feita a chamada ás 10 horas da manhãa, acharam-se presentes 35 senhores jurados.

Foram dispensados das sessões, e relevados das multas em que incorreram nos dias antecedentes, por terem apresentado attestados de molestia, os senhores seguintes:

José da Rocha Paranhos.
José Candido de Carvalho Medeiros.
Francisco João Luiz.

A' requisição do tribunal do commercio foi dispensado o Sr. José Antonio Bastos.

Foram multados em mais 20$ rs. os senhores jurados ja multados nos dias anteriores, e mais os senhores seguintes:

Antonio Carneiro da Cunha.
José Bernardo Ventura.
Dr. Luiz de Carvalho Paes de Andrade.
Dr. Manoel Mamede da Silva Costa.
Dr. Antonio Rangel de Torres Bandeira.

Sendo insufficiente o numero de 35 jurados para haver sessão, o Sr. juiz de direito interino suspendeu os trabalhos ao meio dia, adiando a sessão para o dia seguinte ás 10 horas da manhãa.

—24—

Presidencia do Sr. Dr. Francisco d'Assis Oliveira Maciel.

Promotor publico interino, o Sr. Dr. Candido Autran da Matta e Albuquerque.

Escrivão interino, o Sr. Manoel Correia Gomes de Almeida.

Advogado, o Sr. Francisco Ferreira Correia, estudante da Faculdade de Direito desta cidade.

Feita a chamada as 10 horas da manhãa, acharam-se presentes 37 senhores jurados.

Foram multados em mais 20$ rs. os senhores jurados ja multados nos dias antecedentes, e mais os seguintes senhores:

José Jeronymo de Souza Limoeiro.
Dr. Francisco Epifanio de Paula dos Santos Allema.
Feliciano José Gomes.

Aberta a sessão pelo toque de campainha, foi conduzido a barra do tribunal do jury, para ser julgado, o reo preso José Fidelis, accusado por crime de homicidio, perpetrado na pessoa de Manoel do Nascimento de Jesus, em dias do mez de dezembro do anno proximo passado, tendo o mesmo réo por seu defensor ao Sr. estudante acima mencionado.

O conselho do jury de sentença foi composto dos seguintes senhores:

Alvaro Augusto de Almeida.
João Francisco Regis dos Anjos.
Miguel Francisco de Souza Rego.
José Cavalcanti de Albuquerque.
José Velloso Soares.
Juvencio Augusto de Athayde.
Dr. Luiz de Carvalho Paes de Andrade.
Joaquim Antonio de Castro Nunes.
Francisco Sergio de Mattos.
Antonio Gomes Pessoa.
José Bernardo Ventura.
Antonio Francisco Dias.

Os quaes prestaram o juramento em voz alta sobre o livro dos Santos Evangelhos, e tomaram assento separados do publico.

Depois de prestado o juramento, foi o réo interrogado, e no interrogatorio disse, que não sabia o motivo por que era accusado; disse que conhecia a Manoel do Nascimento de Jesus, e que era seu vizinho e camarada, porem que não sabia se o dito Manoel do Nascimento tinha sido assassinado. Disse mais, que na prisão nunca lhe disseram a razão por que estava preso; disse, finalmente, que fôra preso no mez de dezembro do anno passado, mas que não se lembrava quem o prendera.

Findo o interrogatorio, fez-se a leitura do processo, e depois da mesma, o Sr. promotor interino pedindo a palavra, e sendo-lhe esta concedida, accusou o réo, dizendo que estava provado ter sido elle o autor da morte de Manoel do Nascimento; que estava incurso no artigo 193 do codigo criminal, grão médio, por não se darem circumstancias aggravantes.

Finda a accusação, o Sr. advogado deduzindo a defezá, disse que não fôra o réo o autor da morte, e que no processo não existiam provas, e pedio a absolvição do mesmo reo.

Depois da defeza o Sr. promotor interino replicou, e depois da replica o Sr. advogado treplicou.

Findos os debates, o Sr. juiz de direito interino perguntou ao jury de sentença se estava satisfeito, e respondendo dito jury pela affirmativa, o mesmo Sr. juiz de direito interino, depois de resumir a materia d'accusação e da defeza, propoz os quesitos, e entregando os mesmos ao conselho, foi este conduzido a sala secreta das conferencias ás 2 horas da tarde, d'onde voltou as 2 ½ com suas respostas, que foram lidas em voz alta pelo presidente do jury de sentença, em vista de cuja decisão, o Sr. juiz de direito interino publicou sua sentença, absolvendo o réo e condemnando a municipalidade nas custas; e levantou a sessão, adiando-a para o dia seguinte as 10 horas da manhãa.

REPARTIÇAO DA POLICIA.

Secretaria da policia de Pernambuco 27 de outubro de 1856.

Illm. e Exm. Sr.—Levo ao conhecimento de V. Exc., que das differentes participações hontem e hoje recebidas nesta repartição, consta que se deram as seguintes occurrencias:

Foi presa: pelo juizo dos feitos da fazenda, Maria do Carmo, por não haver cumprido o fiel dever de depositaria.

Pela subdelegacia da freguezia do Recife, o marujo francez Joseph Babitica, a requisição do respectivo consul.

Pela subdelegacia da freguezia de Santo Antonio, Senhorinha Maria do Carmo, Francisca das Chagas, e o preto escravo Antonio, todos por desordem.

Pela subdelegacia da freguezia de S. José, Anna Joaquina do Sacramento, Maria Caetana de Jesus, Umbelina Maria da Conceição, Joaquim Ferreira dos Anjos, João Ferreira dos Anjos, José Alexandre da Silva, e Manoel Izidro Mathias Ferreira, todos por briga.

Deos guarde a V. Exc.—Illm. e Exm. Sr. conselheiro Sergio Teixeira de Macedo, presidente da provincia.—O chefe de policia, Dr. *Policarpo Lopes de Leão.*

Communicados.

Achando as cartas que junto remetto, dignas de serem lidas, peço aos Srs. redactores queiram ter a bondade de estampa-las em seu bem conceituado *Diario.* *Z.*

Cartas do amigo Y ao amigo Z sobre o destino do homem—pelo Sr. Dr. Antonio Vicente do Nascimento Feitoza.

I.

Querido amigo, recebi a tua carta, e confesso-te que tão penhorado fiquei da maneira attenciosa com que te dignaste de tratar-me, que não posso escusar-me ao que me pedes, bem que conheça que a tarefa he ardua e mesmo arriscada.

Tu proprio dizes que todos os teus collegas da Faculdade applaudiram o discurso que sobre o destino do homem pronunciara o Dr. Feitoza na sessão magna, que a sociedade Atheneu Pernambucano celebrara no dia 11 de agosto do corrente anno, para solemnisar não somente o anniversario de sua instituição, senão tambem o do plantio dessa grande arvore de que elle he viçosa vergontea; como pois quereres que eu dê o meu parecer sobre o merito de uma peça, que foi tão bem accolhida?! Darse-ha caso que a não aches tão primorosa como a teus companheiros pareceu? Se assim he, declaro-te que fico fazendo do teu juizo e discernimento um conceito muito mais subido do que até agora fazia; pois, bem que o Dr. Feitoza tenha ja professado entre nós a sciencia de Platão e de Aristoteles, e seja geralmente considerado, e com razão, como um dos primeiros advogados do nosso foro, e mesmo como uma das intelligencias mais esclarecidas de nossa provincia, todavia, em minha humide opinião, o seu discurso não corresponde ao credito de que goza.

Nada te direi acerca do estylo e linguagem em que está concebido, porque sei que és assás competente para apreciar uma e outra cousa; mas dir-te-hei que debaixo do ponto de vista philosophico, nenhuma significação tem, e que debaixo do ponto de vista religioso, he um complexo de herezias capaz de horrorisar a qualquer espirito piedoso.

O Dr. Feitoza certamente não conhece o Deos a quem adora, ou aliás adora a um Deos que não he o de Abrahão, e de Jacob, que não he o dos christãos, que não he o nosso.

Com effeito, não diz elle de modo assás terminante que no seu Deos não ha liberdade nem escolha? que quer necessariamente? (1)

E será esse o Deos dos christãos? Não, certamente.

Um tal Deos ja teve adoradores, mas seu reinado ephemero passou para sempre. Não he no meiado do seculo XIX da era christãa, que o genero humano ha de ir tomar dos pagãos o Deos a quem adoravam debaixo do nome de Destino. O Deos dos christãos he um Deos provindente, um Deos bom, um Deos justo, um Deos misericordioso, um Deos soberanamente livre, um Deos que dando a todos em geral a graça sufficiente, reserva para os seus escolhidos a efficaz.

S. Matheus refere que Jesus Christo propozera aos seus discipulos a seguinte parabola: (2)

« O reino dos céos he semelhante a um homem, pai de familia, que logo ao romper do dia, sahio para buscar os trabalhadores que deveriam cultivar a

(1) Lê-se no discurso do Sr. Dr. Feitoza, publicado no « Atheneu Pernambucano. »

« Mas Deos não he livre? Nao, no sentido ontologico da palavra... Deos não he livre, porque a liberdade suppõe a escolha, e Deos não tem a escolha, porque a escolha em Deos suppõe entidades ontologicas, increadas, externas ao ser que escolhe por que Deos he quem ordena a escolha.... A liberdade em Deos, seria o principio de contradicção na vontade divina.

Combatendo em uma nota a doutrina de Mr. Cousin, o Sr. Dr. Feitoza, ainda exprime-se no mesmo sentido.

Eis aqui as suas palavras:

« D'aqui se vê que se o homem he livre na vontade, Deos he pelo contrario necessario na vontade, Deos tem a vontade como o homem, Deos he tudo o que somos, como diz Cousin; mas Deos não tem a liberdade, pois que Deos não he nada do que somos, como diz ainda Cousin. Elle possue os mesmos attributos que nós, mas elevados ao infinito, pois bem! Deos tem como nós a vontade, mas tem essa vontade elevada ao infinito, isto he, não tem liberdade. »

(2) Evang. cap. XX.

FOLHETIM.

MÃI JOB.

POR HENRIQUE CONSCIENCE.

VII

Tres ou quatro dias tinham decorrido depois da viagem de Job a cidade. Nenhuma mudança houvera na sua triste situação; somente o pequeno Engelbert, que se julgava estar ja fóra de perigo, tivera uma recahida, e falto de forças na apparencia, estava como inanimado em seu leito.

Mãi Job achava-se assentada junto do menino doente, estava occupada em coser pannos de algodão, e trabalhava com ardor. Todavia lançava de quando em quando um olhar de compaixão sobre o marido, o qual estava a pouca distancia tendo o cotovelo apoiado em uma mesa, o olhar sombrio, triste, e fito no assoalho.

O silencio reinava desde muito tempo nesse lugar, quando Job levantando de repente a cabeça, perguntou em tom breve:

— Onde esta Rosina?

— Foi á igreja, respondeu a mãi.

— Para que?

— Sem duvida para rogar a Deos por Engelbert.

— Tem o avental cinzento?

— Creio que não.

— Eu quizera saber quem governa aqui?

— Es tu, Job; porem deves comprehender que quando o marido quer ou ordena alguma cousa, a mulher póde dizer uma palavrinha a respeito. Porque perguntas isso?

— Não quero que Rosina continue a andar com aquelle avental grosseiro, ouves? Ella ha de vestir-se de um modo differente da criada, ou então...

— Mas, Job, es um homem extraordinario. Sabes que somente pelo trabalho e pela economia he que podemos lutar com a desgraça. Agora que ja despedimos uma criada, he preciso que Rosina ajude a fazer o serviço da casa, e a tratar os animaes. Como queres então que ella faça isto sem vestir-se convenientemente?

— Comtudo não quero ter incessantemente á vista essa prova de nossa indigencia. Isso magôa-me o coração, e torna-me incapaz de fazer cousa que preste.

— Job, Job, disse a mulher suspirando, na verdade obras desarrazoadamente. Permitte que t'o diga. De certo nossa condição he por ora mui dura; porem visto que as lamentações não podem melhora-la, para que não encaras com coragem nossa indigencia, e não a combates com vontade firme e energica? Passas o tempo a murmurar e ralhar irritando assim tua alma. Que ganhamos com isso? Melhor fôra que procurasses no trabalho um allivio para teus pesares; a fabrica nada perderia, se vigiasses o trabalho dos obreiros, e se tomasses parte nelle em certas occasiões...

— Muito bem! muito bem! exclamou Job com amarga ironia; até onde ira isso? Na verdade fôra mister que eu pedisse licença para entrar em casa.

— E se não te agrada estar continuamente na fabrica, proseguio mãi Job sem abalar-se, vai dar um passeio, vai visitar nossos amigos e nossos conhecidos, conta-lhes a desgraça que nos sobreveio, e faze por decidi-los a comprar da nossa cerveja. Por piedade muitos nos darão sem duvida a preferencia, e ao menos terás empregado utilmente o tempo.

— Por piedade! murmurou Job. Quem he que sente ainda piedade no tempo actual? Emquanto a fortuna he favoravel, acha-se por toda a parte auxilio e amigos; mas aquelle que está em situação difficil, encontra portas e ouvidos fechados. O egoismo he presentemente a alma do mundo.

— Não, não, Job; essa he a linguagem daquelles que vêm tudo com maos olhos como tu. O notario Styns não queria emprestar-nos sem juro uns dez mil francos de que pode dispôr para seus negocios correntes? Bati inutilmente a porta do barão Van Hove de Linthou para obter delle uma somma consideravel? E eu mesma, sem ter por assim dizer trabalho, não tenho achado estes dous dias oito freguezes novos?

— Sim, tu es mulher, e como tal es um pouco attendida de todos.

— Não he essa a razão, Job; mas conformo-me com a sorte, mostro-me paciente, resignada, e não perco a coragem. Tu em vez de pedires polidamente ás que te ajudem, murmuras e maldizes de ti mesmo; sómente trazes na bocca palavras amargas, e injurias a todos os homens em geral. Não he esse o caminho que conduz ao coração, nem o meio de excitar a sympathia de ninguem.

O fabricante de cerveja rangia os dentes de impaciencia, murmurando com azedume:

— Oh! falla francamente, dize logo que sou bruto e imbecil. Na verdade, talvez assim seja, pois seria um milagre que Deos me tivesse dado todo o juizo que um homem póde ter.

— Não foi esse o meu pensamento; eu queria sómente fazer-te observar que fazes a ti mesmo desgraçado, obstinando-te a ver as cousas pelo seu peior lado.

— Deixa-me! disse Job em tom irado voltando-se sobre a cadeira. Não tenho necessidade de sermões... Quem me dera ja ter morrido!

Mãi Job contemplou-o em silencio durante alguns instantes; elle batia nos peitos com desespero, e roucas exclamações escapavam-lhe da garganta. A excellente mulher approximou sua cadeira daquella em que o marido estava assentado, e sem suspender seu trabalho, disse lhe com voz branda:

— Porém, meu charo Job, tu te portas verdadeiramente como se não houvesse mais para nós nenhuma esperança de passar dias melhores. Por mais tratos que dê ao espirito, não posso conceber que nossa situação seja tão má. Occupamos uma boa fabrica de cerveja e uma fazenda grande, cuja propriedade nos pertence por uns dez mil francos. Tendo coragem e economia, poderemos ainda livrar-nos muito bem. Agora nos aconteceram desgraças, a felicidade póde vir depois. Deos póde restituir-nos o que deu-nos e tornou a tomar-nos. Em todo o caso olha ao redor de ti em toda a aldeia: apenas acharás dez familias que possuam tanto quanto nos resta. Não desesperes, pois, e não sejas ingrato. Não temos sido felizes até na nossa desgraça? Neste momento não poderia Hugo estar na prisão? Não poderia o nosso Engelbert estar ja no paraizo?

— Engelbert? disse o fabricante com dolorosa ironia. Ah! não falles de meu desgraçado filhinho.

Então porque? Bem sei que elle está mui doente; mas enquanto ha vida pode-se e deve-se esperar na bondade de Deos. Não disse o doutor hontem que elle seria salvo se supportasse essa crise?

— Não, o doutor disse que elle morreria se não ficasse hoje melhor.

— Mas elle esta melhor; não vês como dorme? Alem de que o doutor não tarda em vir; não podes saber se elle não nos dara boas novas!

— Boas novas! O doutor? murmurou Job. Todas as vezes que o vejo entrar, corre-me um suor frio pelo corpo. Parece-me que esse doutor procura assustar a gente. Anda vestido de preto da cabeça até aos pés; entra nas casas com semblante triste como uma carta de enterro, e quando se lhe faz alguma pergunta, move a cabeça com ar de duvida como um phantasma que não sabe fallar. Eu quizera ser rei! todos os medicos haviam de andar vestidos de branco, haviam de ter phisionomia risonha e lingua bem desembaraçada. Eu os impediria de fazerem tremer aquelles que gozam saude, e morrer de medo os doentes! Ouço os passos de alguem, sem duvida he o algoz! Tenho vontade de retirar-me!

A criada velha entrou, e entregou ao amo uma carta que trouxera o correio.

Job leu o sobrescripto, e metteu a carta no bolso sem abri-la.

— He de Hugo! exclamou mãi Job com alegria.

— Sim, he de Hugo, respondeu o fabricante de cerveja. Provavelmente são ainda mas noticias.

— Porém não sabes. Lê a carta...

— Não sei? Que pode ser senão que os trinta mil francos não são sufficientes?

— Job, Job, tu dizes as vezes que estás enfeitiçado! Por fim, forçoso me sera crer que assim he! exclamou a mulher com certa impaciencia. Da-me a carta, eu a lerei.

— Tens tanta pressa de receber uma má noticia? Ei-la!

Mãi Job abrio a carta, lançou-lhe os olhos um instante, e exclamou com alegria:

— Não, não, Job; são boas noticias!

— Ah! palavras a toa sem duvida!

— Ouve, ouve, isto te alegrará.

Leu em voz alta a carta do filho, a qual era concebida nestes termos:

« Charissimos pais,

« Todos os meus negocios estão regulados; ninguem tem mais nada que reclamar de nossa casa de commercio. Depois de uma revisão mais attenta das contas, achei que pagas as lettras de cambio, meu activo excede ao meu passivo obra de cinco mil francos. Isto significa que tenho ainda de receber esta somma, e como meus devedores são pessoas honradas e abastadas, poderei brevemente envier-vos esse dinheiro.

« Aconteceu-me uma felicidade, charissimos pais, e dou-me pressa em conta-la esperando que isto alliviará um pouco a tristeza de Vmcs. Nosso principal credor era um rico e poderoso negociante desta cidade. Elle tinna de receber mais de vinte mil francos do dinheiro que meu pai me trouxera. Foi pessoalmente á sua casa pagar minha divida, e contei-lhe como fora victima de uma traição, e como Vmcs., meus charissimos pais, se despojaram de tudo quanto possuiam para que eu podesse satisfazer a todos. Accrescentei-lhe que achando-me arruinado, via-me forçado a cessar meu commercio e a procurar um lugar de caixeiro para viver. Elle ficou profundamente tocado do que eu lhe disse sobre o amor extremoso que Vmcs. me teem. Demais acontece sempre assim entre negociantes: quando um succumbe a' desgraça, e antes quer sacrificar tudo para pagar suas dividas do que recorrer ao fallimento, todos se compadecem de sua sorte, e mostram-se dispostos a ajuda-lo. Meu credor não podia duvidar de minha probidade, visto que eu empregava até os teres de meus pais em pagar as sommas que o miseravel Walter me furtara. O negociante ouvio-me muito tempo com attenção, mas em silencio. Quando eu lhe disse emfim que aceitava meu destino com coragem, e que queria dedicar minha vida inteira ao trabalho para restituir a meus pais o que perderam por meu respeito, elle apertou-me a mão, e disse-me: Senhor Job, Vmc. foi infeliz. O melhor de nós pode ser enganado. Hei de ajuda lo, pois Vmc. he homem honrado, e merece melhor sorte. Meu caixeiro vai emprehender um negocio por sua conta. Quer substitui-lo? Por ora seu ordenado será de quatro mil francos; depois veremos se podemos augmenta-lo.

« Ah! charissimos pais! não lhes direi o que respondi. As lagrimas saltaram-me dos olhos, não só em reconhecimento para com Deos, e para com o generoso negociante; mas sobretudo porque eu cuidava no amor de Vmcs. e na alegria que lhes causaria tão boa noticia. Conhecendo que eu precisava de dinheiro, meu patrão mandou pagar-me um trimestre adiantado. Amanhãa o conductor da diligencia lhes levara' seiscentos francos, e de tres em tres mezes Vmcs. receberão igual somma. Aceitem este dinheiro sem cuidado; como rapaz solteiro pouco me basta para minhas despezas, e espero que no fim do anno ainda me restara' com que possa mimosear a Vmcs., a Rosina e a Engelbert.

« Meu charo pai, minha querida mãi, estou tão contente que faltam-me as palavras para fazer-lhes sentir minha alegria. Desde a manhãa não cesso de cantar e de rir. Tenham igualmente coragem e confiança; tudo ha de melhorar, e com o tempo poderei restituir a minha irmãa e ao meu irmãozinho a maior parte do que foi tirado de sua herança para salvar-me. Em todo o caso tomo a Deos por testemunha de que dei para unico alvo á minha vida reconhecer dignamente a bondade de Vmcs. e seu amor. Todos os meus pensamentos, minha mais ardente esperança, e meus esforços incessantes tenderão sempre a provar quanto Hugo os venera e ama. Deem um beijo por mim em Engelbert. Escrevam-me que elle está são, e renderei de joelhos graças a Deos, como se fosse o mais ditoso homem da terra.

« Seu filho submisso e reconhecido,

« *Hugo.* »

No fim da leitura a voz de mãi Job se tornara surda e quasi inintelligivel; as ultimas palavras mal tinham escapado de sua garganta contrahida. Uma torrente de lagrimas rebentou-lhe dos olhos, e ella correu ao leito do menino doente exclamando:

— Ah! excellente Hugo!. Nós nos queixamos do céo, e elle nos deu semelhante filho! que ingratidão!... Toma, meu charo Engelbert, eis aqui um beijo de Hugo: desça elle sobre teus labios como uma benção de Deos!

O menino abrio lentamente os olhos, e pareceu sorrir; mas a expressão de sua physionomia era tão indecisa que a mãi commovida cuidou ter-se enganado.

O fabricante de cerveja conservava-se em pé no meio da alcova, e mui pensativo como se consultasse a si mesmo para saber se devia ou não alegrar-se. Comtudo pela expressão um tanto mais branda de suas feições percebia-se que a carta de Hugo o tocára profundamente.

— Então Job, exclamou a mulher com enthusiasmo, não te havia eu dito, meu charo amigo, que isto melhoraria emfim? Porque não ris?

— Rir! murmurou o fabricante; não me deixo cegar como tu por uma apparencia.

— Como pode ser isso? tornou a mulher em tom de reprehensão. Cinco mil francos achados de uma vez, são apparencias! Um ordenado de quatro mil francos, he apparencia! Um amor tão puro, uma affeição tão generosa no coração de teu filho, he apparencia! Todos esses favores de Deos no momento em que só esperavas desta carta mas noticias, são apparencias! Que queres então?

— Não vejo razão para te alegrares como se aos pés te houvesse cahido do céo um milhão.

— Mas dize-me, homem incomprehensivel, se ouvindo ler esta carta, não experimentaste o menor sentimento de alegria?

— Não digo tal cousa; mas ha grandissima differença entre cinco mil e trinta mil.

— Sim, mas o que esqueces para não seres obrigado a alegrar-te he, que quatro vezes seiscentos francos que Hugo nos enviará formam os juros de cincoenta mil francos, e que graças a esse soccorro ficamos ao abrigo das necessidades, e nada mais temos a temer. Ah! Job, parece-me que se não ficasses contente desta vez, eu nunca t'o perdoaria. Se nosso pobre Hugo soubesse que permaneceste insensivel recebendo tão boas novas!...

O fabricante de cerveja achava-se embaraçado. Jamais teria confessado que estava contente, e aliás conhecia que não lhe ficava bem permanecer tão frio diante da affeição agradecida que attestava a carta de Hugo.

— Tu te esqueces do nosso infeliz Engelbert, que alli jaz tão miseravelmente, disse elle para não ser obrigado a dar uma resposta directa.

— Ah! disse mãi Job suspirando, creio que murmurarias, e desesperarias ainda quando Deos te pozesse no paraizo terrestre!

Job mostrou a porta com o dedo, e disse como se estivesse ao menos satisfeito de achar um meio de desviar a conversação:

— Ouço os passos do doutor: desta vez não me engano. Deos sabe que desgraça elle nos annunciará!

(Continuar-se-ha.)

Vide Diario n. 252.

ERRATA.

Entre varios erros que se encontram na *Carteira* de hontem, ha dous que não podemos deixar de corrigir, e são os seguintes: na quinta columna, linha 29, em vez de duque de Angouleme, leia-se *duque d'Enghien*; e na mesma columna, linha 30, leia-se *Jaffa*, em logar de Java.

sua vinha. Encontrando-os, pois, fez com elles o ajuste de um dinheiro por dia, e mandou-os que fossem trabalhar.

« A' terceira hora tornou a sahir e observando que estavam alguns inteiramente ociosos, disse-lhes: Ide tambem vós: quero empregar-vos na minha vinha, e dar-vos-hei o que for justo, e os trabalhadores se retiraram e foram.

« Tornando a sahir perto da sexta e da nona hora, vio que ainda estavam outros desoccupados e convidou-os para o mesmo trabalho.

« Sahio quasi pela undecima hora, e descobrio ainda outros trabalhadores, parados e entregues ao ocio. Porque razão (perguntou-lhes) deixastes de trabalhar todo este dia? Por que não tem havido (responderam elles) quem nos chame e empregue. Tornou-lhes o pai de familia: Eu vos empregarei. Ide trabalhar na minha vinha.

« Chegando ao fim da tarde, voltou-se este homem para o seu mordomo, e lhe ordenou que chamasse os trabalhadores e pagasse a cada um delles, mas devendo começar pelos que vieram por ultimo e acabar pelos primeiros.

« Aproximando-se os que vieram perto da undecima hora, recebeu cada um o seu dinheiro. Chegaram depois os que tinham vindo mais cedo, e disseram comsigo: Se estes que vieram mais tarde do que nos receberam um dinheiro, nos que chegamos mais cedo do que elles deveremos agora receber ainda mais na occasião do pagamento; porém, o mordomo não lhes deu mais que um dinheiro a cada um.

« Depois de pagos, soltaram-se em murmurações contra o dono da vinha, lançando-lhe em rosto a desigualdade com que procedia para com aquelles que lhe trabalhavam, e que o tinham servido. Os que vieram por ultimo (articulavam elles) não trabalharam mais do que uma hora, e tu lhes deste a mesma paga que tivemos, quando nós soffremos todo o peso do dia e da calma.

« O pai de familia dirigindo-se então a um delles, o rebateu deste modo: Amigo, estou certo que não te fiz injustiça. Não ajustaste comigo que receberias um dinheiro? Não acabei agora de pagar-te isso mesmo que havias pedido? Tens por tanto em tuas mãos o salario que te pertence, e podes retirar-te.—Como eu não dou senão do meu, posso dar a este ultimo aquillo mesmo que te acabei de dar. Acaso não me sera permittido dispor do que me pertence? Dar-se-ha por ventura que vejas com maos olhos as acções que pratico, ainda quando ellas por si mesmas sejam boas? Sabe que os ultimos hão de ser os primeiros, e que os primeiros hão de ser os ultimos; porque são muitos os chamados, e poucos os escolhidos. »

Sera possivel ensinar-se mais claramente que Deos he soberanamente livre em suas acções? Dar-se-ha caso que o Salvador do mundo ignorasse a natureza da vontade de seu eterno Pai?

Não fiquemos porem ahi, querido amigo, vejamos ainda o que disse o proprio Deos a este respeito.

« Eu terei piedade de quem quizer, e farei misericordia a quem bem me parecer. » (3)

Se estas palavras não forem para ti tão claras, quanto para mim são, aconselho-te que leias Petau, o qual assim pela escriptura santa como pela tradição constante dos padres da igreja, prova que a liberdade soberana de Deos fora sempre um dos dogmas da fé christãa. (4)

E com effeito, como explicar sem ella a doutrina da graça? Não ensina a igreja que a graça he um dom gratuito da parte de Deos? Não distingue mesmo duas especies de graça, a sufficiente, que he dada por Deos a todos os homens em geral, e a efficaz, que elle só dá a alguns em particular, sem que seja preciso que da parte destes haja nenhum merecimento, nem mesmo nenhuma predisposição? Não he a conversão de S. Paulo um dos mais brilhantes exemplos da liberdade com que o Ente supremo procede na concessão desse dom? Não estava o doutor phariseu cheio de odio e furor contra os discipulos de Christo, quando indo de Jerusalem para Damasco com o mao designio de fazer prender e punir a todos os christãos que la' se achassem. Jesus lhe appareceu no caminho, e por esse meio transformou o mais acerrimo perseguidor de sua igreja no mais activo e fervoroso propagador de sua doutrina?

A liberdade de Deos he attestada ja pela variedade de suas obras, ja' pela desigualdade que se acha entre as creaturas.

Queres saber uma das tristes consequencias do principio estabelecido pelo Dr. Feitoza?

Tirada a liberdade de Deos, acabado está todo o culto, acabada está toda a religião.

Dize-me, amamos nós a chuva que fertilisa nossos campos? amamos o sol que amadurece nossos fructos? Não, porque sabemos que obram necessariamente; e como amariamos a Deos se soubessemos que obra tambem do mesmo modo?

Demais para que fim implorar o auxilio ou a misericordia de um ente que quer e faz tudo necessariamente?

Para que render-lhe graças pelos beneficios recebidos, senão pode deixar de faze-los?

Bem te disse eu, querido amigo, tirada a liberdade de Deos, acabado está todo o culto, acabada esta toda a religião.

Felizmente não he como o autor do discurso que a humanidade pensa.

Quando ainda ha pouco lutamos com a peste, não vimos toda esta cidade correr pressurosa aos templos para implorar a misericordia divina? e depois que o qual deixou-nos, não vimos toda ella correr outra vez aos mesmos santos lugares para agradecer a Deos tão grande beneficio?

Sim, porque o Deos que adoramos não he esse de que falla o Dr. Feitoza, um Deos que nem de si mesmo he senhor, e a quem seria desarrazoado amar, visto que não he livre: mas o Deos da igreja catholica que he digno de todo o amor, de toda a adoração, e que inspira toda a confiança, visto que he infinitamente bom e misericordioso.

Houve tempo em que era moda negar a existencia de Deos, porem hoje ninguem mais se anima a proferir em publico uma tal monstruosidade, e bem que na Allemanha o tenham alguns despojado da personalidade, confundindo-o, ja com a ordem moral, ja com a ordem logica, ja mesmo com a ordem phisica, todavia ninguem que admitta um Deos distincto do mundo e da humanidade, um Deos verdadeiramente pessoal, se tinha ainda arrojado a negar-lhe a liberdade: tão evidente he o absurdo!

O Dr. Feitoza não limita-se a uma simples negação, elle chega mesmo a dizer que a liberdade no Ente Supremo seria uma faculdade ou um attributo repugnante e sem possibilidade de ser concebido, uma imperfeição, uma fraqueza, uma concepção repellida pela Essencia divina; entretanto o padre Ventura, esse luzeiro de quem o fallecido papa Gregorio XVI disse, que era o homem mais sabio de Roma, e que em Paris, a capital do mundo civilisado, tem sido comparado a S. Paulo fallando ao Areopago, esse varão illustre de quem o proprio Dr. Feitoza confessa, que tem—um poder de raciocinio que aterra, uma força de logica que esmaga e uma extenção de sciencia que espanta,—concorde nisso com todos os doutores da igreja catholica, diz mui terminantemente que—não se concebe Deos, que não se pode concebe-lo senão como um Ente soberanamente livre! (5)—Qual dos dous será mais entendido nestas materias?

Com effeito, como conceber-se que queira e obre sem liberdade aquelle que na phrase do illustrado bispo de Hermopolis, possuindo a plenitude do Ser e a fonte da vida, communicou a existencia aos céos e a terra e a todas as cousas visiveis e invisiveis? aquelle que conserva e governa tudo por sua sabedoria, depois de tudo haver feito por seu poder? aquelle que abraça todos os entes nos cuidados de sua providencia universal, desde os mundos estrellados até as flores dos campos, sem ser nem maior nas menores cousas, nem menor nas maiores? aquelle que ordenando tudo que he bem e prohibindo tudo o que he mal, manifesta aos homens suas santas vontades pelo ministerio da consciencia? aquelle emfim que he Juiz Soberano de todos nós e que na vida futura ha de dar a cada um segundo as suas obras, decretando castigos para o vicio e premios para a virtude? (6)

Os attributos de Deos, querido amigo, são identicos uns aos outros. A theologia ensina, que não ha entre elles nenhuma distincção real, bem como nenhuma ha tambem entre Deos e elles. Assim de qualquer destes attributos a razão deduz necessariamente todos os outros, conforme mui bem o fez ver S. Thomaz de Aquino no principio da sua summa philosophica. Quem nega pois qualquer delles, he obrigado pela logica a nega-los todos e tambem ao proprio Deos.

Se Deos não fosse livre, não poderia dizer-se providente, nem bom, não seria amante nem amavel; escravo da necessidade, não seria independente e não sendo senhor de si, o não seria de cousa alguma. Um tal ente seria muito inferior ao homem, seria cousa e não pessoa, pois onde não ha vontade livre, não pode haver personalidade. Um tal Deos não seria Deos.

Esta he, querido amigo, a linguagem de todos os escriptores sagrados, e mesmo não ha um só philosopho de grande nomeada, quer antigo, quer moderno, que admittindo um Deos verdadeiramente pessoal, o não tenha reconhecido soberanamente livre.

Queres saber como o Sr. abbade Gratry esprime-se a este respeito em sua recente obra—De la connaissance de Dieu—que foi premiada pela Academia Franceza?

Depois de haver deduzido da idéa do Ser todos os attributos de Deos que se chamam methaphisicos, o illustre membro da Congregação do Oratorio deduz della tambem todos os attributos moraes.

Eis aqui as suas proprias palavras:

« Não posso eximir-me de affirmar de novo que, se soubermos pôr de parte o habito que temos de tudo restringir, de tudo abstrahir, de collocar mesmo no Ser a negação que só he feita para o nada e de não ousar jamais sustentar plenamente a affirmação universal, a idéa do Ser he identica a de força, intelligencia, vontade, liberdade e amor. Tirai algumas dessas cousas e matareis aquelle que he. Tirai a intelligencia, tirai o amor, tirai a liberdade, o que tira o amor, e extinguireis o olhar e arrancareis o coração daquelle que era; e de tal sorte lhe tirais o Ser, que então dizeis:—Não ha Deos. Vós o dizeis e deveis dize-lo.—Não ha mais ente acima de nós; não ha mais nenhum que não esteja abaixo de nós. Somos superiores a esse Deos destruido, temos sobre elle uma superioridade incomparavel, pois conhecemos, queremos, amamos. Não ha mais ente absoluto.

(3) Exodo c. 33 v. 19.
(4) Dogmes theologiques tom. 1. L. V. C. IV.
(5) Conferencia XII o dualismo pag. 362.
(6) Frayssinous. Conferencias sobre o culto em geral.

« Mas independentemente da deducção possivel do ser para a bondade e para o amor, a razão estabelece directamente por seu processo principal que —Deos he infinitamente bom, infinitamente livre e infinitamente amante,— pois que ha em nós signaes de liberdade, de amor e de bondade.

« Deos he livre, Deos he bom, Deos ama » e tudo isso, quanto ás relações de Deos para com o mundo, resume-se em uma palavra que implica tambem sua sabedoria e seu poder, a palavra providencia ou governo paternal do mundo » (7)

Facil me seria, querido amigo, apresentar-te aqui de modo resumido o que sobre este mesmo ponto escreveram tambem S. Agostinho, S. Thomaz d'Aquino, Fenelon, e Bossuet, mas bem sabes que sendo uma só a doutrina da igreja, estes Santos e piedosos varões não podem estar em opposição uns com os outros, todos dizem a mesma cousa e não ha differença entre elles senão na forma; vejamos porem o que a este respeito tem ensinado os philosophos, esses pensadores livres que se dão como os representantes legitimos da razão.

Dous nomes illustres resumem na antiguidade toda a philosophia. Platão e Aristoteles são por assim dizer os dous polos desta sciencia. Todos aquelles que apartam-se de um, por esse mesmo movimento aproximam-se do outro; entretanto esses dous grandes homens concordam perfeitamente em reconhecer um Deos omnipotente, sabio, bom, livre e providente; pois que o consideram como infinitamente perfeito.

Um escriptor contemporaneo, de grande merito expõe nos seguintes termos a doutrina do chefe da Academia sobre Deos;

« Bem como acabamos de vêr, Platão pretende por sua dialectica elevar-se ao verdadeiro Deos, ao proprio ser, ao mais perfeito dos seres, ao principio de todas as cousas, a' propria verdade, ao soberano bem que he; mas chegou elle realmente ao conhecimento do verdadeiro Deos, a' verdadeira idéa de Deos e de seus atributos? Sem hesitar, dizemos que sim.

« He este o parecer de Santo Agostinho, de S. Thomaz de Aquino, de Bossuet, bem como de Fenelon e Thomassino Mestremos primeiramente o facto paradepois citarmos essas autoridades decisivas.

« No X livro das leis, Platão procurando estabelecer a Providencia, eleva-se por sua dialectica a' idéa de Deos do seguinte modo: « Ha em nós algumas virtudes, logo Deos tem plenamente toda a virtude (8). Nós podemos alguma cousa, Deos pode pelo menos tudo o que nós podemos (9). Em nós pode haver bem e mal; em Deos não. » (10)

« He assim que a semelhança e o contraste de nós para Deos elevam Platão, segundo sua theoria, a' reminescencia de Deos.

« Vê-se que essas asserções não são outra cousa que essa dialectica vulgar e natural, que no espectaculo das cousas visiveis e na vista da alma humana apaga os limites, o defeito e o mal, eleva assim o bem ao infinito, e affirma-o de Deos; mas Platão fazia-o scientificamente.

« Seja como fôr, ja' vimos que o Deos de Platão não he um Deos abstracto. O Deos de Platão he o Ser absoluto, sem defeitos, o soberano Bem, o Ser que possue toda a vida, a sabedoria e a Providencia; sol do mundo intelligivel de quem as verdades necessarias, universaes que vemos, são a sombra. Esse Deos, autor e pai da luz intelligivel, o he tambem do sol e do mundo visivel. Elle fez o sol a' sua imagem para esclarecer a terra como elle proprio esclarece o mundo intelligivel (11). Elle he esse Bem que apenas se percebe no centro do mundo intelligivel, mas que uma vez percebido, apparece como a causa de tudo que he bello e bom (12). He para elle que procura voar a alma do verdadeiro philosopho, que he só quem tem azas.

« He elle que he absolutamente, que he um vivente absoluto, um vivente intelligivel e perfeito, o vivente que he, em quem são as ideas, a essencia eterna de quem, a fallar propriamente, não se pode dizer que foi, nem que sera', mas somente que he, elle he o Deos que he sempre (13). He elle que tem o movimento na estabilidade, que tem a augusta e santa intelligencia, o que o sophista não nega. « Em nome de Deos, exclama Platão, cuidam que nos persuadirão facilmente que aquelle que he absolutamente, não tem nem o movimento, nem a vida, nem a alma, nem o pensamento; que he inerte, que he privado da augusta e santa intelligencia? — « Dir-nos-hão que elle tem a intelligencia mas que não tem a vida? Dir-nos-hão que tem uma e outra cousa, mas não a personalidade? Dir-nos-hão que he pessoal, intelligente, vivo, mas inerte? — Tudo isso seria absurdo. » (14)

« Demais, segundo Platão, he esse Deos que fez o mundo. Tudo foi feito por Deos. O mundo não vem de uma causa cega e espontanea que produz sem consciencia, mas de um Deos que crea com sciencia e divina razão. Os entes que não eram ao principio vieram depois a ser pelo Deos que os fez. (15).

« Tal he o Deos dado pela dialectica platonica. Esse Deos he; he absoluto; he Ser absoluto, o proprio Bem, intelligencia e Providencia, autor e pai do mundo. He o verdadeiro Deos. »

Passemos agora ao chefe do Lycêu.

« Ha tres essencias, diz elle, duas naturaes, uma immovel... porque ha necessariamente uma essencia eterna, immovel.

« Cumpre que haja um principio tal que sua essencia seja o proprio acto.

« Um ente que move sem ser movido, he eterno, he essencia pura, he acto puro.

« Eis como elle move. O desejavel e o intelligivel move sem ser movido... elle move como objecto de amor.

« O desejavel e o intelligivel supremos são a mesma cousa.

« O objecto do desejo he a apparencia do bello, mas o objecto da vontade he o proprio bello.

« Logo que ha um ente que move, bem que immovel, e que he immovel, bem que em acto, esse ente não he submettido a mudança.

« Esse motor he por tanto um ente necessario, e como necessario elle he o bem, he o principio.

« Tal he o principio a que estão suspensos o ceo e a terra. »

Depois de ter assim mostrado a existencia do Principio, Aristoteles passa a mostrar o que esse Principio he em si mesmo.

« Nós gozamos a felicidade passageira, continúa o philosopho, elle a possue eternamente.

« Sua felicidade he seu proprio acto; estar acordado, sentir, pensar, he o nosso bem, depois a lembrança e a esperança, mas o acto delle, sua felicidade, he o pensamento em si.

« Mas o pensamento em si he o pensamento do melhor em si, e o pensamento por excellencia he o do bem por excellencia. Ora, o pensamento pensa a si mesmo comprehendendo o intelligivel, e torna-se o intelligivel por esse contacto e por esse pensar; de sorte que o pensamento e seu objecto são uma mesma cousa. Comprehender o intelligivel, comprehender a essencia, he o pensamento: esta posse mesmo he o seu acto, e esse acto que constitue todo o pensamento, tem segundo parece, um caracter divino, de sorte que a contemplação he certamente a felicidade e a perfeição.

« Mas se Deos goza continuamente essa felicidade que o homem não pode gozar senão por instante, certamente sua felicidade he admiravel; mais admiravel ainda se essa felicidade he nelle maior do que he em nós. Ora, isso assim he, porque isso mesmo, essa mesma felicidade he a sua vida; o intelligivel em acto he a vida; ora, elle he todo acto; assim o acto em si he sua vida, vida eterna e soberana. Nós chamamos Deos um vivente eterno e perfeito, porque a vida continua, eterna, he nelle, ou antes essa vida mesma he Deos.

« Que ha uma substancia eterna, immovel e distincta das cousas sensiveis, he isso manifesto á vista do que fica dito. He tambem manifesto que essa substancia não tem nenhuma grandeza particular, mas que he sem parte, que he indivisivel. Ella move durante um tempo infinito e nada finito tem uma força infinita. » (16)

Talvez, querido amigo, não te seja mui facil comprehender bem esta theoria sublime do philosopho de Stagyra, tambem não tenho tempo bastante para aqui desenvolve-la e explica-la, o que não custaria muito, visto ser trabalho já feito por aquelle a quem chamam o Anjo da escola; todavia sempre quero dizer-te como um contemporaneo illustre resume as palavras desse santo doutor acerca de uma das mais fecundas formulas do mestre de Alexandre Magno:

« Esta formula:—Deos he essencia pura: Deos he acto puro;—diz o sabio escriptor, he de uma fecundidade immensa. S. Thomaz de Aquino que a desenvolve na luz de seu genio christão, superior como tal ao de Aristoteles, tira della verdadeiros thesouros, descobre nella profundidades admiraveis. Digamos aqui somente em poucas palavras, que quando sabe-se que Deos he essencia pura, isto he, que tudo he essencial em Deos, sabe-se que não ha nelle accidente, nenhuma qualidade variavel ou secundaria: seu ser he sua essencia, isto he, he necessario; seu conhecimento he sua essencia; sua vontade he sua essencia; sua beatitude sua essencia. Quando sabe-se que Deos he acto puro; em outros termos, que nelle tudo he acto, sabe-se que não ha nelle como em nós, o virtual e o actual, o possivel e o real, a potencia e o acto, mas que todo o possivel de Deos he actual; que nada nelle está por desenvolver, por aperfeiçoar; que elle he já perfeito; que não he como as creaturas, indefinidamente capaz de desenvolvimento, mas que he ja agora, se assim nos podemos exprimir, infinitamente desenvolvido; o que marca absolutamente a distincção do finito e do infinito. Ser essencia pura e acto puro, he realmente o caracter divino do infinito. »

Queres saber tambem qual era a crença do genero humano anteriormente a estes dous maravilhosos engenhos e no tempo em que floresceram?

Escuta o que diz o segundo em seu livro *De Mundo*.

Depois de ter desenvolvido as suas idéas sobre o mundo, Aristoteles exprime-se nos seguintes termos:

« Resta-nos fallar summariamente da causa que contem e governa o todo. Uma antiga tradicção, diffundida por nossos pais em toda a humanidade, ensina-nos que todas as cousas vem de Deos e por Deos, que nenhuma natureza he sufficiente a si mesma, e nenhuma subsiste senão pelo soccorro delle. Deos he com effeito, conservador e pai de tudo o que he no mundo e obra em tudo o que se obra, não como um obreiro que trabalha e se fatiga, mas como uma virtude omnipotente que obra.

« Cumpre saber de Deos que sua força he irresistivel, sua belleza completa, sua vida immortal, sua virtude soberana e que invisivel a toda a natureza mortal, elle he visivel por suas obras. E certamente todos os movimentos, e todos os entes que existem no ar, na terra, nas aguas, são realmente obra do Deos que contém o Universo.

« Deos he nosso lei immutavel, lei que se não pode mudar nem corrigir, lei mais santa e melhor do que as leis escriptas em nossas Taboas. Governando tudo por uma actividade incessante e uma infallivel harmonia, elle dirige e ordena o todo do Universo, terra e céo, e diffunde-se em todos os entes.

« Elle he um, mas tem muitos nomes que lhe veem de suas diversas operações sobre o mundo. Não parece que quando o chamamos *Zena* e *Dia*, queremos dizer—aquelle por quem vivemos—

« Todos esses nomes significam somente Deos, como mui bem observa o nobre Platão. Portanto, segundo a antiga tradicção, Deos he o principio, o fim e o meio de tudo o que he e atravessa toda a natureza em linha recta (mostrando a cada cousa seu caminho direito), sempre seguido da justiça, vingadora dos transgressores dessa linha divina; justiça que deve possuir todo aquelle que quizer chegar no futuro á beatitude e quizer ser feliz desde ja. » (17)

Deixemos os antigos e vejamos o que pensam os modernos sobre o objecto que nos occupa.

O pai da philosophia moderna he Descartes, tu bem o sabes, querido amigo. Indaguemos pois o que pensou elle sobre Deos.

« Não somente eu conheço, diz elle em suas *Meditations*, que sou uma cousa imperfeita, incompleta e independente de outrem, que tende e que aspira incessantemente a alguma cousa maior e melhor do que sou, senão tambem conheço ao mesmo tempo que aquelle de quem dependo possue em si todas essas grandes cousas a que aspiro, e cujas ideas acho em mim, e que elle a possue não indefinidamente e somente em potencia, mas que goza dellas com effeito, actual e infinitamente e assim que elle he Deos. » (18)

« Provando a existencia de Deos deste modo, diz elle em seus *Principes*, temos ainda a vantagem de conhecer por um mesmo meio o que elle he, tanto quanto o permitte a fraqueza de nossa natureza; pois reflectindo sobre a idéa que temos actualmente de Deos,—vemos que he eterno, omnisciente, omnipotente, fonte de verdade e de bondade, creador de todas as cousas, e que emfim tem em si mesmo toda a perfeição ou ausencia de toda a imperfeição. » (19)

Antes de deixarmos a França, vejamos o que diz sobre a liberdade de Deos o maior do seus philosophos vivos, o chefe da escola ecclectica moderna.

Eis aqui como se exprime Mr. Cousin:

« Se o homem he livre sera possivel que Deos o não seja tambem? Ninguem contesta que aquelle que he causa de todas as cousas, e que não tem outra causa senão a si mesmo, não pode depender de cousa alguma; mas Spinosa libertando a Deos de todo o constrangimento externo, escravisa-o a uma necessidade interna e mathematica, na qual acha a perfeição do ser, o que seria fundado se se referisse ao ser que não fosse uma pessoa, porquanto o caracter do ser pessoal he precisamente a liberdade. Se pois Deos não fosse livre, estaria abaixo do homem. Não seria extraordinario que a creatura tivesse o maravilhoso poder de dispor de si mesma, de querer livremente e que o ser que a fez fosse escravisado a um desenvolvimento necessario, cuja causa estando nelle sem duvida, he emfim uma especie de potencia abstracta, mechanica ou metaphisica, porem mui inferior a causa pessoal e voluntaria que somos e de que temos a mais clara consciencia?—Deos he livre, visto que nós o somos—; mas não he livre como o somos; porque he ao mesmo tempo tudo o que somos e nada do que somos. Elle possue os mesmos attributos que nós; porem elevados ao infinito;—possue uma liberdade infinita junta a uma intelligencia infinita—; e do mesmo modo a sua intelligencia he infallivel e isenta das incertezas da deliberação, por isso que com um só olhar percebe onde está o bem, assim igualmente a liberdade o consuma espontaneamente e sem nenhum esforço. » (20)

Ainda ha pouco o Sr. Emilio Saisset analysando a logica do padre Gratry, diz—Ha na creatura força, intelligencia, belleza, amor, liberdade: logo tudo isso existe no Creador.

Entremos, querido amigo, nessa terra da Allemanha que he hoje para a philosophia o que fora a antiga Grecia.

O nome mais illustre da Allemanha he sem contradicção o de Leibnitz.

Queres saber qual a theoria completa desse profundo engenho sobre Deos? Seria preciso para isso que eu podesse dar-te aqui, ao menos em resumo, a sua *Théodicee*, os seus *Principes de la nature et de la grace* e a sua *Causa Dei*, mas como tal não he possivel, deves contentar-te com os seguintes pequenos extractos:

« Toda a vontade verdadeira não he realmente « vontade senão sendo livre, senhora de si mesma. « A vontade de Deos eminentemente soberana, he « a propria liberdade, o typo completo de uma li« berdade absoluta. Ella exclue todo o cons« trangimento, toda a servidão, toda a necessi« dade. »

« De não differirem entre si a intelligencia e a vontade de Deos, como na creatura imperfeita, não resulta que Deos careça de liberdade. Não he a liberdade divina o amor puro de tudo o que uma intelligencia divina pode conceber de melhor, de mais bello, e por assim dizer, de mais divino? »

Depois de Leibnitz he Kant o maior vulto philosophico da Allemanha.

Em sua *Critique de la raison pure*, este grande engenho combatendo as provas outologica e cosmologica da existencia de Deos, diz que elle não he senão uma idéa, um ideal hypothetico, unicamente necessario para coroar o edificio da sciencia; mas em sua *Critique de la raison pratique*, Kant aproxima-se de Leibnitz e Descartes, dos quaes se pode dizer que he o continuador.

Descartes chegára ao conhecimento de Deos, interrogando de preferencia a razão concentrada em si mesmo, o pensamento puro; Leibnitz, consultando a intelligencia applicada ao estudo do universo e de si mesma; Kant, escutando mais docilmente as faculdades e necessidades praticas da alma, a vontade e suas leis.

He com effeito a contemplação da ordem moral que o obriga a reconhecer a existencia real de um Deos livre, justo e bom.

Um distincto escriptor contemporaneo, Mr. Christian Bartholmes, exprime-se nos seguintes termos acerca da doutrina religiosa de Kant:

« Apoiando a religião sobre a autoridade da lei moral, ou explicando o seu dever por Deos, Kant prestara um serviço utilissimo. O caracter imperativo dessa lei he tal, com effeito, que nem os scepticos nem os pantheistas não podem contesta-lo com bom resultado. Como pois destroiriam elles o que della logicamente decorre? Esse muro de bronze, segundo a expressão de Kant, essa consciencia do justo e do injusto, os scepticos tentam interpreta-la diversamente em theoria; mas importa ver de que modo a conducta delles a interpreta. Ora, esta trata-a como uma realidade, como um principio de acção, como uma potencia; pois conformando-se com ella, aceita-a. O mais irresoluto dos duvidadores vive em sociedade, aspira a felicidade, exige dos outros que não perturbem sua tranquillidade, consente em não perturbar a delles, consente mesmo em submetter suas relações com elles a uma regra invisivel que determina os deveres e os direitos, e que marca-os com um sello que se não póde apagar, igualmente invisivel que se chama o respeito. Poderia elle fazer depois passar esta regra como uma convenção, uma invenção, um capricho ou um phenomeno passageiro? Sendo absoluto o imperio que ella exerce sobre a alma humana, o pyrrhonico de balde tratará de introduzir algum motivo de duvida entre a lei e nossa vontade. Ha ahi não sei que relação de identidade entre o *sujeito* que obedece e o *objecto* que este deve realizar obedecendo. Ambos são da mesma natureza, interiores e espirituaes; a relação que elles mantem he das mais directas, das mais puras. He a propria essencia da razão que manda ao ser que ella anima ou constitue, que a exprimaje realise por uma via rasoavel, por uma serie de actos e de movimentos que a manifestem e appliquem, pouco mais ou menos como a obra do artista revela e effectua sua concepção e seu genio; mas se a obrigação ligada á moral não he a propria obra do ser que ella domina, se não vem de homem, donde vem? Kant prosegue na inducção: *o que he intelligencia e liberdade não pode remontar a uma força sem liberdade, e sem intelligencia, á natureza phisica; a lei moral proclama por tanto um legislador moral*. O sceptico regeitara provavelmente uma tal conclusão, mas ao menos confessará a impotencia de negar-lhe as premissas.

« O pantheista não as negará tambem, quando mesmo recusar concluir dellas uma Divindade moral e individual. Se a vontade verdadeiramente livre, digna de si mesma e da razão a quem serve, não concebe, não deseja outro bem soberano que a felicidade que acompanha a virtude; se ella tende, por todas as vias de sua actividade superior, para o cumprimento da ordem moral; se essa tendencia brilhante he a tal ponto imperiosa e universal que o *eu* não pode deixar de ceder-lhe, poderá a potencia que della he origem ser privada de vontade e incapaz de santidade? Ou a liberdade e a virtude são duas illusões, ou ellas tem uma outra causa que não essa necessidade mecanica ou dynamica que deve dominar e explicar a natureza passiva e sensivel. « Somente a vontade pode dar conta da vontade, e se he impossivel negar a liberdade humana, sera preciso aceitar a liberdade divina.» (21)

Tres nomes illustres representam ainda a philosophia na Allemanha, Fichte, Schelling e Hegel.

Para o primeiro e tambem para o ultimo, Deos não he um ente realmente existente, nem tão pouco um ente pessoal. Fichte considera-o como a propria ordem moral que reina no mundo, e Hegel, o pai da doutrina da contradicção, considera-o como a ordem logica; portanto, ambos estão fora da questão que nos occupa.

Schelling, o pai da philosophia da identidade, considera Deos, não como o Ser supremo, o mais real dos seres, porem como o ser universal, a essencia de todo o ser. Assim ao Ente supremo elle substitue o Ente um e unico; ao Ente mais real, o Ente só real e eterno.

Ao seu ver o absoluto, o todo, Deos emfim, passa successivamente por differentes transformações, atravez de duas ordens de relações, a real e a ideal.

Na primeira transforma-se elle successivamente em peso e materia, luz e movimento, organismo e vida, e na segunda, em verdade e sciencia, bondade e religião, belleza e arte.

Acima destas tres ordens de potencias vem collocar-se, como um segundo universo correspondente ao primeiro, uma nova transformação do absoluto; realmente em systema do mundo e do homem, idealmente em historia e estado.

Nesta manifestação de dous modos parallelos e contemporaneos, no mundo real e no mundo ideal, acha Schelling a prova de que Deos he um ente vivo.

Aos que accusam-no de pantheista, responde elle: « O Deos do idealismo puro bem como o do realismo puro, he necessariamente um Deos impossivel: he o Deos de Fichte, he o de Spinosa. O meu Deos não he nenhum destes, he a unidade viva de todas as forças, he a união do principio ideal com sigo mesmo no seio de sua profunda independencia, he a mais alta personalidade, he emfim o espirito por excellencia. (22)

De que serve que Schelling diga que o seu Deos he a mais alta personalidade, se lhe nega a liberdade, sem a qual não pode haver pessoa propriamente dita?

No seu entender não he a vontade livremente desenvolvida, que leva Deos a manifertar-se assim na ordem real e na ordem ideal, he o desejo ardente que elle tem de gerar-se a si mesmo, he o effeito de um instincto fatal, de uma necessidade, de uma condição que o domina.

De todos os philosophos de grande nomeada, Schelling he o unico com quem o Dr. Feitoza se poderia apadrinhar para negar a liberdade de Deos, admittindo todavia a sua personalidade, pois ao seu ver esta consiste simplesmente na vontade, qualquer que seja o modo pelo qual se desenvolva; necessaria ou livremente, não importa; mas felizmente o philosopho allemão em seus mais recentes escriptos aparta-se dessa doutrina das transformações, que he a dos Cabiras, e propõe-se dar uma sciencia *positiva*, que no seu entender he o contrario, assim do empirismo puro como do puro racionalismo.

« O empirismo, diz elle, não eleva-se até a idéa da universalidade, e o racionalismo não pode conduzir além da necessidade logica e abstracta. He da realidade que trata-se de partir, para possuir uma sciencia *real*, uma explicação positiva da existencia toda inteira. Ora, nada ha que seja mais real do que a « liberdade de Deos, do que a actualidade continua do Ser verdadeiramente existente.» a experiencia, uma experiencia superior que abraça tudo, que comprehende e penetra a razão invariavel, bem como os phenomenos variaveis, he o unico meio de conhecer a Divindade, de *contemplar sua liberdade*. O primeiro effeito dessa convicção fundamental he que Deos não he o ser puramente universal e infinito, mas um ser distincto e pessoal.» (23)

Vê-se pois que Schelling abandonara o racionalismo pela experiencia, e que substituira a necessidade pela liberdade.

A par dessas estrellas de primeira grandeza, querido amigo, brilham ainda no céo philosophico da Allemanha muitas outras de segunda e terceira grandezas, mas tão numerosas são que excluem até mesmo a possibilidade de aqui apresentar-te o que pensaram sobre o ponto que nos occupa.

Peço-te tambem que me permittas passar em silencio a escola escosseza fundada por Hutcheson, organisada por Reid, e cujo mais illustre representante foi Dugal Steward. Essa escola não he mais do que um protesto do bom senso contra a doutrina perniciosa de Hume, que negando a substancia assim como o principio de causalidade, um dos mais fecundos de entre os que regem a intelligencia humana, tinha chegado a dizer que Deos he alguma cousa de inintelligivel, um ente que se não pode representar, e ao qual attribuem-se qualidades negativas ou contradictorias: uma abstracção vãa e vasia sem accordo interior e sem objecto, um absurdo, um *não-senso*.

Basta dizer-te que não ha um só philosopho desta escola, que explicita ou mesmo implicitamente tenha negado a liberdade de Deos.

A Italia, esse jardim da Europa, essa terra de tão grandiosas recordações, tambem tem tomado parte no movimento philosophico que agita o mundo.

Para não fallar-te senão dos tempos modernos, quatro são os principaes philosophos daquella abençoada peninsula, Rosmini-Serbati, Gioberti, o barão Galuppi e o conde Terencio Mamiani.

Gioberti, fallecido pelos fins do anno passado, ou no principio do corrente apartando-se do padre Rosmini-Serbati, que julgava poder dar a philosophia christan os dous caracteres da verdadeira sciencia, —a unidade e a totalidade, — tomando por ponto de partida uma idéa que considerava como inherente á nossa intelligencia,—a possibilidade do ser,—parte da realidade do ser concebido ideal e platonicamente. Sua formula pode ser assim expressada. —O ser crea as existencias,—e ao seu ver, ella basta para reformar a philosophia actual, preservando-a assim do pantheismo como do paralogismo psycologico.

Cada membro desta proposição, diz elle, exprime uma realidade effectiva. O primeiro, o ser, affirma uma realidade absoluta e necessaria; o segundo, a existencia, uma realidade contingente e relativa, sendo o laço natural de ambas a creação—acto positivo e real, porém livre,—acto pelo qual o ser, a substancia e causa primeira, faz existir as causas e substancias segundas, governa-as e conserva no tempo pela immanencia da acção continuamente creadora. (24)

O barão Galuppi, a quem muitos chamam o Reid da Calabria, regeitando a idéa innata de Rosmini e o juizo synthetico a priori de Gioberti, parte do facto psycologico da percepção do Eu para passar ao que está' fora do Eu.

Eis aqui em resumo como o illustre professor da universidade de Napoles faz nascer e justifica a idéa de Deos.

Uma serie infinita de condicionaes sem absoluto, diz elle, he cousa impossivel e o *eu*, tendo uma existencia condicional suppõe uma causa incondicional, o absoluto, ou Deos. O *eu* he, porque o absoluto o faz ser. Entre o eu e o absoluto existe um laço necessario:—he a acção livre exercida pelo absoluto sobre o eu.—(25)

O conde Mamiani reconhece um Deos bom, justo, livre, e providente, combate o pantheismo que acha incompativel com a fé no progresso, ensina a creação e faz consistir a affinidade com Deos em poder e dever o homem cumprir a lei divina.

Como vês, querido amigo, a sciencia sagrada e a profana concordam ambas em reconhecer a liberdade de Deos, e o Dr. Feitoza, negando-a, não somente contradisse a igreja catholica, senão tambem constituio-se em opposição manifesta contra todos os pensadores de primeira ordem que teem illustrado a humanidade desde os tempos antigos até agora.

O padre Ventura que ja acima citei, depois de comparar o Deos da igreja catholica com o Deos dos philosophos e dos hereges, rompe na seguinte exclamação que bem se pode applicar ao Deos sem liberdade do Dr. Feitoza, ao Deos vontade, ao Deos intelligencia e ao Deos sensibilidade, que em seu entender, compõem a Trindade Divina.

« Oh! quanto he pobre, quanto he miseravel, quanto he indigno de nossas homenagens, o Deos da razão philosophica, o Deos da razão protestante! He um Deos imaginario, um Deos phantastico, um Deos falso, ou pelo menos, um Deos incompleto, um Deos imperfeito. Oh! quanto he grande, sublime e digno de nossas adorações e de nosso culto o Deos da razão catholica, o Deos da fé!! Elle he o verdadeiro Deos, o Deos positivo, o Deos completo, o Deos perfeito. O' desgraçados, vós que estais fora da igreja, adorais portanto o Deos erro, o Deos defeito, o Deos nada, um Deos que não conheceis, que não podeis conhecer, pois que não existe tal qual o haveis formado.

« Só nós que somos da igreja e que estamos na igreja, adoramos o Deos perfeição, o Deos substancia, o Deos verdade, o Deos que conhecemos, que podemos bem conhecer porque elle he verdadeiramente tal qual o ensino da igreja no-lo tem revelado; santo, sabio, justo, bom, misericordioso e providente.

« Esse Deos he um em sua natureza, trino em suas pessoas, absoluto em sua existencia, independente em sua acção, omnipotente em sua palavra, eterno em sua duração. He um ser sempre antigo e que não conta idade; sempre novo e que não conhece principio; sempre livre e que não muda nunca: sempre immutavel e que obra sempre; que se compadece, mas sem fraqueza; que se arrepende mas sem pezar, que pune, mas sem colera; que recompensa, mas sem parcialidade. Ser sempre subsistente e que nenhum tempo não mede; presente em toda a parte e que nenhum espaço não circumscreve; que prevê tudo e que nenhuma previsão não perturba; que move tudo e que nenhum movimento não altera, que governa tudo e que nenhuma empreza não occupa; que faz tudo e que nenhuma acção não fatiga; que abaixa-se a tudo e que nenhum abaixamento não degrada; que dá tudo e que nenhuma doação não empobrece, que se communica a tudo e que não communica nunca nenhuma parte de si mesmo.» (26)

Um reparo me permittiras que faça aqui (antes que vá mais adiante.

Como he que o Dr. Feitoza, ostentando tanto catholicismo, attreveu-se a contrariar tão abertamente a doutrina ensinada pela igreja? Dar-se-ha caso que ignore que esse deposito he para ella tão sagrado que não consente que ninguem lhe toque nem de leve?

Dar-se-ha caso que não saiba que combater qualquer ponto do ensino catholico, he o mesmo que combate-los todos, e que por conseguinte tão herege he aquelle que nega a liberdade de Deos, como são os Manicheus que lhe negaram a presciencia ou os Nestorianos que lhe negaram a bondade, que tão herege he aquelle que diz que a vontade he o Deos Padre, que a intelligencia he o Deos Filho, e a sensibilidade o Deos Espirito Santo, como he aquelle, por exemplo, que diz que Jesus Christo não teve um corpo real, mas somente um corpo apparente? Sim, todos são igualmente hereges, todos são igualmente culpados, pois todos concordam em um mesmo ponto; todos antepozm a sua razão individual, a razão da igreja universal.

Combater o ensino da igreja em qualquer ponto que seja, he negar-lhe a infallibilidade, he negar-lhe a assistencia do Espirito Santo, he negar-lhe tudo o que a faz respeitavel no mundo; por isso com toda a razão expelle ella de seu seio esses filhos desnaturados, que em vez de obedecer-lhe e de ama-la como mãi, procuram, em seu orgulho, rasgar-lhe as entranhas.

Um illustre membro do clero hespanhol, o Sr. padre Jacques Balmés, que tem feito retumbar na Hespanha palavras analogas as do padre Ventura, desenvolvendo talvez mais moderação, e mais equidade, accusa a Mr. Cousin de ter offerecido veneno a mocidade em copo de ouro: « el veneno em copa de oro. » (27) Oh! com quanto maior fundamento se poderia fazer ao Dr. Feitoza uma semelhante accusação.

Esta ja vai longa de mais, querido amigo, portanto não querendo enfadar-te, deixarei para analysar em outra os principaes argumentos que o Dr. desenvolve para provar que não ha liberdade em Deos, mas desde ja asseguro-te que nenhum valor tem elles aos olhos da razão, sendo certo que o autor do discurso, não os teria jamais empregado, se seus —numerosissimos trabalhos, que mal o tempo lhe deixam para dormir,—não o impedissem de com mais cuidado e attenção estudar a natureza das faculdades da alma e dos attributos de Deos.

Teu amigo do coração.

Y.

Outubro 17 de 1856.

(7) Tomo II. Dos attributos de Deos cap. IV.
(8) Leg. 900, D.
(9) Leg. 901, D.
(10) Leg. 900, D.
(11) De Rep. 508, C.
(12) De Rep. 517, C.
(13) Tim. 30 e seg.
(14) Sophist. 248 e 249.
(15) Sophist. 265, C.
(16) Alethap. XII, 6, 7.

(17) De mundo, VI, e VII.
(18) Meditations t. 1 p. 290.
(19) Principes, p. 239.
(20) Du Vrai, du Beau et du Bien.
(21) Histoire critique des doctrines religieuses de la philosophie moderne. Tomo. I, 1. V. c. II p. 369.

(22) Ecrits philosophiques, p. 181.
(23) Vejam-se Primiere Leçon a Berlin e o Prefacio des Ecrits posthumes de Steffens.
(24) Introduzzione allo stud. della filos. T. 11 part. 1. p. 57.
(25) Elementi di filos. T. 11 p. 110.
(26) Conferencia V. Da immutabilidade etc., do ensino da igreja p. 319 e 321.

(27) Cartas a um sceptico p. 155.

CRITICA DA CRITICA.

Analyse do esboço critico-litterario, do Clarim Litterario, pelo Sr. P. de Calasans.

Introducção.

III

Esses homens que apenas começam a sua vida no mundo litterario, que muitas vezes acabaram de receber as primeiras noções rudimentaes dos estudos preparatorios, que não possuem ainda os dados precisos para poderem abalançar-se a estudos superiores; esses homens que, porventura, mal sabem balbuciar uma palavra e exprimir uma idéa, por que a mais não chega a sua intelligencia privada de cultura,-são os mesmos que não temem affrontar o juizo da opinião publica esclarecida, e de um momento para outro se arrogam a sublimissima tarefa de escriptores!

Não ha ramo nenhum da sciencia que elles se não atrevam a desenvolver; não ha especialidade alguma litteraria que elles se não julguem habilitados a sujeitar as ferteis inspirações do seu talento: não ha materia alguma no curso geral das humanidades para a qual se não reconheçam com a necessaria aptidão; e desde as questões mais triviaes de grammatica até as mais difficeis e importantes, nas quaes se requerem os mais profundos conhecimentos, e um decidido gosto, não ha nada que deixe de submetter-se ao instincto de tão prodigiosos engenhos. Philosophia, historia, politica, philologia, critica, poesia, eloquencia, tudo quanto constitue o objecto da litteratura e da sciencia humana, vem obedecer imperiosamente ao poder descricionario desses espiritos que se reputam dotados da maior força para dirigir os destinos da civilisação.

O que admira, porem, o que sobre tudo he para sorprender, o que excede mesmo todas as previsões possiveis, he que em qualquer uma dessas differentes especialidades, elles ousam dissertar, questionar e escrever, sem que possuam essa instrucção cabal que deve estar em relação com todas ellas.

Não he necessario ler Thucydedes e Herodoto,ou, pelo menos, estudar nos escriptos posteriores o genero particular, a physionomia propria dessa grande sciencia que tende marcar,no correr do tempo, as vicissitudes, o movimento, a vida e o progresso da humanidade, para poder aprecia-la em suas diversas manifestações, no seu pensamento dominante, nos seus resultados puramente praticos.

Basta saber que ha uma cousa chamada *historia*, que ha uma sciencia conhecida sob esta denominação, embora se ignore o seu verdadeiro valor, e a maneira por que deve ser methodicamente apreciada.

Que importa compulsar os tratados historicos; sondar com o espirito de analyse a marcha successiva dos povos e das nações; investigar em sua origem, nos seus differentes effeitos, nos seus justos corollarios, essas judiciosas narrações em que se acham estampadas as idéas, os costumes, as tendencias e as variadas evoluções do espirito humano, caminhando sempre em seu plano de assenção progressiva, no meio de todos os successos,e atravez de todos os phenomenos moraes?

Que importa perscrutar em seu legitimo desenvolvimento essa fonte copiosa de tantas recordações uteis, esse thesouro inapreciavel de tantas lições proveitosas, esse monumento vivo das tradicções sociaes que fixa no correr das épocas a tradução completa da existencia humana, com todas as condições de sua realisação e aperfeiçoamento possivel?

Para elles nada disto he necessario: basta saber de cór os nomes de alguns historiadores d'entre os mais celebres e conceituados; reter na memoria, quando muito, um dos mais conhecidos trechos de suas obras; conhecer qual he em geral *e perfunctoriamente* o pensamento capital que procuraram exprimir: e se chegam a possuir essas mesmas noções superficiaes, já não he pouco; he um valioso titulo de illustração.

Com tão fracos subsidios,não he raro ve-los *arrotar* profundos conhecimentos; e se, por acaso, trata-se de uma questão historica, ou recahe a convocação sobre um ponto que esteja ligado a essa tão importante sciencia, não se supponha que elles se conservam mudos e indifferentes; ao contrario, tomam parte na questão, fallam, discutem, pronunciam juizes definitivos, proferem uma entiada de nomes pomposos, azoinam os ouvidos de todos com amiudadas citações.

Entretanto, succede não poucas vezes que fallem de autores que nunca leram! Taes abysmos de erudição *phosphorica* infelizmente abundam em grande escala; e o mais he que, preparados deste modo, munidos de tão frageis armas, elles fazem gemer os prelos com suas composições sobre assumptos historicos; *recolhem* as tradições e monumentos de differentes povos e nações; examinam o passado, dogmatisam para o futuro, escrevem estirados artigos, enchem paginas e paginas de periodicos: e apenas aqui e acola' descobre-se, atravez dessa multiplicidade infinita de idéas desconnexas, dessa balburdia indigesta de pensamentos desordenados uma ou outra reflexão destacada,que he o que lhes aprouve copiar de algum livro de facil consulta.

Sera' para admirar que em seus escriptos desta natureza não fallem muitas e muitas vezes na civilisação dos Gregos e dos Romanos; que não citem Xenophonte e Polybio, Tito Livio ou Tacito, dos quaes porventura não leram se quer um paragrapho, ou se o leram foi somente por uma distracção tão commum, tão vulgar como qualquer outra. Ahi fallar-se-ha, sem duvida, na Thebas, de cem portas, nas mumias e hieroglyphos egypcios,na lingua figurativa dos Chinezes, na inscripção do templo de Sais, no aleph dos Hebreus e no alpha e omega dos Gregos, na bibliotheca de Osimandias, nos obeliscos e jardins suspensos, no commercio e navegação dos Phenicios, na sabedoria dos Athenienses, na sobriedade dos Spartanos, no valor dos Persas, Assyrios e Medos. Fallar-se-ha na cidade de quinhentos templos, na conquista de Carthago pelos Romanos, no capitolio, na rocha Tarpeia, nos circos e no forum, nos patricios e plebeus nos tribunos e decemviros, nas proscripções de Mario e Sylla, nos discursos de Cicero e Demosthenes, nas proezas de Alexandre e Cesar, nas doutrinas de Platão e Socrates, de Zeno e Seneca; n'uma palavra, em tudo quanto póde fazer acreditar que a instrucção he variada, e o saber copioso.

Não parará nisto: percorrer-se-ha toda a sorte de acontecimentos politicos e sociaes; examinar-se-hão os *restos* de *Palmyra* e as ruinas de *Babylonia*, correr-se-ha n'um vôo d'aguia toda a historia do mundo antigo; analisar-se-hão as quedas dos imperios desde o Oriente até ao Occidente, a invasão dos barbaros, a guerra dos cruzados, as revoluções dos differentes povos da moderna Europa. Far-se-ha a apologia dos descobrimentos deste seculo; e não se deixará no esquecimento a menção de vias ferreas, das leis da electricidade, da invenção do vapor, dos caminhos submarinos, dos telegraphos electro-magneticos, das exposições de industria, e de tudo o mais que possa abonar plena erudição e verdadeira apreciação do progresso. Um artigo historico de taes escriptores he um mundo á parte, he um museu de illimitadas dimensões, he um espectaculo immenso, he o universo em miniatura: e tudo isto sera pouco, sem duvida, se se não citar, na profusão extrema dessas idéas, o nome da maior parte dos historiadores, ou deixar de apparecer um pensamento do abbade Millot, de Anquetil, do conde de Segur, de Muller, Bossuet ou Cesar Cantu. O mysterio está em ostentar de sabio, e campar de homem eminente no conhecimento das lettras. Se nos perguntarem, porem, o que se contém nesses escriptos, qual he o merito de semelhantes artigos, qual o valor desses trabalhos tão recheiados de citações, tão pejados de notas, tão diffusos; o que poderemos responder? Que são obras primas, producções insignes, monumentos de verdadeira erudição e de apurado gosto, concepções sublimes do engenho humano, criações esplendidas da intelligencia, thesouros de saber e modelos para o estudo litterario? Não o poderiamos affirmar sem transgredir os preceitos da verdade; e por mais que se quizesse encontrar ahi, nessa desconcertada alluvião de textos e de idéas disparatadas, um principio sublime, uma combinação de pensamentos generosos e uteis, uma doutrina civilisadora, um systema bem concebido e organisado, não se acharia, depois de tantas investigações, senão um tecido de frioleiras, um amalgama completo, uma extraordinaria abundancia de poerilidades, e o typo da ignorancia e do charlatanismo se divisaria impresso ahi em traços indeleveis.

Vejamos o que faz um desses enfatuados litteratos, se se propõe dissertar e escrever sobre qualquer assumpto philosophico.

Embora seja outro,e muito diverso pela sua natureza, o plano que elle deve seguir, embora tenha de tratar de questões differentes, encaradas debaixo de um aspecto particular e distincto; embora lhe cumpra investigar outros principios de sciencia, encadeados pela sua origem a um corpo de systemas e doutrinas, cujo desenvolvimento demanda o mais escrupuloso exame e a mais profunda attenção; elle conservará sempre o mesmo tom, e sustentar-se-ha na mesma posição em que se collocara antes, quando quiz ostentar de historiador. Se para emprehender aquella tão difficil tarefa e perfeitamente desempenha-la, faltavam-lhe as condições necessarias, porque não tinha o estudo sufficiente, e foi impellido pelo desejo de figurar como erudito, sem possuir titulos que o habilitassem, não lhe faltam menos agora esses meios de que deveria servir-se na pratica de uma missão, que, bem longe de ser menos importante que a primeira, he, porventura, mais complicada e melindrosa. Aqui, assim como alli, não lhe parece indispensavel consultar a sciencia na sua base, recolher as suas verdadeiras noções, proceder a um serio estudo sobre as leis de sua propria organisação e existencia. De bom grado elle despreza essa analyse minuciosa e reflectida, a que nenhum dos maiores talentos julgou conveniente esquivar-se, para conhecer em sua substancia principio gerador e proeminente das doutrinas e das theorias que se acham em movimento desde os primeiros esforços do espirito, afim de penetrar nos mysterios da natureza, perscrutar a vida immaterial e completa da humanidade, sondar cada um dos phenomenos moraes, e attingir depois á solução do grande problema da verdade.

Entrar em taes averiguações seria para um escriptor desta ordem commetter um trabalho por demais enfadonho e insupportavel: a uma intelligencia destas, que se considera talhada para tudo, não pareceria jamais necessario entreter-se e afadigar-se na previa meditação das graves questões de que a philosophia se occupa. Compulsar obras didacticas; examinar tratados theoricos; subir com o entendimento a' indagação de cada uma das escolas; extrema-las pelos seus pensamentos dominantes; distinguir as épocas em relação a' marcha diversa do espirito humano; apreciar as variadas opiniões trazidas para o campo das discussões scientificas: eis o que elle não faria jamais. Criticar o caracter fundamental e doutrinario de cada uma das seitas, colher do meio das contestações e das duvidas aquellas idéas que são verdadeiras e mais dignas de acolhimento; apanhar, por assim dizer, a base constitutiva da sciencia, na sua forma primittiva e essencial, e nas suas applicações e desenvolvimentos practicos: eis o que não faria, por certo, um desses escriptores, que, reputando-se muito superiores aos homens de vulgar comprehensão, satisfazem-se com possuir apenas os mais ligeiros conhecimentos, e repetir de outiva certos trechos, certos lugares communs que não ignora, talvez, o estudante menos iniciado nas primeiras noções de philosophia. Não se espere de um tal escriptor, se ousa tratar de uma questão philosophica, meditação e apurado criterio: não se presuma que remonta com a razão a' necessaria fonte do saber, e vai procurar nella um guia seguro para o caminho que se propoz trilhar: não se julgue menos que uma cultura aturada lhe proporcionou em resultado uma instrucção variada e solida, que lhe possa facilitar meios para attingir ao *ultimatum* de sua empreza. Negligencia-se o que só poderia ser fructo de um trabalho assiduo; e consulta-se unicamente a's aspirações do amor proprio que se imagina disposto para tudo e capaz de comprehender bem todas as causas desde as engenhosas criações da historia fabulosa até as ultimas soluções da sciencia, aos derradeiros vôos da razão.

Para tratar da philosophia, como esses pseudo-litteratos a entendem, basta possuir uma noticia ligeira e superficial de alguns autores, que são ordinariamente citados como intelligencias distinctas na materia; ter uma leitura muito rapida, e sem a precisa digestão, das ideas a que se refere. He bastante conhecer algumas obras pelos seus respectivos titulos. Ja não he pouco dizer, quando muito, que Pythagoras fundou a escola italica e foi discipulo de Pherecydes, que Thales estabeleceu os principios da seita jonica, desenvolvida depois sób modificações diversas, por Democrito, Heraclito, Leucippo e outros. Basta-lhe referir que Socrates considerando a sciencia debaixo do aspecto puramente espiritual, apressou o movimento moral da philosophia n'aquelle periodo que sáhia apenas de phases um tanto confusas e syncreticas, e póde abrir aos olhos da historia uma proveitosa revolução na vida intellectual da humanidade.

Repetira', sem duvida, em tom magistral que o creador da philosophia physica foi *Anaxemandro*; que houve uma escola denominada atomistica, nascida na mesma época e sób a mesma influencia da doutrina da Thales, a qual consistia na crença da universalidade dos seres, reproduzindo-se successivamente pela concatenação e separação de partes, a que estava sujeito o proprio espirito ou alma humana. Se lhe perguntarem, porém, que papel desempenhavam esses diversos theoristas; como e debaixo de que condições ligar seus systemas a todo o movimento scientifico: a resposta sera' nenhuma ou sera extravagante, que vem a ser quasi o mesmo.

Podera, se lhe pedirem, formular uma critica ajustada sobre todas essas differentes evoluções da intelligencia, e neste sentido sustentar uma these que o abone de illustrado e pensador? Sera capaz de aprofundar um ponto qualquer de sciencia; desenvolver sufficientemente uma questão que sobrevenha nesse ramo; proferir um juizo acertado; expender idéas filhas da prudencia e de uma esclarecida reflexão?

Tera forças para ir observar no seio mesmo de cada uma das épocas philosophicas, atravez de todas as phases do progresso, ou da decadencia intellectual, o principio constitutivo organisador deste ou daquelle systema? Possuirá meios com que lhe seja permittido separar uma a uma todas as opiniões oppostas, avalia-las, distingui-las pelo seu merito relativo, e determinar dentre ellas, mediante judiciosa escolha, aquella que deve ser adoptada e reconhecida como razoavel? Não o fará nunca—estamos certo disto—: mas divagará pelo Portico e pelo Lyceu, entrará pelos jardins d'Academo, fallara' de Platão, da sua Republica e do seu Phedon, citará o cynico Antisthenes e o estoico Zeno; dissertara' emphaticamente sobre Diogenes e Pyrrho; não lhe escaparão os nomes do sabio Aristoteles, do sensualista Epicuro, de Cicero e de Seneca, entre os romanos, e de todos os outros philosophos que se acham ligados nesses tempos a historia da sciencia. Ainda mais: atravessara' o periodo que separa a litteratura, propriamente christãa, das antigas, e que marca tambem uma transição a parte no curso e desenvolvimento da philosophia; irá até aos padres da igreja, na sua apparição primitiva, discutira' sobre a escolastica, invocara' S. Thomaz e Santo Anselmo, Alberto—Magno e Scotto, Roger, Bacon e Abeillard. Ira' igualmente a' regeneração da sciencia na Europa, não se esquecera' de Bacon e do seu Novum Organum, de Descartes e de seu Methodo; fallara' de passagem nas escolas intermedias desde Hobbes, Spinosa, Malebranche e Locke até Leibnitz. Pronunciara seu juizo definitivo sobre o mysticismo europeu; recordar-se-ha então muito a' proposito dos sonhos philosophicos do Oriente, das licções de Budha e Brahma, das tradicções do Zend-Avesta, dos symbolos gnosticos das primeiras escolas theologicas; e, depois de passar em revista o scepticismo moderno, citando Bayle, Hume e outros, readquirira' um temoteb-a gorico para impôr de conhecedor profundo das ultimas transformações da sciencia.

Não he tudo:—não basta dizer que o movimento philosophico do seculo passado foi eminentemente sensualista e ante-religioso, que Voltaire, Cabanis e Diderot, levaram a' sua maior amplitude a influencia do elemento materialista; que Helvecio escreveu o Espirito que sahiram a luz a Encyclopedia e o Diccionario Philosophico, reflexos dessa doutrina; que D'Alembert foi um dos espiritos fortes; que Rousseau escreveu e propalou, não obstante seu grande talento, ideas inexactas, theorias absurdas e insociaes. He indispensavel, alem disto, dar a entender que se conhece o racionalismo de Kant, o idealismo de Fichte e Schelling, o espiritualismo transcendental de Hegel, o ecletismo de Cousin, Jouffroy, Damoron e Lherminier; e findar com uma esplendida apostrophe ao progresso, ou com uma apotheose magnifica a' moderna civilisação.

A' vista disto, parece que tudo vai bem, que o escriptor he realmente erudito, e que, tratando de philosophia, sabe o que diz. He o contrario inteiramente. Os que se podem chamar instruidos nesta materia são aquelles, que, se fazem taes citações, as fazem a proposito; apresentam ideas suas, discutem em regra, mostram que estudaram, e não se contentam com as apparencias e superficialidade.

He certo que so dever se-ia esperar essa maneira de escrever, o emprego dessas explanações vastas, a invocação a essas fontes sublimes e respeitaveis do saber, nas obras de escriptores instruidos e conscienciosos, nos artigos dos verdadeiros homens de letras. Mas o que senão pode contestar he que os literatos feitos a' pressa, aquelles que de todo o modo querem campar de notabilidade, entendem poder conseguir a fama de illustrados, ostentando em qualquer assumpto, somma de conhecimento que alias não possuem: e para tal fim não perdem um só nome historico, nem perdoam uma citação.

Assim que, tratando, por exemplo, da philosophia, um homem destes põe o primeiro cuidado em escrever um longo e diffuso artigo: a mingua de ideas recorre á tecla favorita da erudição apparente, que sempre sôa bem, mas que para nós desafina muito. — Amontôa muitos nomes, argamassa trechos pilhados indiscretamente ja n'um, ja n'outro livro; faz um feixe de palavras vasias de sentido, atira ao papel todas quantas concepções exquisitas lhe vem ao espirito; innova, plagia, confunde, anarchisa tudo, diz tudo quanto queira dizer; e crê que, fallando muitas e muitas vezes em philosophia, repetindo rasão, consciencia, eu, objectivo, subjectivo etc. etc. ha irremissivelmente philosopho.

Qual sera', porem, a causa de semelhante desvario? porque sera que um escriptor destes procede assim? He porque esta' persuadido de que hoje convem ser livre em tudo; abandonar-se inteiramente ás inspirações da natureza, declarar guerra as fadigas do estudo, applicar em todas as composições, o romantismo sem limites, exaggerado e vicioso; deixar correr imperturbavel a imaginação em todos os assumptos, ainda os menos sujeitos ao imperio desta faculdade; quebrar o laço natural dos preceitos inseparaveis do bom senso; e dizer muito em todo o caso, ainda que em substancia nada se diga.

Entretanto, atravez desse apparatoso brilho de erudição introduzida a martello, descobre-se quasi sempre a mais miseravel nullidade: encobre-se por vezes uma idea magra e rachitica nesse envoltorio de illustração luxuosa e phosphorecente; e o que se observa, por ultimo, he o vulto de um empoado pedante, de um insigne charlatão, acobertado com uma roupagem lustrosa, mas que ao primeiro golpe se depedaça e cae por terra.

He deste modo que muita gente, levada por certas ideas falsas, comprehende hoje o difficil mister das lettras, e a difficilima e ponderosa tarefa de escriptor publico: e seja qual for o assumpto deste ordem que homens taes se propunham tractar, o plano a seguir he o mesmo. Não lhes he precisa a instrucção, entendem-n'a cousa escusada, contentam-se com as primeiras noções geraes, julgam-se eruditos pela affluencia de nomes proprios e estrepitosos que citam, presumem de sabios porque *sabem* divagar pelas superficialidades e lugares communs; e ou se falle de etnographia, ou de bellas-artes ou de qualquer outra cousa, em tudo discorrem, bradam e escrevem. Alem da extrema liberdade que se permittem, elles teem outra mania que os acompanha sempre:—he a de admittir e professar as opiniões mais exageradas e excessivas; procurar estabelecer em tudo o imperio da *moda*, ainda nos seus mais absurdos desvarios; e como, segundo ja o disse o illustrado autor dos *Periodos da Litteratura e das Artes*, a *moda he uma cousa magica*, pouco lhes importa que lhes apontem os defeitos e irregularidades. Querem somente as innovações, ainda que as encarecem mais, ainda que sejam extravagantes; e responderiam sempre a quem os censurasse, como respondeu, parodiando-os, o escriptor ha pouco citado: « *Assim o quer meu genio.* »

He por isto que neste seculo, que se diz de civilisação (o que estamos longe de negar) apparecem tantos sabios feitos repentinamente; e, o que mais he, sem que o estudo lhes tenha incommodado o cerebro, sem que a meditação lhes traga o cansaço e as lidas inseparaveis dos grandes trabalhos intellectuaes. Tem elles para si que nos excessos e inversões he que está o maximo segredo de todas as cousas: desde então o caminho está feito, quer escrevam ou fallem. Apegam-se a tudo quanto he novo ou extraordinario, apanham aqui e acolá um pensamento desgarrado, uma idea qualquer, fazem disso o seu talisman; e ao passo que as lettras se desenvolvem e o progresso augmenta seus extremos absurdos para o espirito do observador judicioso, ei los com a imaginação povoada de quanta frivolidade ahi ha, *encasquetados* de que são grande cousa, arrotando conhecimentos a torto e a direito fallando e escrevendo em tudo. Hoje principalmente que a civilisação não pode ser posta em duvida, servem-se esses mesmos individuos dessa mesma palavra magica de civilisação para com a autoridade della fazerem passar quanta parvoice lhes vem ao cerebro, quanto destempero e frioleira lhes occorre; e acobertados com a egide poderosa do *romantismo* (que tem deitado a perder muita gente, e arruinado a mais de uma cabeça) reputam-se *omniscientes*, olham para todos com indifferença, escrevem como lhes apraz, fazem guerra a logica, ao bom senso, aos principios do gosto e até as leis da grammatica.

O ex-academico—*T. B.*

(Continua.)

Correspondencia.

Srs. redactores.—No n. 1293 do *Liberal*, em uma correspondencia do Sr. padre João Herculano do Rego, se lê o seguinte trecho, em referencia ao nosso amigo o Sr. capitão Zacarias Rodrigues de Souza morador na cidade da Victoria—O Zacarias, que he um vermelhão, que ahi ha, verdadeiro parasita de Dr. Beltrão e de José Mendes etc.

Principiando por agradecermos a maneira civil, com que nos trata o Sr. padre João Herculano do Rego, cumpre-nos em obsequio a verdade, declarar que o Sr. capitão *Zacarias* apezar de pobre e onerado de familia, nunca nos foi pezado em cousa alguma, e nem jamais de nós dependeu para sua pobre subsistencia. Sempre laborioso, sempre honrado, sempre amigo prestimoso, e sempre dedicado, o Sr. capitão *Zacarias* Rodrigues de Souza tem direito a amizade de qualquer pessoa que sober apreciar suas excellentes qualidades, qualidades que a sua pobreza faz sobresahir.

Supponhamos porem, por momentos que de nosso gosto e vontade fosse o soccorrer a pobreza de algum homem honrado, sabera S. Rvm. que isto não seria tão honroso a nós, como a aquelle que bem e merecesse, e jamais o poderiam assim desacreditar.

Cordialmente desejamos, que jamais a fortuna de de rosto ao Sr. padre João Herculano, para que sua pobreza nunca lhe seja trazida ao prelo, pelas seus desaffectos, como objecto de execração.

Pedro Bezerra Pereira de Araujo Beltrão.—José Mendes Carneiro Leão.

Litteratura.

LEITURA PARA SENHORAS.

Anecdotas.

As ultimas fadas.

(Por Pitre Chevalier.)

A 2 de outubro de 1853 eu voltava de Nantes pela estrada de ferro em companhia de madama P. C., de sua filha, rapariga de 15 annos, e de um dos mais illustres ecclesiasticos de Paris.

Tendo observado a moça com sorpreza e attenção, o eminente abbade disse á mãi:

—Essa pequena assemelhava-se singularmente a S. M. a imperatriz. Tem a mesma fronte, as mesmas sobrancelhas, o mesmo olhar, a mesma cor, a mesma configuração das faces e a mesma expressão da bocca. Se tivesse tambem a curva aquilina do nariz e o ouro venesiano dos cabellos, seria um retrato mui notavel.

Madamesella P. C. corou de pejo ouvindo esse cumprimento, depois habituou-se sem garridice, e pedio que lhe contassemos a historia daquella, com quem se parecia.

— Minha filha, lhe respondi, essa historia he um conto de fadas.

— Oh! tenho mais de dez annos; bem sei que não ha mais fadas, replicou a pequena meneando a cabeça.

— Está enganada, tornei-lhe, sempre as ha; porem as novas fadas não assemelham-se as antigas. Ouça minha narração.

Havia em Hespanha uma donzella graciosa e boa como a senhora. Sua familia era alliada das raças reaes. Ella tinha nas veias o sangue azul de Gusmão, o bravo, que defendeu Tarifa em 1292. Um seu antepassado Escocez, Rogerio kirkpatrik, foi decantado pelos menestreis e por Walter Scott no—Lord das Ilhas.—Era irmão de armas do rei Roberto Bruce, cujo inimigo, Comyn, matou, recebendo delle por brazão uma mão segurando um punhal com esta divisa:—Terno a morte certa.—A senhora deve ter ouvido fallar desse Roberto Bruce, que enviou o coração depois de morto á Jerusalem, por não poder leva-lo vivo, coração tão bravo e tão temido, que Douglas lançava-o aos esquadrões mouros gritando: « Eia, nobre coração, vai diante de todos ao combate, como outr'ora! » A mãi da donzella para casar com o pai apresentou sua genealogia ate o rei Bruce, e seu avô disse ao genro; « Se quereis remontar mais alto, promptamente sereis satisfeito. » Esse avô tinha outra nobreza ainda melhor: a ruina de sua casa no serviço dos ultimos Stuarts. A donzella era duqueza, e o nome de seu ducado significava—Altura;—uma legenda hespanhola nelle vê a montanha, em que parou a arca de Noé; mas a historia authentica o faz datar de 1328, quando essa propriedade foi recuperada pelos christãos dos infieis.

Ja vê que não faltavam as antigas fadas ao berço dessa menina, e todavia ella deve sua grandeza as fadas novas, das quaes he tempo de fallar-lhe.

A primeira que lhe appareceu debaixo de forma humana, foi uma pequena gitana doente, que a mãi ainda mais doente trazia nos braços, nos arredores de Madrid. A joven duqueza que ia em uma carruagem propria, forrada de velludo e seda, desceu, e fez subir a pobre gitana, a qual disse-lhe em sua ingenua linguagem: « Não posso recompensar-vos, senhorita; mas Deos se encarregue disso, e—vos faça rainha,—quando fordes grande! »

A joven hespanhola rio muito ouvindo essas palavras.

A segunda fada foi um pobre velho, a quem a donzella dava todos os dias os bolinhos de sua merenda; a terceira, uma douda de Aranjuez, cujo furor ella applacava dando-lhe seus brinquedos e suas joias; a quarta, um obreiro expellido de sua casa nua, ao qual ella fez entrar em uma casa cheia de moveis e de instrumentos.

Depois as fadas multiplicaram-se de anno em anno ao mesmo tempo, que as graças e os beneficios da duqueza. Eram afflictos que ella consolava, famintos a quem dava pão, enfermos que lhe deviam a cura, mendigos que enriquecia proporcionando-lhes um meio de vida, ignorantes, vagabundos, orphãos, mãos, condemnados, aos quaes dava a sciencia, um asylo, uma familia, o perdão.

E todos esses desgraçados repetiam um depois de outro como se estivessem combinados: «Deos vos pague nossa divida fazendo-vos rainha!...»

Ella sorria sempre, e reenviava ao céo o seu reconhecimento.

Tornando-se depois a perola das Hespanhas, a donzella, que tinha rica imaginação, espirito avido, e coração intrepido, entrou a viajar com a mãi para ver as bellas cousas deste mundo. Partia ás vezes a cavallo em trage andaluz com uma escolta de mulas e de servos sem saber que direcção tomaria sua phantasia.

Uma manhãa encontrou um mendigo que occultava tambem em si uma fada. Depois de lançar-lhe a bolsa, ella perguntou-lhe sorrindo:

— Sabes o caminho da gloria e da ventura?

O pobre mostrou-lhe a estrada de Castella-Velha.

— Aonde conduz ella?

— A' França.

— Quem passou por ahi?

— Constancia, mulher de Luiz VII, Branca, mãi de S. Luiz, Isabel, mulher de Luiz III, Joanna, mulher de Filippe IV, Brance, mulher de Filippe VI, Eleonor, mulher de Francisco I, Isabel, mulher de Carlos IX, Anna, mulher de Luiz XIII, Maria Thereza, mulher de Luiz XIV. Deos vos conduza,—e vos faça rainha—como ellas! acabou o mendigo persignando-se.

E a donzella sem rir mais desta vez, passou os Pyreneos.

Em Eaux-Bonnes achou um batalhão de fadas: todos indigentes do lugar tornaram-se seus subditos. Todas as manhãas ella distribuia de sua varanda a esmola que alimenta o corpo, e o sorriso que allivia a alma. Era para elles o nascer do sol.

Só um faltava á reunião: um pobre cego que a fraqueza retinha na estrada a meia legoa da cidade. Apenas a Hespanhola o soube, passou todos os dias desse lado, e levou com as proprias mãos suas dadivas ao enfermo.

Quando retirou-se de Eaux-Bonnes, atravessou duas fileiras de pobres banhados de lagrimas. O cego estava á frente, e gritou-lhe em nome de todos recebendo o ultimo luiz:

— Deos vos pague, —e vos faça rainha!— (1)

— Rainha! disse emfim comsigo a duqueza, provera ao céo que eu fosse rainha para alliviar todas as miserias!

(1) Factos referidos por uma testemunha ocular, Mr. Eugene Labrousse, chanceller do consulado da França em Carthagena (Gazeta, da España de 10 a 15 de fevereiro de 1855.)

MUTILADO

Alguns mezes depois immenso cortejo levava a neta do Gusmão á igreja de Nossa Senhora, onde ella ia receber o titulo de imperatriz. A senhora vio passar esse cortejo; mas o que não poude ver, e o que alias ahi estava, o que a triumphadora via talvez com os olhos da consciencia, era o bando das fadas novas atadas ao carro imperial: orphãos, pobres, doentes, afflictos, todos aquelles que soccorrera a duqueza, e que repetiam em côro: Deos lhe pague nossa divida,—Deos a faça rainha,—e somos nos que a conduzimos ao throno!

Nesse bando haviam duas fadas do mesmo dia: uma obreira distribuindo pelo povo o collar de diamantes de 600,000 libras que a soberana recusara da cidade de Paris, e uma menina das—sociedades maternaes—repartindo com as mais indigentes os duzentos e cincoenta mil francos que a noiva achara no açafate de seu enchoval.

Madamesella P. C. não duvidou mais das fadas modernas. Quando eu acabava minha narração, ella vendo a mão de um pobre na portinhola, imitou a nobre Hespanhola, deu sua bolsa com muita lagrima.

— Eis ahi como a senhora será tambem rainha dos corações, disse-lhe eu beijando-lhe a mão.

Commercio.

CAMBIOS.

Sobre Londres, 27 3|4.
« Paris, 346.
« Lisboa, 98 a 100 por % de premio.
« Rio de Janeiro, 1|2 a 1 por 0|0 a 15 e 30 dias.
Acções do Banco, 40 a 45 de premio.
« « companhia de Beberibe 54$000.
« « companhia Pernambucana ao par.
« « Utilidade Publica, 30 por cento de premio.
« « Indemnisadora. —52 idem.
« « da estrada de ferro —20 por 0|0 de premio.
Disconto de lettras, de 7 a 7 1|2 por 0|0.
Dito do banco—7 a 8 por 0|0.

Ouro.—Onças hespanholas.	28$ a 28$500
Moedas de 6$400 velhas	16$000
« « 6$400 novas	16$000
« « 4$000.	9$000
Prata.—Patacões brasileiros.	2$000
Pesos columnarios.	2$000
» mexicanos.	1$860

Caixa Filial do Banco do Brasil

EM 27 DE OUTUBRO DE 1856.

Directores da semana, os senhores: — João Pinto de Lemos e Antonio Marques de Amorim.

Descontos. — 7 % para lettras a vencer até 30 de novembro, e 8 % para lettras até 6 mezes de prazo.

ALFANDEGA.

Rendimento do dia 1 a 25	519:188$236
Idem do dia 27.	31:052$511
	550:240$747

Descarregam hoje 28 de outubro.

Barca ingleza—*Chamois*—mercadorias.
Barca ingleza—*Demerara*—idem.
Barca americana—*W. Walter*—gelo.
Barca hamburgueza—*Johame Kalkman*—botijas vasias.
Barca portugueza—*Maria José*—mercadorias.
Brigue inglez—*Spray*—bacalhao.
Brigue portuguez—*Esperança*—vinhos.

IMPORTAÇAO.

Barca americana «Waren Hallett» vinda de Boston, consignada a H. Forster & C., manifestou o seguinte:

500 barricas farinha de trigo, 36 volumes panno de algodão, 257 toneladas de gelo, 123 remos; aos consignatarios.

10 caixas chapeos; a Johnston Pater & C.

Escuna americana «Patrich Henry» vinda de Terra Nova, consignada a Johnston Pater & C., manifestou o seguinte:

2,500 barricas bacalhao; a Saunders Brothers.

Patacho nacional «Thereza I» vindo do Rio Grande do Sul, consignado a Baltar & Oliveira, manifestou o seguinte:

14,121 arrobas de carne secca, 54 couros seccos, 89 e meia barricas sebo, 4 ditas tainhas; a ordem.

Hiate nacional «Conceição» vindo do Rio Grande do Sul, consignado a Manoel Alves Guerra, manifestou o seguinte:

2,646 arrobas de carne, 600 barricas sebo, 88 ditas e 9 fardos dito em rama, 1 machina de descaroçar algodão, 12 couros vaccuns; a ordem.

CONSULADO GERAL.

Rendimento do dia 1 a 25.	30:841$148
Idem do dia 27	1:486$888
	32:328$036

DIVERSAS PROVINCIAS.

Rendimento do dia 1 a 25	3:803$096
Idem do dia 27.	145$400
	4:048$496

DESPACHOS DE EXPORTAÇAO PELA MESA DO CONSULADO DESTA CIDADE NO DIA 27 DE OUTUBRO DE 1856.

Lisboa—Brigue portuguez «Bom Successo», diversos carregadores, 100 saccos assucar mascavado, 81 barris mel.

Buenos-Ayres—Polaca hespanhola «Cathalana», Amorim Irmãos, 43 pipas aguardente.

Lisboa—Brigue portuguez «Soberano», Francisco Severiano Rabello & Filho, 100 saccos assucar mascavado.

Lisboa—Brigue portuguez «Laia III», Francisco Severiano Rabello & Filho, 100 saccos assucar mascavado.

Liverpool—Barca ingleza «Lancastrice», James Ryder & Companhia, 321 saccas algodão.

Havre—Barca franceza «Raoul», Lasserre & Companhia, 67 saccas algodão, 200 saccos assucar mascavado.

Exportacao.

Rio Grande do Norte, lancha «Flor do Rio Grandes», de 42 toneladas, conduzio o seguinte: — 550 volumes generos estrangeiros, 3 bacias e 4 bahus de flandres, 2 fardos e 1 lata fumo, 110 caixas charutos, 4 ditas cha, 30 ditas sabão, 6 latas bolachinha, 1 arroba de carnauba, 5 saccas café, 2 bahus de folha, 1 embrulho sellins, 2 taixos de cobre, 3 candeeiros de folha, 1 barrica, 4 caixas, 1 caixão e 1 bahus bolacha, 1 caixa rapé, 12 cadins amarello, 1 garrafa espirito de vinho.

RECEBEDORIA DE RENDAS INTERNAS GERAES DE PERNAMBUCO.

Rendimento do dia 1 a 25	34:071$347
Idem do dia 27.	342$146
	34:413$493

CONSULADO PROVINCIAL.

Rendimento do dia 1 a 25	38:122$896
Idem do dia 27	1:571$082
	39:693$978

PAUTA

dos preços correntes do assucar, algodão, e mais generos do paiz, que se despacham na mesa do consulado de Pernambuco, na semana de 27 a 31 de outubro de 1856.

Assucar em caixas branco 1.ª qualidade	@	$
» » » » 2.ª »	»	$
» » » masc.	»	$
» bar. e sac. branco.	»	1$300
» » » mascavado	»	2$600
» refinado	»	5$120
Algodão em pluma de 1.ª qualidade	»	6$600
» » » » 2.ª »	»	6$200
» » » » 3.ª »	»	5$800
» em caroço.	»	1$650
Espirito de agoardente	canada	$850
Agurdente cachaça	»	$520
» de canna	»	$800
» restilada	»	$750
» do reino	»	$750
Genebra	canada	$800
»	botija	$240
Licor	canada	$800
»	garrafa	$240
Arroz pilado— duas arrobas, um	alqueire	6$400
» em casca	»	1$920
Azeite de mamona	canada	$880
» » mendobim.	»	1$600
« » de peixe	»	1$600
Cacau	@	5$500
Aves — araras —	uma	10$000
» — papagaios	um	3$000
Bolachas	@	4$640
Biscoitos	»	6$400
Café bom	»	4$800
» resstolho	»	3$600
» em casca	»	4$500
« muido	»	10$000
Carne secca	»	5$500
Cocos com casca	cento	2$560
Charutos bons	»	1$700
» ordinarios	»	$600
» regalia e primor	»	2$500
Cera de carnauba	@	10$000
» em velas	»	12$000
Cobre novo mão d'obra	»	$160
Couros de boi salgados	«	$265
» verdes.	»	$175
» espixados	»	$280
» de onça	»	15$000
» » cabra cortidos	»	$360
Caachimbo.	milheiro	4$000
Esteiras de preperi.	uma	$200
Doce de calda	»	$240
» » goiaba	»	$200
» secco	»	$800
» jalea	»	$400
Estôpa nacional	@	1$600
» estrangeira, mão d'obra	»	1$000
Espanadores grandes	um	2$000
» pequenos	»	1$000
Farinha de mandioca	alqueire	1$920
» » milho	@	2$500
» » araruta	»	4$000
Feijão	alqueire	5$000
Fumo bom	@	9$000
» ordinario	»	6$000
» em folha bom.	»	10$000
« » ordinario	»	6$000
» » restolho	»	5$000
Ipecacuanha	»	32$000
Gomma	alq.	3$000
Gengibre.	@	2$000
Lenha de achas grandes	cento	2$000
» » » pequenas	»	$900
» » » toros	»	11$000
Pranchas de amarello de 2 costados	uma	24$000
» » louro	»	16$000
Costado de amarello de 35 a 40 p. de c. e 2 ½ a 3 de l.	»	30$000
» de dito usuaes	»	14$000
Costadinho de dito	»	9$000
Soalho de dito.	»	7$000
Forro de dito	»	4$000
Costado de louro	»	8$000
Costadinho de dito	»	6$000
Soalho de dito	»	5$000
Forro de dito	»	2$500
» » cedro	»	3$000
Toros de tatajuba	quintal	1$280
Varas de parreira	duzia	1$600
» » aguilhadas	»	1$920
» » quiris	»	1$280
Em obras rodas de sicupira para c.	par	26$000
« » eixos » » » »	»	18$000
Melaço	canada	$240
Milho	alqueire	2$000
Pedra de amolar	uma	$640
» » filtrar	»	6$000
» » rebolos	»	$800
Pontas de boi	cento	1$200
Piassava	molho	$200
Sola ou vaqueta	meio	3$500
Sebo em rama	@	6$000
Pelles de carneiro	uma	$360
Salsa parrilha	@	16$000
Tapioca	»	3$200
Unhas de boi	cento	$300
Sabão	lb	$120
Vinagre pipa	pipa	130$000

Movimento do porto.

Navios entrados no dia 27.

Terra Nova—37 dias, barca ingleza «Oberon», de 279 toneladas, capitão Henry Pearce, equipagem 16, carga 2,600 barricas com bacalhão; a James Crabtree & Companhia. Pertence a Liverpool.

Baltimore—49 dias, barca americana «Antelope», de 244 toneladas, capitão Mc. Donald, equipagem 10, carga 2,200 barricas com farinha de trigo; a Johnston Pater & Companhia. Pertence a Baltimore.

Rio Grande do Norte — 2 dias, lancha brasileira «Feliz das Ondas», de 29 toneladas, mestre Bernardo José da Costa, equipagem 4, carga milho; a Francisco Radiche. Passageiro, José Jorquim da Silveira. Pertence ao Rio Grande do Norte.

Navios sahidos no mesmo dia

Bahia—Escuna ingleza «Harriet», com a mesma carga que trouxe. Suspendeu do lameirão.

Havre pelo Rio Grande do Norte—Barca franceza «Conte Rogers», capitão Pugibet, carga assucar. Passageiros, Manoel Luiz Alves Vianno, Joaquim Luiz Alves Vianna.

Pará—Hiate brasileiro «Sobralense», mestre Francisco José do Silva Ratis, carga assucar e café. Passageiros, Manoel de Mello Monte Negro, e o escravo Macario com passaporte.

Editaes.

— O Illm. Sr. inspector da thesouraria provincial, em cumprimento da resolucção da junta da fazenda manda fazer publico, que no dia 13 de novembro proximo vindouro, vai novamente a praça para se arrematados a quem por menos fizer os reparos de que precisa a pome sobre o riacho de Pirauyra junto a villa de Limoeiro, avaliados em reis 1:804$000.

E para constar se mandou affixar o presente e publicar pelo « Diario. «

Secretaria da thesouraria provincial de Pernambuco 27 de outubro de 1856. —O secretario, A. F. d'Annunciação.

Declarações.

— O Illm. Sr. inspector da thesouraria de fazenda de Pernambuco, achando-se autorisado pela ordem do tribunal do thesouro nacional de n. 111 de 8 de outubro corrente, para contratar o corte e conducção de páo brasil para esta cidade; convida pelo presente aos proprietarios dos terrenos em que existe semelhante madeira, a comparecerem por si ou seus procuradores, afim de fazerem o respectivo contrato dentro do prazo de 60 dias contados da data deste.

E para constar mandou publicar o presente edital pela imprensa e affixar nos lugares mais publicos desta cidade e capital, e nos das comarcas do interior.

Secretaria da thesouraria de fazenda de Pernambuco 24 de novembro de 1856,—O official maior,

Emilio Xavier Sobreira de Mello.

TRIBUNAL DO COMMERCIO.

Por esta secretaria se faz constar que fora em data de hoje competentemente registrado o vapor «Iguarassú» propriedade da Companhia Pernambucana de navegação costeira a vapor, domiciliada nesta praça.

Secretaria do tribunal do commercio de Pernambuco 27 de outubro de 1856.—Dinamerico Augusto do Rego Rangel, no impedimento do official maior.

— Tendo de ser posta em hasta publica na porta do almoxarifado desta repartição, afim de ser arrematada por quem mais der, uma porção de bolachas e farinha arruinada nos dias 29, 30, e 31 do corrente mez pelas 11 horas da manhãa; o Illm. Sr. inspector manda fazer isto publico, para conhecimento de quem convier.

Inspecção do arsenal de marinha de Pernambuco em 27 de outubro de 1856.—O secretario Alexandre Rodrigues dos Anjos.

CORREIO.

O vapor «Iguarassu» recebe as malas para os portos da Parahiba, Rio Grande do Norte, Assu', Aracaty, Ceara', Acaracu' e Granja, hoje, 28 do corrente, as 9 horas do dia.

CONSELHO ADMINISTRATIVO.

O conselho administractivo, em virtude da autorisação do Exm. Sr. presidente da provincia, tem de comprar os objectos seguintes:

Para o quarto batalhão de artilharia a pé. Barretinas premptas 290, bonetes 200, ditos para musicos 24, gravatas de sola de lustre 295, palatinas de metal para musicos 24 pares, panno azul para fardas, sobrecasacas e calças 1897 covados, penachos para barretinas 290, brim para fardetas e calças 1,100 varas, algodãozinho para camisas 550 varas, panno preto para polainas 55 covados, sapatos 220 pares, bandas de lãa 31, panno azul para capotes 1740 covados, baeta verde para forro 1015 ditos, hollanda de forro 1807 covados, casimira carmezim 270 ditos, aniagem 315 varas, botões grandes de metal com n. 4 8956, ditos pequenos de dito n. 4 4226, bombas de metal para as fardas 580, colxetes para as fardas 534, botões grandes de osso, 25 grozas, ditos pequenos 20 ditas, ditos pretos de osso 28 grozas, colxetes para capotes 290 pares, dragonas 290 ditos, esteiras 240.

Segundo batalhão de infantaria.

Bonetes compridos 386, panno azul para sobrecasacas e calças 1925 covados, chouriças de lãa 385 pares, brim para fardetas e calças 1926 varas, mantas de lãa 385, gravatas de sola de lustre 385, algodãozinho para camisas 963 varas, panno preto para polainas 97 covados, sapatos 385 pares, esteiras 385, hollanda de forro 1492, casemira amarella 25 covados, dita encarnada 49 ditos, colxetes 385 pares, aniagem 193 varas, botões grandes convexos de metal dourado com n. 2 5390, botões pequenos convexos de dito com n. 2 3465, botões grandes de osso 43 grozas, ditos pequenos de dito 35 grozas, ditos pretos dito 49 ditas, casimira azul clara 25 covados.

Nono batalhão de infantaria.

Bonetes 600, gravatas 600, panno verde para sobrecasacas e calças 3 000 covados, brim para fardetas e calças 3,000 varas, panno preto para polainas 150 covados, algodãozinho para camisas 1,500 varas, oleado para debrum 30 covados, cordão de lãa preta para vivos 2,400 varas, mantas de lãa 600, sapatos 1,200 pares, panno azul para capotes 3,600, covados, bandas de lãa 30, esteiras 600, hollanda de forro 2,325 covados, colxetes 600 pares, aniagem 300 varas, botões grandes convexos de metal bronzeado com n. 9 de metal amarello 8,400, ditos pequenos convexos de metal bronzeado com o n. 9 de metal amarello 6,000, botões grandes brancos de osso 67 grozas, ditos pequenos ditos de dito 59 ditas, ditos pretos de osso 75 ditas, baieta verde para forro de capotes 2,100 covados.

Decimo batalhão de infantaria.

Bonetes 193, panno verde escuro para sobrecasacas e calças 969 covados, brim para fardetas e calças 985 varas, gravatas 179, bandas de lãa 26, algodãozinho para camisas 495 varas, panno preto para polainas 49 covados, sapatos 198 pares, esteiras 198, colxetes 191, botões grandes convexos de metal bronzeado com n. 10 de metal amarello 2674, ditos pequenos convexos de metal bronzeado com n. 10 de metal amarello 1910, botões grandes brancos de osso 22 grozas, ditos pequenos ditos dito 18 ditas, ditos pretos de dito 25 ditas, oleados para debrum 10 covados, cordão de lãa preta para vivos 764 varas, panno azul para capotes 1194 covados, baeta verde para forro 697 covados, colxetes para capotes 197 pares, os instrumentos bellicos para o batalhão acima dito.

Companhia de artifices.

Bonetes 118, gravatas 107, panno azul para sobrecasacas e calças 590 covados, platinas encarnadas com palmatoria de lãa preta 104 pares, brim para fardetas e calças 763 varas, algodãozinho para camisas 468 ditas, panno preto para polainas 47 covados, sapatos 298 pares, panno azul para capotes 788 covados, baeta verde para forro 431 covados, bandas de lãa 8, esteiras 187, botões grandes convexos de metal dourado com n. 3 1888, botões pequenos convexos de metal dourado com n. 3 826, botões grandes de osso branco 17 grozas, ditos pequenos dito dito 13 ditas, ditos pretos dito 20 ditas, hollanda de forro 466 covados, colxetes pretos 118 pares, ditos ditos para capotes 123, contratar o concerto de 80 barretinas, 80 pares de dragonas e 80 penachos.

Companhia de cavallaria.

Bonetes 60, gravatas 31, panno azul para sobrecasacas e calças 260 covados, brim para fardetas e calças 510 varas, algodãozinho para camisas 150 ditas, luvas brancas de algodão 120 pares, esporas de metal amarello conforme o padrão 60 pares, coturnos 60 pares, panno azul para ponches 360 covados, baeta verde para forro 360 ditos, colchetes para sobrecasacas 60 pares, ditos para ponches 60 pares, mantas de lãa 31, sapatos 60 pares, esteiras 60, botões grandes convexos de metal dourado com a letra R 840, botões pequenos convexos de metal dourado com a litra R 480, botões grandes brancos de osso 9 grozas, ditos pequenos ditos 7 ditas, botões pretos de dito 3 ditas.

Botica do hospital regimental.

Livro em branco pautado de 500 folhas 1, ditos ditos de 200 folhas 2,

PROVIMENTO DOS ARMAZENS DO ALMOXARIFADO.

Officinas de terceira classe.

Ferro inglez em barras de 1 a 3|8 quintaes 30, dito dito de varandes 20 quintaes, dito dito quadrado de 5|8 quintal 20, dito angular sortido 4 quintaes, folhas de ferro grossas 4 ditos, ditas de ferro finas 4 ditos, fole inglez pequeno 1.

Quarta classe.

Arame de latão fino 1 arroba.

Quinta classe.

Sola curtida 200 meios, fio de vela fino 1 arroba, cera branca 1 dita.

Quem quizer vender estes objectos, apresente suas propostas em cartas fechadas as 10 horas do dia 10 de novembro proximo vindouro na secretaria do conselho.

Sala das sessões do conselho administrativo para fornecimento do arsenal de guerra, 22 de outubro de 1856.—Bento José Lamenha Lins, coronel presidente. — Bernardo Pereira do Carmo Junior, vogal e secretario.

REPARTIÇAO' DA VACCINA.

Com autorisaçao do Exm. Sr. presidente da provincia faz-se publico, para conhecimento dos habitantes desta cidade, que os dias de vaccina serão de hoje em diante nas quintas e domingos de cada semana, no lugar e horas anteriormente declaradas: nos domingos estará esta repartição aberta até a's 11 horas da manhãa. Dr. João Nepomuceno Dias Fernandes, commissario vaccinador provincial.

REPARTIÇAO DAS OBRAS PUBLICAS.

A repartição das obras publicas contrata o fornecimento de tijolo de alvenaria grossa e area para as obras da capital, pelo tempo de seis mezes. Os pretendentes dirijam as suas propostas em carta fechada ao Illm. Sr. director interino no dia 31 do corrente as 11 horas da manhãa.

Secretaria da directoria das obras publicas 13 de outubro de 1856.—O secretario, Joaquim Francisco de Mello Santos.

CONSELHO ADMINISTRATIVO.

O conselho administrativo em virtude da autorisação do Exm. Sr. presidente da provincia, tem de contratar os generos alimenticios para fornecimento da companhia de aprendizes menores, do arsenal de guerra, e africanos livres do mesmo arsenal, durante os dous mezes novembro e dezembro proximos vindouros.

Pão de quatro onças, bolachas, carne verde, dita secca, farinha de mandioca, assucar somenos refinado, café, cha hyson, manteiga franceza, arroz pilado, bacalhão, feijão preto ou mulatinho, toucinho de Lisboa, azeite doce, vinagre.

Quem quizer contratar estes objectos apresente suas propostas em cartas fechadas as 10 horas do dia 29 do corrente: na secretaria do conselho.

Sala das sessões do conselho administrativo para fornecimento do aasenal de guerra 23 de outubro de 1856. Bento José Lamenha Lins, coronel presidente.—Bernardo Pereira do Carmo Junior.—vogal e secretario.

THEATRO DE SANTA IZABEL.

O espectaculo annunciado para o dia 29 do corrente, em beneficio do artista Santa Rosa, fica transferido para quinta-feira 6 de novembro, em virtude do dito artista se achar incommodado toda a semana proxima passada, e não ter podido fazer ensaios.

Avisos Maritimos.

PARA O RIO DE JANEIRO.

Espera-se do Assú com muita brevidade a bem conhecida e veleira barca «Mathilde», a qual terá aqui a demora sufficiente para receber escravos a frete para o porto indicado: trata-se com Manoel Alves Guerra, na rua do Trapiche n. 14.

PARA O RIO DE JANEIRO.

Segue com muita brevidade por se achar com dous terços da carga a bordo, o brigue " Conceição ,, do qual he capitão Joaquim Ferreira dos Santos; para o resto, e escravos a frete, para o que tem commodos sufficientes, trata-se com Manoel Alves Guerra, na rua do Trapiche n. 14.

RIO de Janeiro.

Segue com brevidade por ter parte da carga, o brigue «Liberal»; para o resto, passageiros e escravos a frete, trata-se com Caetano Cyriaco da Costa Moreira, na rua da Cadeia do Recife n. 2.

Real companhia de paquetes inglezes a vapor.

Até o fim deste mez espera-se da Europa um dos vapores da Real Companhia, o qual depois da demora de costume seguira para o sul: para passagens, etc., trata-se com os agentes Adamson Howie & C., rua do Trapiche-Novo n. 42.

Para a Bahia

segue em poucos dias, por já ter porção da carga a bordo, o velleiro palhabote «Santo Antonio Triumpho», de lote de 126 toneladas; para o resto da carga trata-se com seu consignatario Domingos Alves Matheos, na rua de Apollo n. 23.

Para o Maranhão

segue com muita brevidade a barca BRILHANTE, tem a bordo a meia carga que trouxe do Rio de Janeiro, e aqui alguma prompta: para o resto que lhe falta, trata-se com os consignatarios Novaes & C., rua do Trapiche n. 54, ou com o capitão, na praça.

Rio de Janeiro.

Espera-se do Assu' o brigue «Imperador do Brasil», o qual depois da sufficiente demora para receber escravos a frete, seguira' para o porto indicado: a tratar com Manoel Alves Guerra, na rua do Trapiche n. 14.

Para a Bahia

segue impreterivelmente nestes dias o veleiro e bem conhecido palhabote «Dous Amigos»; para um pequeno resto de carga que lhe falta trata-se com o seu consignatario Antonio Luiz de Oliveira Azevedo, rua da Cruz n. 1.

— Para Lisboa, com brevidade, por ter parte da carga prompta, o brigue portuguez «Laia III»: quem quizer carregar, trata-se com os seus consignatarios abaixo assignados.

Francisco Severiano Rabello & Filho.

— Para Lisboa, com brevidade, por ter parte da carga prompta, o brigue portuguez «Soberano»: quem quizer carregar, dirija-se aos seus conisgnatarios Francisco Severiano Rabello & Filho.

— Sahe para o Ceara impreterivelmente no dia 30 do corrente, o hiate «Aurora».

RIO de Janeiro.

Segue com brevidade o bem conhecido e veleiro brigue FIRMA, capitão Manoel de Freitas Victor, tem parte da carga prompta: para o resto, trata-se com os consignatarios Novaes & C., rua do Trapiche n. 54, ou com o capitão, na praça.

Companhia Pernambucana.

Largo da Assembléa numero 10.

O vapor IGUARASSU' sahe para os portos do norte as 3 horas da tarde de 29 do corrente: o expediente, no escriptorio da companhia, se fechara ao meio-dia.

Companhia brasileira de paquetes a vapor.

O vapor S. SALVADOR, commandante o 1º tenente Santa Barbara, espera-se dos portos do norte em o 1º de novembro proximo, e depois da demora seguira para Maceió, Bahia e Rio de Janeiro. Os senhores que tiverem a embarcar volumes ou escravos, devem apresentar-se na agencia, no dia da chegada do vapor, para saberem o que podera ser recebido, ficando os conhecimentos nesse dia, na agencia, e os embarques poderão ser feitos no dia seguinte até o meio dia: agencia, na rua do Trapiche n. 40, 2º andar.

Para o Aracaty

segue no fim da presente semana, o bem conhecido hiate *Capibaribe*: para o resto da carga trata-se na rua do Vigario n. 5.

Para' pelo Maranhão.

Segue em poucos dias para o Pará com escala pelo Maranhão, o brigue brasileiro *Clara*, de primeira marcha, o qual tem parte da carga a bordo, para o resto e passageiros, para o que offerece aceiados commodos: trata-se com o consignatario João Pinto Rezis de Souza na travessa da Madre de Deos, armazem de Martins & Pinto, ou com o capitão Fernande José dos Santos, na praça.

Leilões.

— Rostron Rooker & Companhia farão leilão, por intervenção do agente Oliveira, de algumas fazendas avariadas, e em seguimento um completo sortimento de outras de lei recentemente chegadas, e em perfeito estado: quarta-feira, 29 do corrente, as 10 horas da manhãa, no seu armazem, praça do Corpo Santo.

LEILÃO SEM LIMITE.

O agente Vieira faz leilão de 20 saccas com farinha de tapioca do Maranhão, por conta e risco de quem pertencer: quarta-feira, 29 do corrente, as 11 horas da manhãa, no armazem do Sr. Annes, defronte da alfandega.

— O agente Borja fará leilão dos moveis pertencentes a um negociante que se retira para Portugal, constando de uma excellente mobilia de jacarandá com pedra, um optimo piano de armario, 2 espelhos grandes, secretaria, guarda roupa, guarda vestidos, commodas, marquezas, bancas, uma sofrivel mobilia de angico para sala de jantar, guarda louça, aparadores, mesa elastica, lavatorios com pedra e mais outras obras de marcineria etc., candelabro, e lanternas de vidro, ricos vasos e enfeites de porcelana e de cristal para sala, louça e vidros finos para mesa, arranjos diversos, de casa, trens de cozinha e outros muitos objectos etc. que se acharão expostos no armazem do agente annunciante, sito na rua do Collegio n. 15, onde terá lugar o leilão quinta feira 30 do corrente as 11 horas. Nesse mesmo dia vender-se-ha tambem para liquidação de contas uma porção de saccos de feijão mulatinho muito novo.

— O agente Borja fará leilão, por conta dos Srs. Bastos & Lemos, de diversas peças de marmore para jardim, constando de um lindo repucho, varias mesas, vasos, estatuas representando as cinco partes do mundo e as quatro estações do anno, e outros muitos objectos etc., os quaes se entregarão pelo maior preço offerecido, visto serem para liquidação: terça-feira, 28 do corrente, as 11 horas da manhãa, no armazem do agente annunciante, sito na rua do Collegio n. 15. Nessa mesma occasião vender-se-ha tambem em leilão uma porção de objectos de prata pertencentes a uma pessoa que retira-se para a Europa, consistindo em duas ricas bandejas, um completo apparelho para cha, salvas de diversos tamanhos, paliteiros, um excellente faqueiro, e outras muitas obras, assim como um riquissimo adereço de brilhantes, talvez o melhor que se tenha visto nesta cidade.

Leilão.

O agente Oliveira fara' leilão, em seu escriptorio, de grande porção de obras de ouro, como sejam: anneis, alfinetes de peito, brincos, botões de punho, trancelins, cordão, redoma, medalha, crucifixo, e uma imagem da Conceição; assim como, de diversas obras de marcineiria, inclusive mesa elastica de amarello para jantar 24 pessoas, lanternas, quadros e muitos outros artigos, que serão vendidos por qualquer preço, afim de desoccupar dito escriptorio, caso os donos de alguns não mandem tomar conta antecipadamente dos que lhes pertencem: terça-feira 28 do corrente, a's 10 horas da manhãa.

— O agente Vieira da Silva, na rua da Madre de Deos n. 32, faz leilão sexta feira 31 do corrente as 11 horas da manhãa, de diversas obras de marcinarias novas e usadas, de diversos candeeiros para cima de mesa, candelabros, relogios para cima de mesa e mais objectos que existirem no dito armazem, tudo será vendido a vontade dos compradores.

Avisos Diversos.

Vaccina.

O Dr. Joaquim d'Aquino Fonseca julga conveniente declarar, que vaccinara' as pessoas que comparecerem na casa de sua residencia, mesmo quando sejam de guarda os dias designados para isto, e roga as que forem vaccinadas que não deixem de voltar nesses dias; porquanto só se póde entreter a innoculação vaccinica sendo a semente passada de um a outro individuo, e para que isto tenha lugar torna-se indispensavel que compareçam; além de que, podendo ser confundida com a falsa vaccina a verdadeira, por aquelles que as não sabem distinguir, só voltando conhecer-se-ha se estão preservados da variola.

—Quem tiver achado uma bengala de baleia, de uso de menino, encastoada e ponteira de metal branco, e a queira entregar: digne-se dirigir a loja de Guilherme da Silva Guimarães, proxima ao arco de Santo Antonio, loja de quatro portas.

—Precisa-se de uma lavadeira que seja boa, não demore a roupa no rio e dê fiador a sua conduta: na praça da Independencia livraria ns. 6 e 8.

LOTERIA DA PROVINCIA.

O Sr. thesoureiro das loterias manda fazer publico, que estão expostos a venda, na thesouraria das loterias, na rua da Aurora n. 26 das 9 ás 5 da tarde, os bilhetes e meios, da primeira parte da primeira loteria de S. Miguel de Barreiros, cujas rodas andam no dia 8 de novembro, e logo que se publiquem as listas, se pagam os premios incontinente, a excepção dos dous premios grandes, que são pagos logo, no salão da extracção, no convento de Nossa Senhora do Carmo.

O escrivão das loterias, José Januario Alves da Maia.

—O abaixo assignado declara ao respeitavel publico, e particularmente a's pessoas com quem teve transacções, que saldou todas as suas contas até hoje contrahidas; e por isso nada deve nesta praça. Recife 27 de outubro de 1856.—Joaquim Vicente Marques.

Para a festa.

Aluga-se no lugar da Torre um sitio bonito, com casa para grande familia: a fallar com o Sr. major Antunes, na alfandega.

— Fugio no dia 25 do corrente a preta crioula, de nome Izabel, com 25 annos de idade, estatura mais que regular, rosto comprido e descarnado, nariz chato e dogue, corpo magro, mãos e dedos compridos, e pés grandes, consta que acompanhara a um cabo do nono batalhão de nome Alexandre, que desertou por ter sido vista com o mesmo cabo na ponte do Cachanga'; gratifica-se com 50$ a quem a pegar e leva-la a estrada de João de Barros, no segundo sitio passando o Olho do Boi, quasi confronte ao sitio da antiga Cascata.

— Quem precisar de uma preta por aluguel, dirija-se a rua da Mangueira n. 5.

— O Sr. Julio Silveira Lobo ha pouco chegado da Côrte, queira ter a bondade de declarar sua morada por este Diario.

— Precisa-se de uma mulher de idade, que queira cozinhar e engommar: quem se achar nestas circumstancias, dirija-se a rua da Senzala Nova n. 9. Tambem precisa-se de um official de charuteiro, que trabalhe em tres por dous.

Attenção.

Arrenda-se ou vende-se o sitio do fallecido Ignacio Firmo Xavier, entre as duas pontes da Magdalena, cuja casa tem commodos para duas familias, e a localidade he de muitas vantagens; faz-se todo o ajuste com o locatario ou comprador: na rua Nova, esquina da rua da Camboa do Carmo, defronte da loja de Colombiez, acharão com quem tratar.

ALVIÇARAS, RAPAZEADA!

Boa nova tenho a dar;
Este sol que vos abraza
Vai-se em gelo transformar.

La' do Pólo, onde os Lapões
Vivem na toca enfurnados,
Chegou nectar que refresca
Vossos labios dessecados.

E o Soares, que jurou guerra
Ao fogo, ao sol, ao calor,
Com gelo, ananaz e outras
Mitigara' vosso ardor.

Junto ao becco do Rosario
Ide, pois, e encontrareis
Ser verdade o que vos conto;
Bom cobre la' deixareis.

— Para não interromper o serviço da linha do Brasil, em consequencia dos reparos que tem soffrido os navios, a companhia Franco-Americana tem sido obrigada a negligenciar a escala de Pernambuco durante duas ou tres viagens na sua vinda. Esta interrupção não he senão momentanea, na volta os vapores tocarão como de costume, o *Cadiz* que devia partir do Rio em 31 do corrente, tomara' frete e passageiros, para cujo fim se poderão dirigir a agencia dos mesmos, em casa de Lasserre & Tisset-freres.

— O Sr. de engenho que precisar de um official de carapina para toda a obra, para o lado de Goianna até Parahiba, dirija-se a rua larga do Rosario n. 27, botequim.

— Joaquim José dos Santos Andrade participa a todos os seus freguezes, que mudou a loja de ferragens que tinha na rua Nova n. 39, para a rua do Queimado n. 17 A.

— O Sr. Ribeiro e sua familia vai no vapor «Iguarassú» até o Ceara', e pede a seus amigos o desculpem de não se despedir pessoalmente pela rapidez de sua viagem.

— Roga-se encarecidamente aquella pessoa que tiver em seu poder cartas para José da Costa Brandão Cordeiro, vindas de Fernando de Noronha, se digne apparecer na praça da Boa-Vista n. 7.

— Precisa-se de uma ama que saiba cozinhar e engommar para casa de pouca familia: a tratar na rua do Crespo n. 11.

— Precisa-se de um caixeiro de idade de 14 a 16 annos, que de fiador a sua conducta: quem pretender dirija-se a taberna da quina que entra para a Camboa do Carmo n. 36.

— O Sr. redactor da Pagina Avulsa foi mal informado sob o que se passou na igreja do Terço; informação semelhante so poderia ser dada por pessoa mal intencionada, e que se não pejja de ser desmentida: queira, portanto, S. S. informar-se de todo o occorrido na festividade; certo, estamos, rectificara tão calumniadora noticia.

— Aluga-se um sitio o mais perto possivel desta praça, que tenha capim todo anno, que possa sustentar de 10 a 20 bois: a tratar na rua da Senzala Velha n. 70, segundo andar.

— Alugam-se escravos costumados ao carreto de assucar a 1$000, dias uteis, assim como gente forra: tambem se recebem mensalmente, dando-se comida e casa para ficar: na rua da Senzala Velha n. 70, segundo andar.

— Da-se 400$000 a premio com penhores ou em quantias pequenas: na rua Direita n. 74.

— Offerece-se uma preta forra para ama de uma casa de familia: quem precisar dirija-se a rua do Caldeireiro n. 68.

Pedido.

Roga-se a todas as pessoas que devem charutos na rua da Cadeia do Recife n. 15, loja do Bourgard, o favor de pagarem até o dia 8 de novembro, do contrario terão de ver seus nomes nesta folha.

— Alugam-se 4 pretos para o serviço de armazem de assucar: quem os tiver dirija-se a rua de Apollo, armazem n. 1 A, que se pagará generosamente.

— Aluga-se o segundo andar do sobrado n. 8 da rua do Queimado: a fallar na loja.

— A pessoa que annunciou precisar de 500$000 com segurança em um moleque, e uma negra de 22 annos, dirija-se a rua Direita n. 72, que ahi se dira quem os da.

— Engoma-se e cozinha-se com muita perfeição e aceio: na rua Direita n. 77.

— Aluga se uma casa terrea com commodos para grande familia, quintal murado com cacimba por preço commodo: a tratar na rua da Cadeia do Recife n. 4, escriptorio de Barroca & Castro.

No jornal de Lisboa a « Civilisação » n. 61 le-se o seguinte:

« Não deixaremos sem alguma honrosa mensão um volume de 255 paginas de oitavo, que na mão temos, publicado em Pernambuco pelos fins do anno passado com o seguinte titulo:

« Brinquedo da Puericia, dialogo joco-serio, critico e moral entre as vinte e cinco lettras do alfabeto, ou modo de excitar os meninos a amar a leitura, contendo alem deste, principios geraes de moral, grammatica da lingua nacional, compendio da doutrina christãa, modo de ajudar á missa, litteratura em prosa e verso, manual de civilidade, e taboada de Pytagoras.

Por este mothodo, o professor fazendo as vezes de repetidor, collocado no centro de um circulo composto de meninos, os habilita independente de decurias a lerem em 6 mezes com toda a perfeição, como mostrou no dia 16 de setembro de 1855 em publica exposição, no salão do theatro Santa Isabel, o professor particular, Francisco de Freitas Gamboa.

Contentar-se-hia o Sr. Gamboa com estes serviços á capital da provincia onde reside?!..

Li o Brinquedo da Puericia, está bem escripto, he ameno, e instructivo.—Luiz Filippe Leite.

A leitura do Brinquedo da Puericia foi-me feita de uma assentada, com flagrante violação das ordens do medico, e fez-me ella muito bem. Mandei reler ainda o opusculo em presença do director da escola normal —Leite— e da excellente mestra regia —Silva Canuto.— que ambos o acharam, como eu, muito digno de adopção e louvor. De notas para emenda ou melhoramento para uma edicção ulterior pouco se fez; mas largo trabalho haveria sido individuar todos os meritos e excellencias de tal escripto. Uma e outra cousa espero eu enviar a V. S. para o outro correio.—Antonio Feliciano de Castilho.

Submetti o referido opusculo ao juizo do distincto Sr. Dr. Feitoza, e mais illustres redactores dos periodicos desta cidade, e esperando que não discordem dos pareceres acima publicados, me animo a annunciar esta obra á venda, na mão do Sr. Joaquim José de Paiva, Manoel Antonio Gonçalves, rua do Cabugá, e Maia, na rua Nova, e na mesma escola do methodo Castilho.—Francisco de Freitas Gamboa, professor particular autorisado pelo governo.

— Na Passagem da Magdalena, ilha do Retiro, existem dous sitios com duas excellentes casas para morada, ou passamento da festa, por isso quem as pretender podera' entender-se com João Tavares Cordeiro, na travessa da Madre de Deos n. 9, ou na mesma rua n. 36.

Em praça presidida pelo Illm. Sr. Dr. juiz dos feitos da fazenda nacional no dia 29 do corrente mez, depois de sua audiencia, se hão de arrematar os bens abaixo declarados para pagamento de execuções da mesma fazenda contra seus devedores, a saber:

A posse de um terreno de marinha na rua Imperial n. 214 com 80 palmos de frente e fundo até a baixa-mar por 120$, penhorado a Manoel Jaques da Silva.

Um dito n. 56 na rua de Luiz do Rego com 30 braças de frente e 71 de fundo por 660$, a José Joaquim de Almeida Pinto.

Um dito n. 349 na rua do Brum com 45 palmos de frente e 456 de fundo por 250$, a João Pedro Maduro, em lugar de Manoel de Siqueira Campello.

Um dito n. 196 atraz da rua da Concordia, com 60 palmos de frente e 100 de fundo por 300$, á Manoel Caetano de Oliveira.

Um dito n. 116 B. atraz da rua do Caldeireiro com 21 palmos de frente e 150 de fundo por 400$, á Antonio dos Santos Andrade em lugar de Manoel Pereira de Sa.

Um dito n. 178 na rua de Apollo com 20 palmos de frente e 50 de fundo por 200$, a Rosa Engracia de Santa Maria Abreu Brandão.

Um dito n. 113 atraz da rua do Caldeireiro, com 20 palmos de frente e 100 de fundo por 100$, a Thereza de Jesus Cavalcanti Pessoa.

Um dito n. 232 A na rua do Vigario com 30 palmos de frente e 45 de fundo por 100$, a Marianna da Conceição Pereira, curadora de seu marido.

Um sitio na estrada de San José do Manguinho, com grande casa de morada, estribaria, cercado em parte e outra murada, com muitos arvoredo de fructos por 8:000$, aos herdeiros de D. Joanna Machado Freire Pereira da Silva.

Uma casa terrea n. 43 na rua da Casa Forte com 15 palmos de frente, cozinha fóra, quintal em aberto por 400$, a Maria Francisca da Silva em lugar de Florencia Maria das Virgens.

Uma dita em frente da igreja do Remedio, feita de cal e tijolo, com terreno de ambos os lados e fundo até a camboa por 2:000$, aos herdeiros de Francisco de Assis Campos Cosdem.

Todos os utencilios para uma botica, constando de grande quantidade de potes de louça e vidro, e outros muitos objectos inclusive alguns medicamentos, tudo por 77$700, a Bento Luiz de Carvalho.

Doze cadeiras novas de madeira jacarandá com assentos de palha por 72$, a Vicente Moreira da Silva.

Seis cadeiras de conduru' com assentos de palha e duas pequenas mesas da mesma madeira por 14$, a João Pereira Lago.

Seis cadeiras de madeira jacarandá, uma commoda de amarello, uma marqueza de angico, uma banca de meio de sala, uma mesa de amarello e dous bahús pequenos, tudo por 48$, á viuva de Manoel Lopes Machado.

Quem taes objectos quizer arrematar dirija-se a casa das audiencias a hora do costume.

— No dia 18 do corrente pelas oito horas da manhãa fugio um negro por nome Antonio, o qual he de nação com os signaes seguintes: côr fula, pouca barba, puxa do quarto direito, os pés apalhetados, e no pé do lado direito tem algumas costuras imitando calor de figado, levou calça azul de riscado, camisa azul, chapéo de palha: este negro tem um irmão que he cortador de carne nos açougues da freguezia de Santo Antonio, sendo este o seductor daquelle, segundo que se tem sabido; foi escravo do Sr. academico Antonio Rogerio Freire de Carvalho, morador atraz da matriz da Boa-Vista, tendo vindo com o mesmo academico de Agua-Preta, talvez tomasse esta estrada; por tanto pede-se a todas autoridades onde o mesmo for encontrado, e os capitães de campo hajam de aprehender, ou leva-lo ao seu legitimo senhor abaixo assignado na rua larga do Rosario n. 48, que generosamente paga a quem o trouxer.—Bernardo de Cerqueira Castro Monteiro.

Almanak da provincia.

Estando-se confeccionando o almanak da provincia, roga-se a todas as pessoas que costumam pelle ser incluidas, e que o não estiverem, ou houver algum erro, queiram mandar levar a livraria numero 6 e 8 da Praça da Independencia, a emenda, assim como pede-se aos senhores de engenhos, se dignem mandar igualmente as transferencias a mesma livraria.

— O Sr. Luiz Pedro Ferreira, chegado a esta provincia ha pouco tempo, vindo do Maranhão, queira dirigir-se a rua do Trapiche Novo n. 16, segundo andar, a negocio de seu muito interesse.

— Precisa-se de um menino de 9 a 10 annos de idade, que de fiador de sua conducta, para caixeiro de um deposito: na rua de Aguas-Verdes n. 46.

— Precisa-se de uma ama para tratar de uma criança; na rua Direita n. 86, segundo andar.

— Um moço habilitado competentemente, offerece-se para caixeiro de cobrança, da conhecimento de sua pessoa, e mesmo uma fiança se for preciso: quem pretender annuncie.

Reincidencia.

Gostamos de ver qualquer agastado; sera mao gosto, mas he nosso. O discurso que publicamos no n. 244 deste *Diario*, agastou alguem, e em subido grão; ahi estão os seus ns. 245, 248, 249 e 253, para prova. Contamos ainda com esta repetição, junta a do n. 253, descubrir mais novidades para o respeitavel; razão porque ainda tornaremos a lembrar o discurso. Foi uma *bomba dos diabos*, segundo dizem, por causa de lá *de fóra*; por aqui isso não valia nada.

* * *

Recife 27 de outubro de 1856.

— Aluga-se o segundo andar de um sobrado no pateo da Santa Cruz: quem o pretender falle na rua das Cruzes no ultimo sobrado de dous andares, lado direito quem vai da rua do Queimado para S. Francisco. Na mesma casa se compra um pequeno portão de ferro para um sitio, sendo em conta, e se precisa de uma escrava de todo o serviço por aluguel.

— O prazo para a venda de fazendas inglezas no armazem dos abaixo assignados, sera reduzido a 8 mezes, segundo o costume da praça, do 1º de novembro proximo futuro em diante.

Barroca & Castro,

Recife 27 de outubro de 1856.

DAGUERREOTYPO

SYSTEMA NORTE-AMERICANO.

Aterro da Boa-Vista n. 4, 3.º andar.

Causas extraordinarias chamam o artista proprietario deste estabelecimento a uma das provincias do norte aonde suppoe ter alguma demora, e tendo de partir no paquete «Iguarassú» apenas tera a sua galeria e officina a disposição do publico até o dia 28 do corrente: as pessoas que desejarem possuir um retrato peifeito e inalteravel poderão aproveitar os dias que restam de sua estada nesta capital. No mesmo estabelecimento encontra-se o mais completo e variado sortimento de joias e artefactos para a collecção de retratos.

— Aluga-se um preto ja de idade para carregar taboleiro ou outro qualquer serviço que não seja de grande peso sahindo mesmo de casa do senhor as 8 horas do dia: quem pretender dirija-se ao pateo do Terço n. 32.

— Precisa-se uma ama forra para casa de pouca familia: quem quizer e estiver no caso de servir, dirija-se a rua da Gloria n. 31.

Previdencia

Companhia de seguros contra a mortalidade dos escravos.

ESTABELECIDA NO RIO DE JANEIRO.

Agencia filial de Pernambuco—N. 13 rua do Crespo.

O flagello deste anno ainda esta' muito fresco na memoria de todos, para que se deixe de apreciar o grande beneficio que resultara' aos proprietarios de escravos, da garantia de propriedade, que esta companhia offerece.

Ninguem deixara' de concordar na vantagem de tirar dos rendimentos de uma propriedade uma pequena parcella que garanta o seu valor total, e o premio he tão modico que nem em 30 annos completara' a quantia que, a qualquer momento tem o direito de receber por caso da morte do escravo seguro.

Pagar-se-ha por exemplo, sobre a avaliação de 1:000$ (e menos em proporção no caso do valor ser mais modico) inclusive o sello da apolice etc.

Das idades

De 12 até entrar aos 40 annos—36$100 por anno.
» 40 » » » 45 » —41$200 » »

Subindo o premio de cinco em cinco annos até a idade de 70 annos conforme as condições impressas que poderão ser procurados no escriptorio da companhia.

No caso de hypothecas, o seguro serve para maior garantia das dividas, porque a companhia aceita a transferencia das apolices a novos proprietarios, com tanto que essas transferencias se realisem em seu escriptorio.

Dar-se-ha consultas gratis aos escravos seguros das 9 para 10 horas da manhãa, no escriptorio da companhia.

Loteria da provincia.

Com a rubrica do abaixo assignado foram vendidos os seguintes premios:

1474	5:000$	1 quarto.
5968	2:000$	1 dito.
1896	400$	2 ditos.
1888	200$	2 ditos.
994	100$	2 ditos.
5572	100$	2 ditos.
665	100$	1 dito.
2550	50$	meio bilhete.
2276	50$	meio bilhete.
1667	50$	meio bilhete.

He pago no escriptorio do abaixo assignado ou na praça da independencia loja n. 40, não só a garantia dos numeros acima notados, como todo o premio por inteiro.

P. J. Layme.

LOTERIA DA PROVINCIA.

O abaixo assignado avisa ao respeitavel publico que vendeu as seguintes sortes:

1 quarto	n. 5968	2:000$000.	
1 meio	« 2898	900$000.	
1 quarto	« 665	100$000.	
1 bilhete	« 217	50$000.	

O mesmo tem exposto á venda nas lojas já annunciadas os seus felizes bilhetes e meios ditos, da primeira parte da primeira loteria da matriz de S. Miguel de Barreiros, cujos preços são os seguintes:

Billhetes	5$800	recebe	5:000$000
Meios	3$000	»	2:500$000

Por Salustianno d'Aquino Ferreira, José Fortunato dos Santos Porto.

C. STARR & COMPANHIA

respeitosamente annunciam que no seu extenso estabelecimento em Santo Amaro, continuam a fabricar com a maior perfeição e promptidão, toda a qualidade de machinismo para o uso da agricultura, navegação e manufactura, e que para maior commodo de seus numerosos freguezes e do publico em geral, tem aberto em um dos grandes armazens do Sr. Mesquita na rua do Brum, atraz do arsenal de marinha um

DEPOSITO DE MACHINAS,

construidas no dito seu estabelecimento.

Alli acharão os compradores um completo sortimento de moendas de canna, com todos os melhoramentos (alguns delles novos e originaes) que a experiencia de muitos annos tem mostrado a necessidade. Machinas de vapor de baixa e alta pressão, taixas de todo tamanho, tanto batidas como fundidas, carros de mão e ditos para conduzir fôrmas de assucar, machinas para moer mandioca, prensas para dito, fornos de ferro batido para farinha, arados de ferro da mais approvada construcção, fundos para alambiques, crivos e portas para fornalhas, e uma infinidade de obras de ferro, que sera enfadonho enumerar. No mesmo deposito existe uma pessoa intelligente e habilitada para receber todas as encommendas, etc., etc., que os annunciantes contando com a capacidade de suas officinas e machinismo, e pericia de seus officiaes, se compromettem a fazer executar com a maior presteza e perfeição, e exacta conformidade com os modellos ou desenhos, e instrucções que lhe forem fornecidos.

— A pessoa que pretende um sitio, não excedendo de duas legoas desta cidade, com baixa para capim, e lugar para vaccas de leite, dirija-se a Casa Forte, sitio que foi do Sr. Dr. Netto, e hoje de João José do Rego, que achara' com quem tratar.

DEPOSITO DE LIVROS E BOTICAS HOMEOPATICAS.
DO
CONSULTORIO
DO
DR. P. A. LOBO MOSCOSO.

O Dr. P. A. Lobo Moscoso, tendo de fazer uma viagem deixa a sua botica sób a direcção de pessoa habilitada e de inteira probidade, e um deposito na loja de livros do Sr. Manoel Nogueira de Souza na rua do Crespo, sobrado novo do Sr. Magalhães Bastos.

PREÇOS FIXOS.

Botica de 12 tubos grandes.	10$000
Dita de 24 » »	15$000
Dita de 36 » »	20$000
Dita de 48 » »	25$000
Dita de 60 » »	30$000
Manual de medicina homeopathica do Dr. Jahr com o diccionario dos termos de medicina	20$000
Medicina domestica do Dr. Henry.	10$000
Tratamento do cholera morbus.	2$000
Repertorio do Dr. Mello Moraes.	6$000

— Ensina-se a pilotagem theorica-pratica, o curso mathematico e francez, contas para o commercio: a tratar na rua do Nogueira n. 7.

— Continua a estar fugido o escravo Antonio de nação Cassange, de idade de 35 annos pouco mais ou menos, altura regular, cangueiro no andar, cor preta, rosto redondo, sem barba, costas limpas, cheio do corpo, e conversa pouco; foi escravo dos herdeiros do finado Caetano Gonçalves da Cunha; ha quasi certeza de andar para as partes do sul desta provincia, se alguem acoitar o dito escravo fique certo de que o dono ha de proceder com todo o rigor das leis contra o acoitador, e a quem o capturar promette-se pagar com generosidade, sendo conduzido a rua da Guia n. 64 segundo andar nesta praça, ou no engenho Crusaby, ou Agua-Fria da freguezia de S. Lourenço da Mata.

DENTISTA FRANCEZ.

Paulo Gaignoux, de volta de sua viagem a Europa, está morando na rua Nova n. 41, primeiro andar, onde pode ser procurado a qualquer hora.

A CIDADE DE PARIS.
Rua do Crespo n. 4.
J. FALQUE.

Recebeu pelo navio francez «Comte Roger» um rico e variado sortimento de roupa feita como sejam:
Casacas de panno preto.
Calças de casemira preta e de cores.
Ditas de brim de linho.
Palitós de casemira de côr com gola de velludo.
Ditos de panno e casemira preta.
Ditos de seda preta e de côres.
Ditos de brim de linho branco e de cor.
Ricos colletes de velludo.
Ditos de gurgurão de cores.
Ditos de setim preto.
Lindos chapéos de castor para homem.
Ditos ditos rapados para homem.
Ditos de seda pretos finos para homem.
Todas estas fazendas são da melhor qualidade que se pode desejar.

O Dr. João Honorio Bezerra de Menezes, formado em medicina, acha-se residindo na cidade do Rio-Formoso, e ahi se offerece a's pessoas que de seu prestimo se quizerem utilisar.

COMPANHIA DE SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES.
CAPITAL 16,000:000$000.

A companhia tem sua agencia no escriptorio de viuva Amorim & Filho, rua da Cruz n. 45, onde aceita todas as propostas de seguros de riscos e fortuna do mar.

— Para familia estrangeira deseja-se alugar um preto fiel de bons costumes para o serviço de casa, na rua do Trapiche n. 16, primeiro andar.

—O Rvm. Sr. Joaquim José de Faria, que morou ou mora na Boa-Viagem, tem uma carta na livraria ns. 6 e 8, da praça da Independencia.

— Aluga-se uma casa com commodos para grande familia, por festa ou por anno, muito fresca, com cocheira para carro, estribaria muito boa e perto do banho, na Capunga nova, rua das Pernambucanas: a tratar com José Antonio Marques, no Chora-Menino, por preço commodo.

— Precisa-se alugar um preto escravo para tratar de um cavallo: na Rua Nova n. 22.

J. JANE, DENTISTA,
continúa a residir na rua Nova n. 19, primeiro andar.

SOCIEDADE EM COMMANDITA,

fundadora da fabrica de fiação e tecidos de algodão.

Os gerentes da sociedade em commandita, abaixo firmada, convidam todas as pessoas que tomaram parte nesta empreza, a se reunir em assembléa geral, no dia 28 do corrente, em casa do Sr. Antonio Marques de Amorim, rua da Cruz, ao meio dia em ponto, para ouvir o relatorio apresentado pelos mesmos gerentes, dar o seu parecer e deliberar sobre os meios mais convenientes aos trabalhos preliminares da dita empreza. Pernambuco 15 de outubro de 1856.

Amorim, Faria, Guerra & C.

— Precisa-se de uma ama forra ou captiva, para todo o serviço de uma casa de familia: na rua Nova n. 23, segundo andar.

— Aluga-se por festa ou mesmo por anno uma casa a margem de Capibaribe, com excellente porto para banho na freguezia do Poço da Panella; quem quizer alugar podera' entender-se com José Nogueira de Souza, loja de livros junto ao arco de Santo Antonio.

Aviso.

Os abaixo assignados rogam a todos os devedores das firmas de Cruz & Gomes, Cruz & Bastos, e José Dias Simões que venham ou mandem pagar seus debitos na rua do Queimado loja de miudezas n. 55, ou na rua do Cabuga' loja de miudezas de quatro portas n. 1 C, onde acharão suas contas extrahidas dos competentes livros.

Os abaixo assignados são os unicos encarregados a receber essas dividas, como podem provar, cazo alguem o exija, e por isso declaram que ninguem mais podera' receber conta alguma sem autorisação dos mesmos, sobre pena de pagarem duas vezes.—Francisco José Alves Guimarães, José Alves da Silva Guimarães

SEGURIDADE.
Companhia de seguros maritimos, estabelecida no Rio de Janeiro.
Capital mil contos de reis.

Offerece ao commercio vantagens que nenhuma outra companhia tem feito até agora. Aceitam-se propostas de seguro no escriptorio de Isaac, Curio & Companhia, agentes da companhia, rua da Cruz n. 49.

SEGURO CONTRA FOGO.
Companhia Alliance.
Estabelecida em Londres, em março de 1824.
Capital cinco milhões de libras esterlinas.

Saunders Brothers & C., tem a honra de informar aos Srs. negociantes, proprietarios de casas, e a quem mais convier que estão plenamente autorisados pela dita companhia para effectuar seguros sobre edificios de tijolo e pedra, cobertos de têlha e igualmente sobre os objectos que contiverem os mesmos edificios quer consista em mobilia ou em fazendas de qualquer qualidade.

— Precisa-se de uma ama de meia idade, que cozinhe e compre: no largo da Assembléa n. 12, primeiro andar.

— Trocam-se notas do Banco do Brasil por moeda corrente nesta provincia, com desconto: na rua do Trapiche n. 40, segundo andar.

— O bacharel A. R. de Torres Bandeira, professor cathedratico de lingua franceza no Gymnasio desta provincia, tem resolvido abrir do primeiro de novembro em diante um novo curso desta mesma lingua e da ingleza, e bem assim de rhetorica, geographia e philosophia: quem de seu prestimo se quizer utilisar póde procura-lo na casa de sua residencia, na rua Nova n. 23, segundo andar.

— O abaixo assignado faz sciente aos Illms. Srs. de engenhos e mais pessoas que negociam com assucar, remettendo-o para esta praça, que se acha habilitado em receber por commissão dito genero, e espera de seus patricios e amigos, e de quantos de seu prestimo se queiram utilisar, as remessas de seus assucares, promettendo o mesmo abaixo assignado exercer todo o zelo e actividade que lhe são naturaes, envidando todo o esforço possivel nas funcções da liquidada apuração de dito genero, como bem o tem demonstrado. As pessoas cujas remessas excederem de 10:000$ por safra, sómente pagarão 2 0/0 de commissão, sendo 3 0/0 as demais como he costume; e para todas se obriga o mesmo abaixo assignado a toda e qualquer compra de objectos sem como muitos tirar porcentagem. Recife, rua Direita, primeiro andar n. 93.

Francisco Seraphico de Assis Vasconcellos.

—Aluga-se uma ama secca para tomar conta de um menino de 10 mezes e lavar e engommar para uma casa de pequena familia, e não imperta que seja escrava: na rua do Collegio n. 8, segundo andar.

— Antonia Carolina da Conceição pede a todas as pessoas que teem penhores em sua mão, o obsequio de ir resgata-los dentro do prazo de 15 dias, do contrario serão vendidos.

— Quem tiver um methodo para violão por Carull e quizer vender, dirija-se ao pateo de S. Pedro n. 22, ou annuncie sua morada.

— Precisa-se de uma ama de leite: na rua de Santa Thereza, casa n. 7. Paga-se 10$000 por mez, e affiança-se bom tratamento.

— Precisa-se de um forneiro: na padaria da rua Direita n. 69.

ATTENÇÃO.

Ainda se acha ausente a preta Rosalina, de nação Angola, de idade que representa 39 annos, com falta de dentes na frente, alta, corpolenta, tem no braço esquerdo as lettras P e R; foi escrava de Luiz Pires Ferreira: quem a apprehender póde levar a sua senhora D. Luiza Epiphania da Conceição, na rua dos Martyrios n. 18, que sera' generosamente recompensado.

— A pessoa que annunciou neste «Diario» haver precisão de um caixeiro, queira dirigir-se ao ultimo sobrado na rua Nova, que tem taberna por baixo, ao pé da ponte, segundo andar, que achará uma pessoa com pratica de loja de fazendas, cuja conducta se affiança.

— Precisa-se alugar dous pretos, paga-se até 20$ por mez, dando-se a comida, para vender pão: a tratar na rua larga do Rosario, loja de miudezas n. 38.

— Precisa-se de costureiras; na loja de alfaiate, rua Nova, esquina da Ponte.

— Previne-se a quem interessar que não faça negocio algum com os que se dizem procuradores do auzente Sr. Antonio Joaquim de Souza Ribeiro, sobre os escravos Antonia, parda, de 7 annos de idade, e Sabino, pardo, de 4 annos, filhos da escrava liberta Benedicta, pertencentes ao cazal da finada D. Angelica Joaquina dos Anjos, de cujos bens foi inventariante o mesmo Sr. Ribeiro, visto achar-se pendente por appellação no tribunal da relação o respectivo inventario por nullidades insanaveis, que houve na partilha; e o mesmo se previne a competente autoridade policial, para que não lhes conceda passaporte para embarcarem os ditos escravos, que estão em letigio.

—Arrenda-se um sitio na Torre a margem do rio Capibaribe, com boa casa de vivenda acabada, e pintada de novo, com commodos para grande familia, por ter sotão, estribaria, agua de beber, quarto para criado independente da casa e terreno para capim: a fallar na rua do Seve, casa em que morou o consul portuguez.

— O Dr. Pedro de Athayde Lobo Moscozo, tendo muito breve de fazer uma viagem, roga a quem se julgar seu credor o obsequio de apresentar suas contas até o dia 10 de novembro futuro, e espera que os que lhe devem, tenham a bondade de mandar-lhe pagar até esse dia, pelo que lhes ficara' muito agradecido.

— O agente Oliveira aluga, pelo tempo da festa, ou por anno, a sua excellente e espaçosa casa de campo, sita no Poço da Panella, a qual tem todos os commodos desejaveis para grande familia, decente, por numerosa que seja, acaba de ser caiada e pintada: os pretendentes dirijam-se ao mesmo.

— Quem annunciou querer comprar um berço de amarello em bom estado, falle na rua do Queimado n. 35, que achara' um como pretende, e o competente cortinado, e colxão de marroquim.

Grande e asseiado collegio em Lisboa,

para meninas, internas e externas, cuja educação, prendas e mais vantagens, se poderão avaliar, em presença dos estatutos, que se acham na rua do Crespo loja n. 16, ou na esquina que volta para a rua da Cadeia.

— Da-se 1:600$000 a juro modico, sob hypotheca ou firma segura: quem quizer annuncie sua morada.

— Precisa-se de um amassador, na padaria do Brito, no Monteiro: a tratar na mesma, ou na rua Direita n. 69.

— Os abaixo assignados tem autorisado ao Sr. José Lopes Machado a fazer a cobrança, tanto nesta praça com em outro qualquer lugar, das dividas pertencentes a firma fallida de Cruz & Gomes, Cruz & Bastos e José Dias Simões. Recife 24 de outubro de 1856. —José Alves da Silva Guimarães, Francisco José Alves Guimarães.

—Candida Balbina da Paixão Rocha, antiga professora particular de primeiras letras e costura do bairro do Recife, rua do Vigario, tem transferido sua aula para a rua do Rangel n. 59, onde continua a exercer o seu magisterio, ensinando tudo quanto faz parte da educação primaria de uma senhora; assim como não duvida receber pensionistas e meio-pensionistas, por preços razoaveis.

JOAÕ DA SILVA RAMOS,
MEDICO PELA UNIVERSIDADE DE COIMBRA.

continua a receber em sua casa na rua do Cabugá n. 16, das 8 as 10 horas da manhãa, e das 3 as 5 da tarde, as pessoas que o queiram consultar: bem como se presta a sahir com a já reconhecida promptidão, a visitar qualquer enfermo, a toda a hora do dia ou da noite, quer dentro quer fóra da cidade.

— Precisa-se alugar seis pretos para armazem de assucar: quem tiver e quizer alugar, dirija-se a rua de Apollo, armazem n. 40, que encontrará com quem tratar.

— Precisa-se de 500$ a premio com hypotheca em um moleque de 14 annos e uma negra de 22, isto para mais segurança: quem quizer annuncie.

Seguros contra o fogo.
LONDRES.
Companhia Northern.
CAPITAL, — £1,260,000—Estabelecida em 1836.

Para effectuar seguros sobre propriedades, mercadorias, mobilia e generos de quasi toda a qualidade. Premio de 5/8 até 1/2 0/0 ao anno.—Agentes, C. J. Astley & C.

Compras.

— Compram-se apolices da Idivida provincial, na rua das Flores n. 37 1.° andar.

— Na rua da Gloria n. 31 compra-se uma escrava moça, e de bons costumes.

— Compram-se mulambos velhos para envernisar: na rua da Cadeia de Santo Antonio n. 18, loja de marcineiro.

— Compra-se o sitio da estrada de João de Barros pertencente ao Sr. capitão Francisco de Paula Lopes Vianna: quem se julgar com direito a elle dirija-se a rua do Pilar, taberna do Sr. Joaquim Antonio Rodrigues Sobrinho.

— Compra-se effectivamente, latão, bronze e cobre velho: no deposito da fundição da Aurora, na rua do Brum, logo na entrada n. 28, e na mesma fundição, em Santo Amaro.

— Compram se bois de cambão, fortes e gordos: na rua da Senzala Velha n. 70, segundo andar.

— Compra-se um sellim em bom estado para montaria de senhora: na rua da Cruz n. 21, terceiro andar.

— Compra-se um colxão e um ou dous travesseiros de vento, inglezes, novos ou usados: quem tiver e quizer vender, dirija-se a rua do Torres n. 38, segundo andar.

Vendas.

— Vende-se um bonito cavallo rodado, novo, gordo, sem achaques, carregador baixo a meio: para ver e tratar na rua das Cruzes n. 9, das 8 as 10 da manhãa, e das 3 as 5 horas da tarde.

— Vende-se herva matte muito superior a 240 rs. a libra: na rua Direita n. 72.

— Vende-se dous pares de caixilhos para alcova, e dous taixos de cobre, sendo um grande e outro pequeno: na rua da Cruz n. 21, terceiro andar.

— Vende-se uma casa terrea meia-agua no lugar dos Açougüinhos n. 5, por preço razoavel: os pretendentes dirijam-se a sua proprietaria Victoria Maria da Conceição, no caes do Collegio n. 11.

— Vendem-se 4 vaccas de leite da melhor qualidade, 2 paridas e 2 a parir, sendo do pasto e de corda. Tambem se vendem 2 vitelas e uma vacca para matar: a tratar no Salgadinho, sitio da Sra. D. Maria do Passo.

Armazem,
RUA DA CRUZ N. 41.

J. Praeger & C., avisam aos seus freguezes e ao publico em geral, que continuadamente conservam um grande deposito de generos alimenticios de todas as qualidades, como

Presuntos de Westphalia, de optima qualidade.
Salames sortidos.
Queijos verdes suissos e de Limbargo.
Caviar em latas de uma libra.
Harenques em barris de 25.
Sardinhas frescas em sal, em barris de 5 e 4 arrobas.
Feijão verde em barris.
Repolho dito.
Biscoitos de Hamburgo.
Conservas inglezas (Pickles) e fructas de diversas qualidades.
Doces em potes.
Molhos para todas as comidas, tanto para carne como para peixe.
Alcaparres.
Azeite doce.
Conservas finas francezas, consistindo em comidas de carne, peixe, etc. e hortalices.
Cha', Tecco, congo de excellente qualidade.

Tambem receberam ultimamente um rico sortimento de vinhos finos, como: Champagne, as marcas mais acreditadas na Europa, de Bruch Toucher & C., Renaudin Bollingert & C., vinho do Rheno, Bordeaux muito fino, marca Pichon Sougueville, do Porto, Sherry, Madeira, Lisboa, Cognac branco, Pale Brandy muito recommendavel pela optima qualidade do mesmo, Rhum da Jamaica e de Cuba, agua de Kirsch, Wermouth, Bitter (licôr amargo), Licores, o sortimento mais variado possivel, consistindo em mais de doze qualidades, como: de Cereja, Rosa, Café, Persica, Framboise, Canella, Parfait-amour, Cherry Cordeal, Hortelãa Pimenta, Marrasquine de Java, Baunilha, Annisete, Coração, extracto de ponche feito de Rhum de Arrac, Xarope de vinagre, etc., etc.

Todos estes generos vendem-se a modicopreço.

TAIXAS DE FERRO.

Na fundição da Aurora em Santo Amaro, e tambem no DEPOSITO na rua do Brum, logo na entrada, e defronte do arsenal de marinha, fia sempre um grande sortimento de taixas, tanto de fabrica nacional como estrangeira, batidas, fundidas, grandes, pequenas, razas e fundas; e em ambos os lugares existem guindastes para carregar canôas ou carros, livres de despezas. Os perços são os mais com modos.

Xarope do Bosque verdadeiro
RUA LARGA DO ROSARIO N. 36.

Continúa a vender-se este xarope (do qual são agentes no Rio de Janeiro os Srs. Yates & Companhia, rua do Hospicio n. 40), na botica do abaixo assignado, que garante ser verdadeiro.

Bartholomeo Francisco de Souza.

Na loja das seis portas
Em frente do Livramento

Lenços de seda para pescoço de senhoras a dez tustões, chales de merinó de todas as cores a quatro mil e quinhentos, chales escuros a duas patacas, chales de cassa adamascados a sello, riscados francezes de bonitos padrões para vestidos a dous tustões o covado, chaly de flores a duas patacas, e outras muitas fazendas que quer trocar por sedulas, sendo os preços os mais commodos que he possivel, a dinheiro á vista.

Pechincha para os pés.

Na rua do Livramento n. 41, vendem-se sapatos francezes de marroquim e couro de lustre, para homens e senhoras a 560, 600, 800 e 1$000, ditos de panno a 560 e 600 rs., botins de marroquim para meninos a 1$ e 1$280; a elles, antes que se acabem.

Attenção.

Vendem-se 16 arrobas de cacáo, de superior qualidade; na rua do Torres n. 38.

— Vendem-se muito em conta saccas com um alqueire de feijão macaça, muito proprio para quem tiver porção de escravos, não se enjeita dinheiro por se precisar de fechar contas: na travessa da Madre de Deos, armazens dos Srs. Manoel Tavares Cordeiro, Martins & Pinto e João Tavares Cordeiro, ou na rua do Brum, armazem n. 22.

Na loja das seis portas
Em frente do Livramento.

Alpaca de quadros para vestidos de senhoras a doze vintens o covado, cassas escocezas a doze vintens o covado, córtes de cassa com sete varas a quatro patacas e meia o corte, madapolões com toque de avaria a dous mil e quinhentos e tres mil reis, chitas e riscados a quatro mil reis a peça, riscado trançado para roupa de escravos a seis vintens o covado, e muitas outras fazendas que se querem acabar antes de festa; approveitem que a occasião he favoravel para se enrouparem com pouco dinheiro.

— Vende-se por 1:500$ ou hypotheca-se por 800$ um sitio em Tigipió, terras proprias, com casa grande de taipa em bom estado e toda envidraçada, cocheira e estribaria de pedra e cal, com muitos arvoredos de fructos, terra para plantação, riacho corrente todo o anno: as pessoas que o pretenderem dirijam-se ao aterro da Boa-Vista n. 17, a fallar com Frederico Chaves, que tem todos os poderes necessarios.

Superior cal de Lisboa.

Vende-se superior cal de Lisboa: no armazem de Novaes & C., rua da Madre de Deos n. 12, por preço commodo.

Encantos das senhoras, tormentos dos paise maridos.

Chales de merinó bordados a velludo, ditos de casemira estampados, ditos de lãa e seda, e todos de um gosto nunca visto neste mercado, e só agora conduzidos pela barca franceza «Conte Roger»: na rua do Queimado n. 39, loja pintada de amarello, esquina da Congregação.

— Vende-se uma preta crioula muito em conta, e á vista do comprador se fara' ver a precisão: na rua do Vigario n. 14.

— Na rua Nova n. 42, defronte da igreja da Conceição, vendem-se velas de carnauba da primeira qualidade, iguaes as da fabrica Pernambucana, por preço muito commodo, a 12$ a arroba.

Aterro da Boa-Vista n. 60, nova loja de Gama & SILVA.

Nesta loja vendem-se por menos preço do que em qualquer outra parte, as seguintes fazendas: asseverando-se que são das ultimamente chegadas ao mercado. Córtes de fustão acolchoado, e brins de linho puro para calças, cada um 2$500, superiores bretanhas de linho, cada peça de 6 varas por 3$500, meltpomene para vestidos, e outras muitas fazendas finas a vontade do comprador. Todas estas fazendas trocam-se por dinheiro.

DEPOSITO DA FABRICA
Industria Pernambucana,
RUA DO CRESPO N. 9.

A fabrica de sabão e velas de carnauba, estabelecida na rua do Brum, tem estabelecido um deposito na rua do Crespo n. 9, para ahi unicamente dar extracção aos seus productos, proporcionando assim a maior commodidade aos consumidores. As velas manufacturadas nesta fabrica, offerecem as vantagens seguintes: são feitas com a carnauba simples purificada pelo meio do vapor, são inodoras e bellas na apparencia, queimam com igualdade e não esborram, e não fazem murrão e dão mais luz e mais clara do que as velas stearinas ou de qualquer composição, e que se vendem no mercado. Fabricam-se de 6, de 7 e de 10 em libra, vendendo-se em caixas que contem 192, 224 ou 320 velas cada uma pelo preço de 15$.

O sabão he branco, as materias primas de que he fabricado são simples e inofensivas, o cheiro que deixa na roupa he agradavel; rivalisa com o melhor sabão hespanhol e he superior ao sabão americano, que se vende no mercado a 240 rs. a libra.

Vende-se igualmente em caixas de arroba e a preço de 160 rs. cada libra.

Os incredulos comprando reconhecerão por experiencia a veracidade do que se annuncia.

Na loja das seis portas
Em frente do Livramento

Córtes de cassa pintados com sete varas a cinco patacas, cambraia lisa com oito varas, córtes que dão para dous e tres babados a tres mil reis, lenços de retroz francezes a dez tustões cada um, lenços de seda para pescoço de senhora a dez tustões, lenços de garça o melhor que tem no mercado a dous mil reis, lenços para mão de senhora com bico largo a dez tustões: de tudo se dá amostra, levando penhor que cubra o valor do que se quer trazer.

Luvas de pellica muito novas para homem e senhora, o par a 1$280 na rua do Queimado na bem conhecida loja de miudezas da boa fama n. 33.

Cemento.

Vende-se cemento novo, em barricas e meias barricas, e a retalho, por preço muito em conta: na rua da Cadeia de Santo Antonio n. 17.

Na loja das seis portas.
Em frente do Livramento.

Manguitos bordados com recorte a dez tustões, camisas para senhora bordadas a dous mil reis, collarinhos para senhora a pataca, e bordados a dez tustões, camisas de cambraia a cinco patacas, aventaes para meninas a dez tustões, filó preto para camisas e enfeites de senhoras a quatro patacas a vara, filó de linho liso e bordado, e outras muitas fazendas de algodão, de linho e seda, por preços que agradam ao comprador.

Chapéos do Chyli verdadeiros.

Vendem-se chapéos finos da verdadeira palhinha do Chyli, por preço commodo; na rua da Cruz n. 26, primeiro andar.

— Vendem-se canastras pequenas com batatas muito novas, por preço commodo: no armazem do caes da alfandega n. 3, de Paula Lopes.

— Vende-se cha' preto de superior qualidade, chegado ultimamente da America: no escriptorio de Henry Forster & C., rua do Trapiche Novo n. 8.

Braços Romão & Companhia.

Vendem-se na rua do Queimado, loja de ferragem n. 32, braços de Romão de diversos tamanhos, muito proprios para balcão: vendem-se muito barato para acabar.

MUITA ATTENCAO'.

Vendem-se mantinhas de seda para pescoço de senhora e meninas, muito baratas: na loja de M. Ferreira de Sa, na rua da Cadeia do Recife, esquina que volta para a Madre de Deos.

— Vende-se superior aguardente de França (cognac), em duzias de garrafas, por preço commodo: na rua da Cruz n. 26, primeiro andar.

— Na rua da Cruz n. 10, casa de Henr. Brunn & Companhia, vendem-se barricas com cemento.

VASOS E ESTATUAS

Vendem-se vasos e estatuas de louça, proprios para jardim ou cataeumbas: na rua do Amorim armazem n. 41.

Na loja de Antonio Francisco Pereira, na rua do Crespo n. 4, e na de Porto & C., na praça da Independencia n. 39, vendem-se grinaldas de sempre-vivas, vindas de Paris, com inscripções e sem ellas, para serem collocadas sobre tumulos, catecumbas e sepulturas, no cemiterio publico, no dia 3 de novembro, finados.

Manual eleitoral

Vende-se o manual eleitoral, contendo a lei regulamentar das eleições, e os decretos e decisões do governo: accrescentado com a lei das incompatibilidades, lei dos circulos, com instrucções novissimas, por 1$600: na livraria ns. 6 e 8, da praça da Innependencia.

UM VESTIDO POR 2$000.

Novo e completo sortimento de córtes de vestido de chita de differentes padrões, cores fixas, pelo diminuto preço de 2$ cada corte: na loja de 4 portas, na rua do Queimado n. 10.

— Em casa de Henr. Brunn & Companhia, na rua da Cruz n. 10, vende-se cognac em caixinhas de duzia.

— Vende-se um preto crioulo de 25 a 26 annos de idade, bonita figura, bom padeiro, sem achaque, bem reforçado: na rua da Cruz n. 28.

Muita attenção, pois he pechincha.

Córtes de vestido de cassa de cor fixa, com 12 varas, de padrões modernos, com um pequeno defeito nas orelhas, pelo diminuto preço de 1$800, 2$000 e 2$200 cada um: na loja da rua do Queimado n. 46.

Relogios

cobertos e descobertos, pequenos e grandes, de ouro e prata, patente inglez, para homem e senhora, de um dos melhores fabricantes de Liverpool, vindos pelo ultimo paquete inglez: em casa de Southall Mellor & Companhia, rua do Torres n. 38.

A 1$280 o par de luvas de pellica,

muito novas e muito fresquinhas, chegadas no ultimo vapor francez: na rua do Queimado, na bem conhecida loja de miudezas da boa fama n. 33.

Relogios de patente

inglezes de ouro, de sabonete e de vidro: vendem-se a preço razoavel, em casa de Augusto C. de Abreu, na rua da Cadeia do Recife, armazem n. 56.

Fazendas boas e baratas.

Na loja do barateiro da rua da Cadeia do Recife n. 50, defronte da rua da Madre de Deos, acharão os freguezes bom sortimento de fazendas de boas qualidades, que a dinheiro a' vista se vendem por baratissimo preço, tanto em atacado como a retalho, havendo entre muito variedade boas chitas de cores fixas de diversos padrões, o covado a 160, 180 e 200, e a peça 6$, 6$500, 6$800 e 7$, cortes de cassa de cores bonitos padrões, que não desbotam, com 7 varas, pelo diminuto preço de 1$600, riscados e chitas largas francezas modernas, o covado a 240, 280, 300, 320 e 400, cassas francezas de cores a 360 a vara, ditas em cortes de 12 e 13 varas muito finas com fazenda para vestido e para folho, desenhos differentes, pelo barato preço de 8$, cortes de andelina de seda cor de rosa e azul com fazenda para refego e folho a 14$ e 15$, córtes de sedas escocezas largas de bonitos gostos a 28$, grosdenaple preto superior para vestido a 2$ e 2$200 o covado, chales de merino fino sem barra com franja de retroz a 5$500, ditos de chaly com barra assetinada a 6$500, ditos de merino bordados de cores a 8$, ditos muito finos bordados de uma so cor a 9$, e alem destas outras muitas fazendas, que como ácima fica dito, se vendem baratas; dão-se amostras, e a loja está aberta de noite.

— Vende-se o sitio com casa de sobrado do fallecido George Kenworthy, no lugar de S. José do Manguinho, com arvoredos de fructo e mais bemfeitorias que nelle se acham, sendo as terras do referido sitio proprias: quem o pretender procure em casa de Samuel P. Johnston & Companhia, rua da Senzala Nova n. 42.

AGENCIA
Da fundição Low-Moor, rua da Senzala-Nova n. 42.

Neste estabelecimento continúa a haver um completo sortimento de moendas e meias moendas para engenho, machinas de vapor e taixas de ferro batido e coado de todos os tamanhos para dito.

Lenços de cambraia de linho
A 320, 400, 500, e 640 cada um.

Vendem-se na rua do Crespo, loja da esquina que volta para a rua da Cadeia.

LABYRINTHOS.

Vendem-se lenços e toalhas de labyrintho, assentado em fina cambraia de linho: na rua da Cruz n. 34, primeiro andar.

Attenção ao barateiro.

Na loja do barateiro, na rua da Cadeia do Recife n. 50, defronte da rua da Madre de Deos, ha para vender alem de muitas fazendas que em porção e a retalho se vendem por baratos preços, hamburgo ou brim liso fino de puro linho proprio para calças, toalhas, ceroulas e lençoes, em peças de 20 varas a 9$600 e 10$, dito mais cheio de boa qualidade, peças de 30 varas a 12$ e 13$500, panno de linho fino a 640 a vara ou 8$ a peça de 12 1/2 varas, estando-se a acabar, panno de linho fino para lençoes com 2 varas de largura a 3$400 a vara, córtes de brim de linho de cores para calça, padrões novos a 3$200, ditos de fustão de cores e brancos para colletes a 800 e 1$, casemira preta fina a 2$, 2$600 e 3$600 o covado, panno azul grosso a 1$800 o covado, panno fino preto e azul de boas qualidades a 3$500, 4$000, 4$500, 5$ e 6$, camisas francezas brancas a 1$760 cada uma, e 20$ a duzia, ditas muito finas com peitos e collarinhos de cores e brancos a 2$500 ou a 30$ a duzia, madapolão fino para camisas a 1$600, 5$ e 5$600 a peça, e mais baixo para 3$200, 3$500, 3$600, 3$800 e 4$, esguião bom para peitos a 1$400, e muito fino a 1$800 e 2$ a vara, e a peça por 14$, 18$ e 20$, peitos para camisa brancos e de cores com punhos e collarinhos, por barato preço, assim como outros muitos objectos indispensaveis.

COM PEQUENO TOQUE DE AVARIA.
Peças de madapolão fino.

Vendem-se na rua do Crespo, loja da esquina que volta para a rua da Cadeia.

AO BARATO.

Na rua Nova loja n. 8 de José Joaquim Moreira.

Vendem-se luvas de pellica para homem e senhora das mais frescas e novas que ha no mercado, pelo baratissimo preço de 1$280 o par.

CAL E POTASSA

Vende-se potassa da Russia e americana, chegada nestes dias e de superior qualidade; cal de Lisboa da mais nova que ha no mercado: nos seus depositos na rua de Apollo n. 1 A, e 2 B.

TOALHAS PARA ROSTO

e mesa de puro linho; vendem-se na rua do Crespo, loja da esquina, que volta para a rua da Cadeia.

Cal de Lisboa e potassa.

Na rua do Trapiche armazens ns. 9 e 11, vende-se superior potassa da Russia e americana, cal virgem de Lisboa, da mais nova que ha no mercado

Relogios
de ouro patente inglez, cobertos e descobertos,

do melhor fabricante de Londres: vendem-se por preços razoaveis, na escriptorio do agente Oliveira, rua da Cadeia do Recife n. 68, primeiro andar.

Deposito de cal e potassa.

Na rua da Cadeia do Recife, loja n. 50, defronte da rua da Madre de Deos, continua-se a vender superior cal de Lisboa em pedra, recentemente chegada, e potassa russiana nova, de superior qualidade a preço commodo.

— Vende-se a taberna da rua da Cadeia de Santo Antonio n. 26: a tratar na mesma.

Moinhos de vento

com bombas de repuxo para regar hortas e baixa de capim: na fundição de D. W. Bowman, na rua do Brum ns. 6, 8 e 10.

— Em casa de Saunders Brothers & C., praça do Corpo Santo n. 11, ha para vender o seguinte:
Ferro inglez.
Pixe da Suecia.
Alcatrão de carvão.
Lonas de linho.
Esponjas.
Drogas.
Algodão lizo para saccas.
Dito entrançado igual ao da Bahia.
E um completo sortimento de fazendas proprias para este mercado: tudo por preço commodo.

Farinha de mandioca.

Vende-se superior farinha de Santa Catharina, em saccas que tem um alqueire (medida velha) por preço commodo: no armazem de Novaes & C., na rua da Madre de Deos n. 12.

A 3$500

Vende-se cal de Lisboa ultimamente chegada, assim como potassa da Russia verdadeira: na praça do Corpo Santo n. 11.

— No pateo do Carmo n. 2, vende-se estamenha legitima para terceiros franciscanos, e peneiras de arame para os senhores refinadores e padeiros.

TAIXAS PARA ENGENHO.

Na fundição de ferro de D. W. Bowmann na rua do Brum, passando o chafariz, continúa haver um completo sortimento de taixas de ferro fundido e batido de 3 a 8 palmos de bocca, as quaes acham-se a venda, por preço commodo e com promptidão: embarcam-se ou carregam-se em acrro sem despeza ao comprador.

—Vende-se em casa de S. P. Johnston & C., rua da Senzala-Nova n. 42, sellins inglezes, chicotes de carro e de montaria, candieiros e castiçaes bronzeados, relogios patente inglez, barris de graxa n. 97, vinho Cherry em barris, camas de ferro, fio de vela, chumbo de munição, arreios para carro, lonas inglezas.

Cobertores de lãa hespanhóes muito encorpados e grandes.

Vendem-se na rua do Crespo, loja da esquina que volta para a rua da Cadeia.

— A verdadeira gracha ingleza n. 97, em barricas de 15 duzias de potes: em casa de James Crabtree & C., rua da Cruz n. 42.

Attenção.

Na rua do Crespo
Esquina a voltar
Para a rua da Cadeia
Muito ha que admirar.

Vendem-se colchas brancas adamascadas a 5$000 cada uma, panninho preto e de cor a 120 o covado, cortes de calça de casemira de cor a 1$ e 5$, ditos de casemira preta enfestada a 4$800, ditos de dita franceza superior a 6$500, ditos muito superiores a 8$, ditos de brim amarello e pardo de puro linho a 1$600, ditos escuros de quadros a 1$000, ditos de ganga amarella a 1$200, córtes de cassa chita com 7 varas a 1$500, cobertores escuros e brancos a 800 rs., riscado escuro largo e muito encorpado a 160 o covado, lãazinha de quadros propria para vestidos a 440 o covado, e outras muitas fazendas por preço commodos.

Na rua Nova n. 22, loja do relojoeiro, ha para vender bico de blond de seda branco e preto, por preço muito em conta.

— Vende-se um excellente carro de quatro rodas com uma das melhores parelhas que aqui ha: na cocheira do Sr. Adolpho Bourgois, rua Nova n. 61.

AVISO AS MOÇAS.

Damos os parabens as nossas bellas pianistas; acaba de chegar do Rio e acha-se a' venda na rua Nova n. 9, loja de Domont, uma rica e variada collecção de bonitas valsas, polkas, schottisch e quadrilhas, tudo novo e do melhor gosto; tambem existem lindas arias, cavatinas e modinhas para piano e canto; assim não ha melhor occasião de refazerem os seus repertorios, botando para longe todas essas velhas musicas, que por falta de outras, ouviamos tocar todos os dias; agora não deve haver queixa, quem não tocar boas musicas he porque não quer, pois com qualquer cinco tustões se tem uma valsa ou polka para piano.

Vinho do Porto, superior chamiço.

Em caixas de 2 duzias e em barris de oitavo, recentemente chegado pelo brigue «Trovador»; vende-se unicamente no armazem de Barroca & Castro, na rua da Cadeia do Recife n. 4.

NA LOJA DA BOA FE'

vende-se muito barato córtes de calça de bonitas casemiras de algodão a 1$120, ditos de fustão para collete a 600 rs., brim trançado branco de puro linho a 1$440 rs. a vara, dito dito de cor idem a 800 rs., dito dito pardo idem a 560 rs., dito de quadrinhos miudos a 200 rs. o covado, madapolão fino n. 6 a 4$ a peça, algodão de listras a 160 rs. o covado, chales de algodão de bonitos padrões a 800 rs., ganga amarella franceza de quadros, de listra e lisa a 320 rs. o covado, e outras muitas fazendas que se vendem por muito menos que em outra parte: na rua do Queimado n. 33, na bem conhecida loja da boa fé, defronte da loja de miudezas da boa fama.

A boa fama
Vende barato:

Duzias de tezouras para costura a	1$000
Ditas muito finas e grandes a	1$200
Pecinhas de bicos estreitos a	560
Caixinhas com agulhas francezas a	160
Caixas com linhas de marcar a	280
Braceletes encarnados para senhoras a	200
Meias brancas finas para senhora a	240
Meadas de linhas finas para bordar a	100
Grozas de botões madreperola finos a	600
Grozas de botões finos de osso para calças a	280
Fivelas douradas para calças e colletes a	120
Pentes finos para alizar cabellos a	300
Peças de fitas de linho com 6 varas a	50
Caxinhas com colchetes francezes a	60
Carriteis de linha fina de 200 jardas a	80
Macinhos de 40 grampas muito boas a	50
Suspensorios para homem e menino a	40
Duzias de torcidas para candieiro a	80
Carteiras finas para algibeira a	600
Canetas para pennas de aço a	20 e 40
Meias brancas e cruas para homem a	160 e 200
Trancinhas de lãa de caracões peça a	80
Duzias de pentes de chifre para alizar a	800
Groza de botões de louça pintados a	240
Peças de fitas de cor com 10 varas a	320 e 360
Carriteis de linha autor Alexandre a	40
Meadinhas de linha preta muito boa	20
Cartas de alfinetes com 25 pentes a	140
Duzias de pentes abertos para atar cabellos a	2$200
Meias brancas e de cores para meninos a	240 e 320
Grozas de fivellas para sapatos a	560
Caixinhas de páo com palitos de fogo a	20
Castões para bengalas a	40
Sapatinhos de lãa para crianças a	300
Trancelins pretos para relogios a	140
Escovinhas finas para dentes a	120
Caixinhas com grampos a	160
Babado aberto de linho varas a	120 e 140
Dito bordado muito bonito vara a	200
Caixinhas para guardar phosphoros a	160
Carteiras com agulhas a	320
Caxinhas com obreias de colla a	160
Escovinhas para limpar pentes a	320
Agulheiros muito bonitos a	200
Peças de fitas largas lavradas com 11 varas a	2$500
Libras de linha preta e de cor a	1$200
Libras de linha fina n. 100 e 120 a	2$000
Duzias de caixas de chifre para rapé a	720
Maços de palitos para dentes a	100

Além de tudo isto outras muitissimas miudezas que se vendem muito mais barato do que em outra qualquer parte: na rua do Queimado na bem conhecida loja de miudezas da boa foma n. 33.

Navalhas a contento.

Continua-se a vender a 8$000 o par (preço fixo) e já bem conhecidas navalhas de barba, feitas pelo habil fabricante que ha sido premiado em diversas exposições; vendem-se com a condição de não agradando poder o comprador devolve-las até 30 dias depois da compra, restituindo-se a importancia: em casa de Augusto C. de Abreu, na rua da Cadeia do Recife n. 36.

—Em casa de Rabe Schmettau & C., rua da Cadeia n. 57, vende-se:
Um grande sortimento de vidros de espelho.
Relogios finos de patente inglez.
Ditos ditos de patente suisso.
Couros de graxa.
Ervilhas seccas em garrafões.
Vinho do Rheno superior.
Conservas alimentarias de boas qualidades.
Tudo por preço commodo.

VENDE-SE

Graxa de patente, prova d'agua, para arreios de carro.

Vinho do Rheno de qualidades especiaes—Johannisberg e Marcobrunner.

No armazem de C. J. Astley & C.

REMEDIO IMCOMPARAVEL.

UNGUENTO HOLLOWAY.

Milhares de individuos de todas as nações podem testemunhar as virtudes deste remedio incomparavel, e provar em caso necessario, que, pelo uso que delle fizeram, tem seu corpo e membros inteiramente sãos, depois de haver empregado inutilmente outros tratamentos. Cada pessoa poder-se-ha convencer dessas curas maravilhosas pela leitura dos periodicos que lh'as relatam todos os dias ha muitos annos; e a maior parte dellas são tão sorprendentes que admiram os medicos mais celebres. Quantas pessoas recobraram com este soberano remedio o uso de seus braços e pernas, depois de ter permanecido longo tempo nos hospitaes, onde deviam soffrer a amputação! Dellas ha muitas, que havendo deixado esses asylos de padecimento, para se não submetterem a essa operação dolorosa, foram curadas completamente, mediante o uso desse precioso remedio. Algumas das taes pessoas, na efusão de seu reconhecimento, declararam estes resultados beneficos diante do lord corregedor, e outros magistrados, afim de mais autenticarem sua affirmativa.

Ninguem desesperaria do estado de sua saude se tivesse bastante confiança para ensaiar este remedio constantemente, seguindo algum tempo o tratamento que necessitasse a natureza do mal, cujo resultado seria provar incontestavelmente: Que tudo cura!

O unguento he util, mas particularmente nos seguintes casos.

Alporcas.	Inflammação da matriz.
Caimbras.	Lepra.
Callos.	Males das pernas.
Canceres.	— dos peitos.
Cortaduras.	— de olhos.
Dores de cabeça.	Mordeduras de reptis.
— das costas.	Picadura de mosquitos.
— dos membros.	Pulmões.
Enfermidades da cutis em geral.	Queimadelas.
Enfermidades do anus.	Sarna.
Erupções escorbuticas.	Supurações putridas.
Fistulas no abdomen.	Tinha, em qualque parte que seja.
Frialdade ou falta de calor nas extremidades.	Tremor de nervos.
Frieiras.	Ulceras na bocca.
Gengivas escaldadas.	— do figado.
Inchações.	— das articulações.
Inflammação do figado.	Veias torcidas ou nodadas nas pernas.
— da bexiga.	

Vende-se este unguento no estabelecimento geral de Londres n. 244, Strand, e na loja de todos os boticarios, droguistas e outras pessoas encarregadas de sua venda em toda a America do Sul, Havana e Hespanha.

Vende-se a 800 rs. cada bocetinha, contem uma instrucção em portuguez para explicar o modo de fazer uso deste unguento.

O deposito geral he em casa do Sr. Soum, pharmaceutico, na rua da Cruz n. 22, em Pernambuco.

A ttenção!

Na rua do Trapiche n. 34, ha superior rapé Princeza do Brasil, chegado recentemente do Rio de Janeiro, em qualidade pouco differe do de Lisboa, ao passo que custa apenas 1$400 a libra; a elle antes que acabe, pois a remessa he pequena.

ROB LAFFECTEUR.

Unico autorisado por decisão do conselho real e decreto imperial.

Os medicos dos hospitaes recommendam o arrobe de Laffecteur, como sendo o unico autorisado pelo governo e pela real sociedade de medicina. Este medicamento de um gosto agradavel e facil a tomar em secreto, esta em uso na marinha real desde mais de 60 annos; cura radicalmente em pouco tempo com pouca despeza, sem mercurio, as affecções da pelle, impingens, as consequencias das sarnas, ulceras e os accidentes dos partos, da idade critica e da acrimonia hereditaria dos humores; convem aos catarrhos, a bexiga, as contracções e a fraqueza dos orgãos, procedida do abuso das injecções ou de sondas. Como anti-syphilitico o arrobe cura em pouco tempo os fluxos recentes ou rebeldes, que volvem incessantes em consequencia do emprego da copahiba, da cubeba ou das injecções que representem o virus sem neutralisa-lo. O arrobe Laffecteur he especialmente recommendado contra as doenças inveteradas ou rebeldes ao mercurio e ao iodoreto de potassio.--Lisboa.--Vende-se na botica de Barral e de Antonio Feliciano Alves de Azevedo, praça do D. Pedro n. 88, onde acaba de chegar uma grande porção de garrafas grandes e pequenas vindas directamente de Paris, de casa do dito Boyveau-Laffecteur 12, rua Richelieu a Paris. Os formularios dão-se gratis em casa do agente Silva, na praça de D. Pedro n. 82.--Porto, Joaquim Araujo; Bahia, Lima & Irmãos; Pernambuco, Soum; Rio de Janeiro, Rocha & Filhos; e Moreira, loja de drogas; Villa Nova, João Pereira de Magales Leite; Rio Grande, Francisco de Paula Couto & C.

POTASSA E CAL VIRGEM.

No antigo e já bem conhecido deposito da rua da Cadeia do Recife, escriptorio n. 12, ha para vender muito superior potassa da Russia, dita do Rio de Janeiro e cal virgem de Lisboa em pedra, tudo a preços muito favoraveis, com os quaes ficarão os compradores satisfeitos.

Escravos fugidos.

— Fugio de bordo do patacho «Valente» no dia 23 de setembro o preto Januario com os signaes seguintes: nação Benguella, idade 40 annos, côr preta, rosto comprido, nariz chato, olhos pretos, barba cerrada; pede-se a's autoridades policiaes e capitães de campo o prendam e levem a rua da Cadeia do Recife n. 2, que sera' recompensado.

— Fugio de bordo da escuna nacional «Linda», o escravo marinheiro Fintano, em occasião de sua sahida para o Rio de Janeiro no dia 28 do mez passado, com os signaes seguintes: idade 22 annos, pouco mais ou menos, cor retinta, altura regular, sem falta de dentes, pés grandes, crioulo, nariz chato, gosta muito de rir-se; levou camisa e calça de algodão azul e bonet de marinheiro; quem o pegar leve-o a rua do Vigario n. 5, que recebera' 100$ de gratificação.

— Fugio hontem as 7 horas da noite um escravo mulato, de nome Thomaz, alto, reforçado do corpo, com marcas de bexigas, pernas grossas e nellas marcas de cicatrizes nas canellas, falla com muita mancidão; levou camisa de panno azul grosso guarnecida de ourello branco nas hombreiras e punhos, aberta na frente em forma de palitó: este escravo he natural da Parahiba, e foi escravo do Sr. Carlos Coelho que o houve por herança de seu sogro José Joaquim de Souza daquella cidade, e foi comprado pelo abaixo assignado ao Sr. Hilario de Athayde Vasconcellos Junior, morador no engenho Tapua, freguezia do Pilar da dita provincia: quem o pegar leve-o a rua da Concordia a Pedro Antonio Teixeira Guimarães, que sera' generosamente gratificado. Recife 1. de outubro de 1856.

Pedro Antonio Teixeira Guimarães.

— No dia 1.° de agosto do corrente anno, fugio do engenho Santa Rita, da comarca do Rio Formoso, um escravo, crioulo, de nome Vicente, de idade de 15 annos, com os signaes seguintes: secco do corpo, rosto comprido, cabeça um tanto grande, pernas finas, pés compridos, em todo corpo existem marcas de cicatrizes de castigos que tem soffrido pelas continuadas fugidas: quem o apprehender leve-o ao dito engenho, ou no largo do Carmo n. 16, onde se gratificara' generosamente.

— Fugio no dia 21 do corrente mez, as 7 horas da manhãa, a escrava de nome Ignez, de cor parda, cabellos pretos, lisos e cortados, de idade 26 annos, pouco mais ou menos, estatura baixa, cheia do corpo, com falta de um dente na frente, cabeça um pouco comprida para cima, levou vestido de algodão mesclado e por cima uma saia de baeta azul: quem a pegar pode levar a casa do coronel Muniz Tavares, rua da Gloria n. 9, que sera' bem pago de seu trabalho.

PERN.: TYP DE M. F. DE FARIA. 1856

ILEGÍVEL